

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

LUCIANA SCOGNAMIGLIO DE OLIVEIRA

A perspectiva científica de Monteiro Lobato na obra *O poço do Visconde*: um estudo à luz da História da Ciência

Doutorado em História da Ciência

2011

LUCIANA SCOGNAMIGLIO DE OLIVEIRA

A perspectiva científica de Monteiro Lobato na obra *O poço do Visconde*: um estudo à luz da História da Ciência

DOUTORADO EM HISTÓRIA DA CIÊNCIA

Tese apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para a obtenção do título de Doutor em História da Ciência pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Maria Alfonso-Goldfarb

São Paulo

2011

OLIVEIRA, Luciana Scognamiglio de

A perspectiva científica de Monteiro Lobato na obra *O poço do Visconde*:  
um estudo à luz da História da Ciência

São Paulo, 2011

147 p.

Tese (Doutorado) – PUC – SP

Programa História da Ciência

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Alfonso-Goldfarb

Banca Examinadora

---

---

---

---

---

Autorizo, exclusivamente, para fins acadêmicos e científicos a reprodução total ou parcial desta tese por processos fotocopiadores ou eletrônicos.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Local e data: \_\_\_\_\_

luciana-de@uol.com.br

*Ao grande amigo Juca, pela confiança e pelo  
prazer de sua companhia...*

## **Agradecimentos**

Em especial, à Professora Doutora Ana Maria Alfonso-Goldfarb pelo privilégio de sua orientação. Demonstrando a cada encontro seu entusiasmo pela História da Ciência, com sua postura exigente, humana e sempre atenciosa, possibilitou-me o (re) encaminhamento desta pesquisa.

Ao Daniel e aos meus filhos queridos, Anna Carolina e Felipe, pela compreensão de minha ausência em diversos momentos importantes, enquanto permaneci envolvida no estudo, diante do computador e rodeada por livros.

Aos meus pais, Roberto Scognamiglio e Lucia Maria de Souza Scognamiglio, por acreditarem na possibilidade de concretização deste trabalho e, também, por entenderem meu afastamento.

A amiga Chafiha Maria Suiti Laszkiewicz que dividiu comigo inúmeros momentos de muita dúvida, fornecendo-me sua experiência acadêmica no esclarecimento de minhas questões. Ao amigo Luiz Carlos de Oliveira pelas sugestões fornecidas e, também, pelas várias horas dedicadas a ouvir minhas descobertas. Também, a Dr<sup>a</sup>. Suely A. Almeida e a Lidia Spaziani pela disposição em me auxiliar.

A Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márcia Helena Mendes Ferraz e Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Helena Roxo Beltran pelas contribuições de grande valia durante a qualificação. Também aos colegas de curso e, em especial, a amiga e historiadora da ciência Ana Paula que, embora distante, esteve sempre ao meu lado em pensamento.

A Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo suporte financeiro para a finalização do curso.

A um amigo mais do que especial que me acompanhou durante todo o processo, fortalecendo-me e guiando-me pelo universo extraordinário de sua produção literária... Muito obrigada!



## Resumo

O objeto de estudo desta tese concentra-se na análise da obra *O poço do Visconde* (1937), de José Bento Monteiro Lobato. Referida análise tem como ponto de partida a contextualização do período, por meio da identificação de elementos históricos, científicos e filosóficos que permearam a produção desta obra.

A idolatria de Lobato pelos EUA, a necessidade do investimento em ciência, principalmente na extração do petróleo, bem como sua postura em defender um novo modelo de escola, são relacionados ao seu patriotismo incondicional, na defesa econômica de um Brasil que favorecesse a todos.

Um exaustivo levantamento bibliográfico acerca das variadas publicações que apresentam como estudo a literatura infantil de Monteiro Lobato, demonstrou uma significativa ausência de abordagem que considere o contexto de produção como componente fundamental para sua apreciação. Esta falta de compromisso desvirtua a compreensão da obra e reduz de maneira considerável o correto julgamento da produção.

Com a possibilidade de interface entre Ciência e Literatura, propõe-se uma revisão da postura adotada por vários estudiosos que atribuem a Monteiro Lobato rótulos inadequados.

Palavras-Chave: História da Ciência; Monteiro Lobato; Literatura Infantil

## **Abstract**

This study focuses on the analysis of the book *The Viscount's well* (1937) by José Bento Monteiro Lobato (1882-1948). In order to do so, the point of departure is a discussion of the historical, scientific and philosophical elements that knitted together the context within which this work was written.

In this way it was possible to understand that Lobato's true idolatry of the United States, his emphasis on the need to invest in science – and particularly, in the extraction of oil – as well as his defense of a new model of schools were related to his unconditional patriotism and the dream of Brazil as economically strong as to ensure the wellbeing of all its inhabitants.

However, a thorough review of the secondary literature devoted to studies on Lobato's works for children showed a significant lack of approaches holding historical context as an element of paramount importance. In this way, it is concluded that this omission leads to serious distortions in the understanding of the writings of Monteiro Lobato and significantly hinders the accurate assessment of his production.

Conversely, by interfacing Science and Literature, it is possible to revise the judgment of many scholars who attached to Monteiro Lobato unfitting labels.

Key words: History of science; Monteiro Lobato; Children's Literature

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	1
CAPÍTULO I	
PARA COMEÇAR.....	5
1.1 A presença de Monteiro Lobato na historiografia .....	6
1.2 A relação de Lobato e a escola .....	13
CAPÍTULO II	
O DESEJO DE MONTEIRO LOBATO PELO DESENVOLVIMENTO BRASILEIRO .....	23
2.1 O exemplo norte americano: as ideias de Henry Ford .....	24
2.2 Algumas reflexões sobre o poderio norte americano.....	33
2.3 A influência positivista em Monteiro Lobato para a formação de suas ideias de progresso .....	40
2.4 O tratamento da população como garantia de progresso: as ideias higienistas .	46
2.5 São Paulo: um terreno fértil para as ideias de Lobato.....	56
2.6 Para concluir: a reorganização das fontes em Lobato.....	60
CAPÍTULO III	
ENTRE FICÇÃO E REALIDADE: O <i>POÇO DO VISCONDE</i> .....	63
3.1 O petróleo como símbolo do progresso .....	64

3.2 Análise da obra <i>O poço do Visconde</i> .....	69
3.2.1 <i>A forte presença norte americana: o exemplo de progresso</i> .....	69
3.2.2 <i>As bases para o conhecimento científico: a proposta educacional e a influência positivista</i> .....	86
3.2.3 <i>O faz-de-conta como condição para a abertura do poço: a incredulidade dos adultos e a euforia das crianças</i> .....	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	122
BIBLIOGRAFIA .....	127

## INTRODUÇÃO

As conquistas científicas do início do século XX forneceram à humanidade o desejo por ampliar seus poderes. A crença na ideia de que o progresso traria o desenvolvimento às nações fundamentava-se no “avanço” científico com a promessa de garantir uma superior qualidade de vida. Neste período, os Estados Unidos da América apresentava-se no cenário mundial como referência à possibilidade de aquisição das conquistas provenientes do investimento em ciência.

Uma figura que lutou incansavelmente na busca pelo progresso brasileiro foi Monteiro Lobato (1882-1948)<sup>1</sup>, pretensão confirmada no período em que residiu em Nova Iorque. Sua estada na América foi determinante na adoção de sua postura crítica em relação à situação econômica nacional.

Nascido e criado em meio à natureza, desde pequeno já apresentava um traço forte de personalidade percebida, inicialmente, numa decisão de trocar seu nome de José Renato para José Bento por causa do desejo em herdar uma bengala de seu pai, chamado José Bento Marcondes Lobato, que trazia as iniciais J.B.M.L.

Pertencente à elite da sociedade, sua infância foi diferenciada. Na chácara do avô Visconde de Tremembé teve início seu prazer pela leitura, pela busca de conhecimento, facilitado pelo acesso a diversificada biblioteca de que dispunha.

---

<sup>1</sup> As informações biográficas encontram-se, em especial, em E. Cavalleiro, *Monteiro Lobato vida e obra*. (São Paulo: Brasiliense, 1955).

Seu contato com a cidade de São Paulo ocorreu pela primeira vez no final de 1895 quando prestou exame para admissão, preparatório para a aprovação na Faculdade de Direito. Aprovado apenas cinco anos mais tarde, seu interesse por literatura torna-se evidente, pois passou a presidir a sociedade literária da faculdade, a Arcádia, e a colaborar com publicações no jornal. A partir desse instante, não parou mais. No início de suas publicações utilizava-se de pseudônimos. A partir de 1914, o jornal *O Estado de S. Paulo* passou a publicar seus artigos e o sucesso da pesquisa de opinião pública acerca do Saci abriu-lhe a possibilidade do lançamento em 1918 de seu primeiro livro *O Saci-Pererê: resultado de um inquérito*.

Nas veias de Lobato já circulava o interesse por negócios. Apresentou um projeto para construção de uma linha férrea econômica para ligar Taubaté às divisas de Tremembé. Em outra ocasião, no lugar do Viaduto do Chá em São Paulo, elaborou uma proposta para a construção de uma galeria de lojas e mirantes para o Vale do Anhangabaú. Foi proprietário da *Revista do Brasil* e, posteriormente, fundou a Monteiro Lobato & Cia. Além disso, criou em sociedade o Sindicato Nacional de Indústria e Comércio, e envolveu-se em várias empresas petrolíferas dentre elas, Companhia Petróleo Nacional, a Companhia Petróleos do Brasil e a Companhia Matogrossense de Petróleo.

Com a nomeação concedida pelo presidente Washington Luís, em 1927, assumiu o cargo de adido comercial em Nova Iorque. Foi graças a distância que Lobato pôde avaliar a situação econômica brasileira. Por isso, diversas vezes encaminhou relatórios ao governo brasileiro com sugestões de melhorias ao Brasil e, pouco antes de retornar ao país, em 1930, escreveu uma carta endereçada a Getúlio Vargas com suas conclusões acerca dos graves

problemas nacionais que enfraqueciam a economia, como a falta de investimento em ferro e petróleo.

Como é sabido, Monteiro Lobato empenhou-se desde a época de estudante a produzir textos para o público adulto que exprimiam, na maioria das vezes, sua postura crítica diante dos acontecimentos nacionais. Apresentava sempre que possível sugestões para o desenvolvimento de seu país, utilizava-se de argumentos baseados na ciência para justificar-se. Esteve envolvido em diversas campanhas e, mal interpretado, chegou a ser preso.

Desanimado pelo fato de os governantes não atribuírem valor às conclusões que apresentava, resolveu acreditar que a situação só seria resolvida se as gerações futuras estivessem preparadas para isso. Logo, sua produção infantil tomou dimensões antes não pensadas, proporcionadas, principalmente, pelo contato com o amigo Anísio Teixeira. Um dos exemplos desse período é o livro *O poço do Visconde*, publicado pela primeira vez em 1937, objeto de nosso estudo.

Para a análise desta produção, procuramos dividir esta tese em três partes. O primeiro capítulo apresenta uma amostragem de alguns trabalhos que incluem desde biografias, memórias a produções que visam elucidar aspectos de obras específicas de Lobato. Também, há informações importantes sobre a afeição de Lobato em relação à escola.

As influências que concorreram na formação da ideia de Monteiro Lobato em defesa pelo progresso brasileiro são apresentadas no segundo capítulo: a influência norte-americana por meio do exemplo de Henry Ford, a concepção filosófica do Catecismo Positivista e a possibilidade concreta de desenvolvimento vivenciado pela cidade de São Paulo.

Por fim, no terceiro capítulo, a apreciação da se faz presente considerando-se as questões apresentadas anteriormente como parâmetro de análise a fim de possibilitar o entendimento da proposta lobatiana.

De forma diferenciada, esta tese visa analisar a obra *O poço do Visconde* de maneira a considerar todos os elementos que convergiram para sua produção, numa abordagem que promova a contextualização histórica, científica e filosófica.



## **CAPÍTULO I**

**PARA COMEÇAR...**

### **1.1 A presença de Monteiro Lobato na historiografia**

Todos aqueles que se dispõem a estudar a escritura de Monteiro Lobato, seja a partir da abordagem biográfica ou até mesmo a análise de uma obra específica, devem estar cientes do reconhecimento e posterior consulta aos inúmeros trabalhos e publicações existentes que discutem as diferentes questões que o envolveram no decorrer de sua vida.<sup>2</sup> Embora haja uma série de materiais de excelente produção, há de se considerar muitas críticas recheadas de opiniões que, muitas vezes, apresentam-se esvaziadas de sentido.

O primeiro trabalho acerca da biografia lobatiana foi escrito pelo admirador e amigo Edgard Cavalheiro, responsável pela organização e a publicação da série *Obras Completas* pela editora Brasiliense. Em *Monteiro Lobato: vida e obra*, Cavalheiro preocupou-se em pontuar um panorama considerando os aspectos cronológicos sem inserir elementos que não fossem concernentes à vida de Lobato.<sup>3</sup>

Outra publicação interessante pertence ao registro elaborado por Nelson Palma Travassos intitulado *Minhas memórias dos monteiros lobatos*. Fatos do convívio com Lobato são apresentados por meio da amizade entre ambos, lado a lado à análise crítica dos acontecimentos. Para isso, o autor fundamenta-se em periódicos, como *A Cigarra*, citações extraídas dos originais de Lobato,

---

<sup>2</sup> É importante ressaltar que preocuparemos-nos em destacar o conteúdo de algumas obras acerca de Monteiro Lobato. Porém, constam nas referências bibliográficas os demais trabalhos consultados para a elaboração desta tese.

<sup>3</sup> Para maiores informações consultar Edgar Cavalheiro, *op. cit.*

além das informações biográficas apresentadas, anteriormente, por Edgard Cavalheiro.<sup>4</sup>

Outra referência que corrobora a postura de Travassos pertence a Paulo Dantas, intitulada *Presença de Lobato*. Nela o autor oferece informações do convívio junto a Lobato, aponta para dados da personalidade e do ideário lobatiano, apoiado, também, em passagens extraídas da obra de Monteiro Lobato.<sup>5</sup>

O professor Cassiano Nunes, seja como escritor ou organizador, apresenta-nos vários estudos sobre Monteiro Lobato. Percebe-se seu interesse em expor Lobato de maneira multifacetada, considerando-se os vários momentos de sua vida. Dentre suas publicações, destaca-se a organização da obra *Monteiro Lobato vivo... .* Apoiado no registro epistolar reuniu uma visão ímpar com a apresentação de algumas correspondências de Lobato no intuito de favorecer a adequada compreensão do ideário lobatiano.<sup>6</sup>

Também, o livro *Monteiro Lobato – Furacão na Botocúndia*, de Carmen Lucia de Azevedo, Marcia Camargos e Vladimir Sacchetta, apresenta uma abordagem sobre Lobato por meio da recuperação e apresentação de alguns documentos cuja publicação tornou-se inédita.<sup>7</sup>

À exceção dos autores supracitados, outros trabalhos apresentam a abordagem de variadas questões sem preocupação do registro biográfico de Lobato. Em relação à produção da literatura infantil, é possível perceber que

---

<sup>4</sup> Ver N. P. Travassos, *Minhas memórias dos monteiros lobatos*. (São Paulo: Edart, 1964).

<sup>5</sup> P.Dantas, *Presença de Lobato*. Foi utilizada aqui a 2ª. edição de 2005.

<sup>6</sup> Para maiores informações consultar N.Cassiano (org.). *Monteiro Lobato vivo...* (Rio de Janeiro: Record, 1986).

<sup>7</sup> Em 1998, referida obra foi vencedora do Prêmio Jabuti – Ensaio e biografia. V. Sacchetta, C. L.de Azevedo & M.Camargos. *Monteiro Lobato – Furacão na Botocúndia*. (São Paulo: SENAC, 2001).

muitos autores (se não todos) atribuem a Lobato o mérito da criação de referida literatura, desconsiderando os vários elementos que fundamentaram sua produção. É o caso, por exemplo, da publicação do livro *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil*, da Professora Nelly Novaes Coelho que nos apresenta Monteiro Lobato como “o divisor de águas”, sem deter-se ao contexto histórico necessário.<sup>8</sup> Por outro lado, em *Literatura infantil brasileira – história e histórias*, as professoras Marisa Lajolo junto a Regina Zilberman, sem negarem a existência de autores que o antecederam, registram a necessidade e importância salutar da psicologia como responsável pela produção diferenciada adotada por Lobato.<sup>9</sup>

Há, ainda, alguns trabalhos que se preocupam em apresentar um estudo sociológico generalizado, sem a escolha de uma obra específica, em torno do escritor Monteiro Lobato. É o caso, por exemplo, do livro *Na trilha do Jeca – Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil*, de Enio Passiani. Através de um registro baseado na história, que envolve desde as amizades, perpassando pelas relações familiares às exigências dos leitores, o autor pontua a presença de Lobato como figura marcante desse processo.<sup>10</sup>

Outro trabalho que apresenta um perfil sociológico é o artigo intitulado “Os Estados Unidos de Monteiro Lobato e as respostas ao « atraso » brasileiro”, de autoria de Sergio Lamarão. O autor preocupa-se em apresentar alguns elementos que Lobato considerava importantes na elaboração de seu

---

<sup>8</sup> N. N. Coelho. *Panorama histórico da literatura infantil e juvenil - das Origens Indo-Européias ao Brasil Contemporâneo*. (São Paulo: Ática, 1991).

<sup>9</sup> M. Lajolo & R. Zilberman. *Literatura infantil brasileira: História e histórias*. (São Paulo: Ática, 2003).

<sup>10</sup> Este livro foi vencedor do prêmio de melhor dissertação de mestrado promovido pelo I Concurso CNPq-ANPOCS, edição 2002. E. PASSIANI, *Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil*. (São Paulo: AMPOCS, 2003).

projeto para solucionar os problemas nacionais, sobretudo na melhoria de vida do cidadão brasileiro comparada à vida dos norte-americanos.<sup>11</sup>

Além do que já foi exposto, e embora não seja o foco de nossas análises, há trabalhos que discutem questões raciais na obra adulta e infantil de Lobato, que merecem algumas considerações relativas ao efetivo contexto das produções lobatianas. Como exemplo, verifica-se um artigo publicado pela professora Marisa Lajolo, intitulado *A figura do negro em Monteiro Lobato*, que enfatiza a presença de racismo na obra de Lobato.<sup>12</sup> Segundo a autora, a figura de Tia Nastácia é considerada exemplo dessa discriminação, que pode ser identificada, também, de acordo com Lajolo, no livro *O Presidente Negro*.

De modo recente, *Monteiro Lobato – livro a livro*, que apresenta um conteúdo sobre a análise individual de cada obra infantil de Lobato, recebeu um importante reconhecimento, mas ajudou a estabelecer e a divulgar algumas informações que também merecem ser reconsideradas. É o caso, por exemplo, do capítulo destinado à análise de *Histórias de Tia Nastácia*. A doutoranda e autora Raquel Afonso da Silva afirma que Lobato defende a hierarquia entre o branco e o negro, ao comparar o papel de Dona Benta e Tia Nastácia.<sup>13</sup> Todavia, neste caso, como no anteriormente mencionado, uma breve consulta às correspondências de Lobato poderia auxiliar no entendimento da

---

<sup>11</sup> S. Lamarão, “Os Estados Unidos de Monteiro Lobato e as respostas ao « atraso » brasileiro”, <http://www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/lamarao.pdf> (acessado em 02/12/2010).

<sup>12</sup> Para o acesso ao artigo consultar M. Lajolo, “A figura do negro em Monteiro Lobato”, <http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/lobatonegros.pdf> (acessado em 02/02/2011). Segundo a autora “o xingamento como manifestação explícita do racismo de Lobato” é uma “questão incômoda, de que os estudiosos do escritor têm de dar conta”. Recentemente, o Conselho Nacional de Educação (CNE) sugeriu que as obras de Lobato deveriam ser retiradas de circulação nas escolas devido ao teor racista que apresentavam.

<sup>13</sup> J. L. Ceccantini & Marisa Lajolo (orgs). *Monteiro Lobato Livro a livro – obra infantil*. (São Paulo: Unesp, 2008).

abordagem racial, percebidas as condições que sustentaram a produção lobatiana.<sup>14</sup>

Por exemplo, a questão da eugenia<sup>15</sup> – premente na ciência da época e fator indispensável para entender como era abordada a discussão racial na sociedade – não poderia faltar nesse tipo de análise. Fora desse contexto, facilmente se chega a conclusões anacrônicas sobre questões de preconceito que acabam comprometendo toda a produção literária de Lobato.

Porém, em outro capítulo de *Monteiro Lobato – livro a livro* destinado à análise de *O poço do Visconde* percebe-se uma tentativa de contextualização das informações apresentadas. Kátia Chiaradia estabelece uma comparação importante da obra à realidade vivida por Lobato. Se por um lado busca, de maneira interessante, comparar trechos da obra infantil às experiências de Lobato, por outro, deixa de mencionar a presença pedagógica, além de não fazer referência aos demais aspectos científicos que constituíram referida produção.<sup>16</sup>

Em relação a trabalhos acadêmicos, também, há uma diversidade no que se refere à abordagem da obra lobatiana adulta e infantil. Considerando-se aqueles que tiveram como objeto de estudo, mesmo que indiretamente, o livro *O poço do Visconde* destacam-se os trabalhos de Rosane de Bastos Pereira, Liz Andréia Giaretta e de Luciana Aparecida Nunes.

O artigo de Rosane de Bastos Pereira intitulado “Conhecimento científico e literatura”, baseado em sua dissertação de mestrado “Memórias do Visconde

---

<sup>14</sup> Para maiores informações vide M. Lobato, *A barca de Gleyre*. (São Paulo: Brasiliense, 1964).

<sup>15</sup> Vide: S. Rocha, “Eugenia no Brasil: análise do discurso “científico” no Boletim de Eugenia:1929-1933” (tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010) e W. Stefano, “Octavio Domingues e a eugenia no Brasil: uma perspectiva mendeliana” (dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001).

<sup>16</sup> M. Lobato, *A barca de Gleyre*, pp. 355-369.

de Sabugosa, apresenta a trajetória do sabugo considerando todos os títulos que compõem O sítio do Picapau Amarelo. Embora, apresente destaque a algumas questões científicas, deixa de lado o viés educacional, adotado por Lobato nesse livro.<sup>17</sup>

Já o trabalho de Luciana Aparecida Nunes, cujo título é “A literatura infantil de Monteiro Lobato e o ideário escolanovista”, apresenta apenas uma sucinta análise dos personagens centrais da obra de Lobato, apoiada no livro de Anísio Teixeira sobre educação e, também, na correspondência entre ambos.<sup>18</sup>

A proposta apresentada na dissertação de mestrado de Liz Andréia Giaretta, intitulada “Monteiro Lobato e o Sítio do Picapau Amarelo: uma análise do pensamento geográfico”, aproxima-se, sutilmente, da metodologia adotada em nosso trabalho. Embora o objeto da análise não seja apenas *O poço do Visconde*<sup>19</sup>, apresenta informações que contextualizam o período da produção lobatiana, como a influência do fordismo e as ideias educacionais. Porém, é possível perceber uma certa visão anacrônica apresentada pela autora ao afirmar que Lobato adotou alguns conceitos inválidos na obra, considerando

---

<sup>17</sup> Para maiores informações consultar R. B. Pereira, “Conhecimento científico e literatura”, *Foro Ibero Americano de Comunicação e Divulgação Científica*, disponível em [http://www.oei.es/forocampinas/PDF\\_ACTAS/COMUNICACIONES/grupo3/068.pdf](http://www.oei.es/forocampinas/PDF_ACTAS/COMUNICACIONES/grupo3/068.pdf) (acessado em 15/02/2011).

<sup>18</sup> Neste artigo a proposta, segundo a autora, é apresentar um levantamento histórico na identificação de alguns aspectos que podem ser considerados atuais para a discussão em filosofia da educação, bem como aos leitores de Lobato. Ver: L. A. Nunes, “A literatura infantil de Monteiro Lobato e o ideário escolanovista”, *Revista de Iniciação Científica da FFC*, v. 4, n. 2, 2004, <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/view/94/95> (acessado em 12/02/2011)

<sup>19</sup> Há, também, a análise do discurso científico presente em *Geografia de Dona Benta* (1935) e *A Chave do Tamanho* (1942). Embora não seja a proposta deste trabalho, é necessário salientar que o primeiro livro citado aproxima-se da proposta educacional do objeto desta tese, enquanto que o segundo distancia-se devido a outros elementos que devem ser considerados, que envolvem os aspectos da II Guerra Mundial. Ver: L. A. Giaretta, “Monteiro Lobato e o Sítio do Picapau Amarelo: uma análise do pensamento geográfico”, disponível em [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos\\_teses/GEOGRAFIA/Dissertacoes/disserta\\_lobato.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos_teses/GEOGRAFIA/Dissertacoes/disserta_lobato.pdf) (acessado em 16/02/2011).

um documento posterior à produção. Como exemplo, cita a falha de Lobato em afirmar que não havia vida nos pólos e que “a vida no subsolo só existe até onde moram as minhocas”. A autora justifica-se pela citação dos estudos, bastante posteriores, do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) que apresenta estudos sobre a biodiversidade subterrânea.<sup>20</sup>

Dentre o levantamento bibliográfico de trabalhos desenvolvidos em História da Ciência, que discutem a relação científica apresentada na literatura infantil de Monteiro Lobato, verifica-se a proposta do Professor Carlos Ziller Camenietzki. Em seu artigo publicado nos *Anais do I Seminário Nacional sobre História da Ciência e Tecnologia*, sob o título “A ciência impotente – estudo sobre a noção de ciência na obra infantil de Monteiro Lobato”, generaliza e classifica a produção infantil de Lobato em três categorias distintas: saber inútil, saber útil e malversação do saber.<sup>21</sup>

Inegavelmente, Monteiro Lobato é considerado pela crítica uma figura polêmica pelo envolvimento em diversos assuntos. Dentre as variadas publicações, incluídos os trabalhos acadêmicos, há algumas que apresentam um contexto restrito da obra lobatiana; talvez, resida neste aspecto a equivocada interpretação verificada em algumas referências supramencionadas.

---

<sup>20</sup> O PNUMA foi criado somente em 1972, trinta e cinco anos após a publicação de Lobato. Para maiores informações consultar [http://www.onu-brasil.org.br/agencias\\_pnuma.php](http://www.onu-brasil.org.br/agencias_pnuma.php).

<sup>21</sup> Ver C. Z Camenietzki, “A ciência impotente – estudo sobre a noção de ciência na obra infantil de Monteiro Lobato” in *Anais I Seminário Nacional sobre História da Ciência e Tecnologia*. Não se encontram nesse trabalho as referências bibliográficas que pudessem nos auxiliar na busca por ampliar nosso estudo.



## **1.2 A relação de Lobato e a escola**

Monteiro Lobato já estabilizado como escritor profissional e com vários títulos publicados entre livros e artigos tomou a decisão de abraçar o público infantil; defendia a necessidade de inundar o país com livros. Inicialmente, esse interesse foi despertado do encontro com um amigo que o visitava com frequência na *Revista do Brasil*. Durante um jogo de xadrez, esse amigo contou-lhe uma história sobre um peixe que, por ter ficado tanto tempo fora da água, acabou “desaprendendo” a nadar e quando voltou para o rio morreu afogado.

Enquanto jogávamos contou-me a história de um peixinho que por haver passado algum tempo fora d'água desaprendeu a arte de nadar e de volta ao rio, afogou-se (...) O peixinho começou a nadar na minha imaginação, e nem prestei mais atenção ao jogo, acabando por perder a partida para o Malta. Talvez ele quisesse mesmo me distrair, com esse assunto infantil e ganhar a partida.<sup>22</sup>

Posteriormente, a observação do comportamento de seus filhos diante do aproveitamento das histórias que sua esposa contava fortaleceu ainda mais esta iniciativa. Percebia que as crianças não apreendiam as moralidades e apenas reproduziam o conteúdo das histórias sem perceberem o que ficava guardado no subconsciente. Ao amigo Rangel explicava sua intenção:

Ando com varias idéias. Uma: vestir a nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para crianças. Veio-me diante da atenção curiosa com que meus pequenos ouvem as fábulas que Purezinha lhes conta. Guardam-na memória e vão reconta-las

---

<sup>22</sup> M. Lobato *apud* J.A.P. Ribeiro, *As diversas facetas de Monteiro Lobato*, p. 123.

aos amigos – sem entretanto, prestarem nenhuma atenção à moralidade, como é natural. A moralidade nos fica no subconsciente para ir se revelando mais tarde, à medida que progredimos em compreensão. Ora, um fabulário nosso, com bichos daqui em vez dos exóticos, se for feito com arte e talento dará coisa preciosa(...) Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada. Fábulas assim seria o começo da literatura que nos falta. (...) é de tal pobreza e tão besta nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação dos meus filhos.<sup>23</sup>

Portanto, pode-se afirmar que a iniciativa de abrigar as histórias foi o guia de sua produção inicial. Apoiou-se nas memórias dos tempos em que lia Robson Crusóe e tinha ciência do que um livro podia representar às crianças

para as crianças um livro é todo um mundo. Lembro-me de como vivi dentro do Robson Crusóe de Laemmert. Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar. Não ler e jogar fora, sim morar, como morei no Robson e n'Os filhos do capitão Grant.<sup>24</sup>

Sua primeira publicação foi *A Menina do Narizinho Arrebitado*, em 1920 pela *Revista do Brasil*, com capa cartonada e repleto de desenhos coloridos. A publicação seguinte, por sua editora Lobato & Cia, ganhou espaço nas escolas públicas de São Paulo.<sup>25</sup> De maneira perspicaz, soube divulgar o livro e o sucesso entre as crianças foi grandioso. Presenteou os grupos e escolas de

---

<sup>23</sup> Reprodução do trecho da correspondência datada de 8/9/1916, publicada em M. Lobato, *A Barca de Gleyre*, p.104.

<sup>24</sup> *Ibid.*, pp.292-293.

<sup>25</sup> “O Dr. Washington Luis estava na presidência de São Paulo. Um belo dia saiu a correr os grupos escolares (...) notou que em todas elas havia um livrinho de leitura, extra-programa, muito sujinho e surrado. Era justamente o meu Narizinho.(...) fez (...) a seguinte observação: ‘Se este livro anda assim em tantos grupos, é sinal de que as crianças gostam dele. Indague de quem é e faça uma compra grande, para uso em todas as escolas’”. ( M.Lobato, *Prefácios e entrevistas*, pp.192-193)

São Paulo com quinhentos exemplares e “como fossem absoluta novidade, a criançada atirou-se a eles e os leu a moda das crianças – escangalhamente.”<sup>26</sup> Acreditava que “dar aos meninos bons livros, adequados à idade” era “o melhor meio de formar homens”.<sup>27</sup> Confidenciava a Rangel que referido livro “absolutamente original” representava a ordenação num único volume das aventuras já publicadas separadamente “com melhorias, aumentos e unificações num todo harmônico”.<sup>28</sup> Numa tentativa de justificar o título da obra afirmava que não houve nenhum tipo de preferência,

Veio assim, de momento. Eu queria dar um traço característico, pitoresco à minha pequena personagem. E que traço mais pitoresco do que um narizinho arrebitado?<sup>29</sup>

Antes de Monteiro Lobato o livro, enquanto objeto, seguia uma padronização tradicional, influenciada pelo modelo clássico francês, com capas tipográficas na cor amarela. Lobato, então, alterou este formato, preocupou-se com a qualidade do papel e, também, investiu em capas desenhadas e coloridas, tudo isso para atingir seu público. Essa valorização do visual de seus livros pode ser explicada pela veia artística que possuía, cerceada pelo avô quando determinou que o neto fizesse o curso de Direito. Este fato lhe causava “uma nostalgia profunda” e uma “saudade do que poderia ter sido se “casasse com a pintura”. Como um pintor que necessita de um cuidado especial na

---

<sup>26</sup> *Ibid.*, p. 192.

<sup>27</sup> *Ibid.*, p. 221.

<sup>28</sup> M. Lobato, *A barca de Gleyre*, p.329.

<sup>29</sup> M. Lobato, *Prefácios e entrevistas*, p. 173.

produção de seus quadros, desde a escolha do material de pintura até a moldura, quando Lobato escrevia dedicava-se como se pintasse palavras.<sup>30</sup>

A cada Natal lançava de um a dois livros novos para garantir o sustento de sua família.<sup>31</sup> Iniciava-se, então, o projeto do que seria sua “maravilhosa saga infantil: O sítio do picapau amarelo”.<sup>32</sup>

A criação de suas personagens, também, teve origem em recordações passadas de pessoas que conheceu em alguma ocasião. A inspiração para criar Dona Benta, por exemplo, a avó idealizada, surgiu do contato com um rapaz chamado Pedro de Castro, que possuía um grande prestígio entre os colegas por ser natural de uma região desconhecida por eles, na época em que frequentou o Colégio Paulista em Taubaté.

Eu vivia a olhá-lo como que vê um tipo importantíssimo. Esse Pedro de Castro costumava falar de sua avó, de nome Benta. Achei curioso o nome e, mais tarde quando precisei batizar a vovó de Narizinho, foi a avó de Pedro de Castro que me forneceu o nome.<sup>33</sup>

Da mesma maneira, a criação da personagem Tia Nastácia foi apoiada numa convivência com a babá de seu filho Edgard, que se chamava Anastácia, “uma preta alta, muito boa, muito resmunguenta, hábil quituteira (...) tal qual a tia Nastácia dos livros”.<sup>34</sup>

---

<sup>30</sup> M. Lobato, *A barca de Gleyre*, pp. 251-252.

<sup>31</sup> M. Lobato, *Prefácios e entrevistas*, p. 273.

<sup>32</sup> E. Cavaleiro, “Vida e obra de Monteiro Lobato” in *Urupês*, pp. 41-42.

<sup>33</sup> M. Lobato, *Prefácios e entrevistas*, p. 174.

<sup>34</sup> *Idem*.

Sobre a criação do Visconde de Sabugosa Lobato afirmava que, também, tratava-se de uma recordação do passado, assim como a Emília. Era comum, na época de sua infância, as crianças brincarem com bonecos de sabugo, vestidos como se fossem bonecas.<sup>35</sup>

Embora muitos críticos tenham considerado os bichos apresentados no sítio do picapau amarelo como símbolos, Lobato defendia a ideia que não teve essa intenção.<sup>36</sup> Quis fornecer à obra apenas elementos diferentes do que considerava tradição, como a presença de cachorrinhos ou coelhos.<sup>37</sup>

Dentre as várias modificações por que sofreu a sociedade nas primeiras décadas do século XX, destaca-se a mudança do ideal pedagógico. O objetivo da educação não era apoiado unicamente num ideal filosófico ou religioso, mas também na adaptação do indivíduo às condições ambientais, vivenciais e nas mudanças do processo histórico ao qual estava inserido. Assim sendo, a psicologia passou a ser considerada um instrumento importante no ajuste do indivíduo bem como de seu comportamento na sociedade. A pedagogia por sua vez era vista como uma ciência aplicada.<sup>38</sup>

Neste momento a escola passou a ser considerada um laboratório de produção de cidadãos exemplares.<sup>39</sup> Monteiro Lobato defendia esta necessidade de adequação à sociedade, pois afirmava que “o homem civilizado é um puro e simples produto da educação. Só a educação amansa, socializa e internacionaliza”.<sup>40</sup>

---

<sup>35</sup> *Idem.*

<sup>36</sup> *Ibid.*, p. 209.

<sup>37</sup> *Ibid.*, p. 174

<sup>38</sup> M. Massimi, *História da psicologia brasileira – da época colonial até 1934*, pp. 69-71.

<sup>39</sup> *Ibid.*, p.36

<sup>40</sup> M. Lobato, *Prefácios e entrevistas*, p.280.

Na busca pela modernização, houve uma intensificada absorção da literatura pedagógica norte-americana, que fez parte do otimismo pedagógico no Brasil.<sup>41</sup> Os que se interessavam pela questão educacional tiveram acesso às propostas de John Dewey que criou a University Elementary School, vinculada à Universidade de Chicago, como um campo experimental da pedagogia nova.<sup>42</sup> O conhecimento considerado uma atividade dirigida não tinha um fim em si mesmo, mas estava voltado à experiência. Essa ideia contraria a proposta tradicional que primava basear-se em modelos ideais, com a transmissão da maior quantidade possível de conhecimento acumulado.<sup>43</sup>

Monteiro Lobato que valorizava a observação cuidadosa do ambiente que o rodeava – fruto da influência das teorias científicas do início do século XX – tinha consciência de seu papel social. A partir do contato com o educador Anísio Teixeira<sup>44</sup> – iniciado nos EUA – desenvolveu uma preocupação voltada diretamente à educação. Resolveu mudar o rumo de suas histórias para

---

<sup>41</sup> P. Ghirardelli Jr., *Filosofia e história da educação brasileira*, p.11.

<sup>42</sup> John Dewey foi um educador, reformista social e filósofo americano. Apresentou seu ideário por meio de inúmeros livros e artigos. *Ibid.*, p.12.

<sup>43</sup> M. L. de A. Aranha, *Filosofia da Educação*, pp.223-225.

<sup>44</sup> Anísio, influenciado por Dewey, condenava a maneira pela qual o processo de ensino aprendizagem era concebido na escola tradicional, que primava pela memorização e pela repetição de um saber acabado. Para ele, era necessário dar condições ao aluno para que desenvolvesse uma atitude científica, a escola como um lugar de reflexão que induzisse de forma progressiva a aquisição da autonomia e responsabilidade do educando. De acordo com Anísio Teixeira: “O conhecimento, pois, é o resultado de um processo de indagação. E a marcha deste processo de pesquisa é o que Dewey chama de lógica. Vale dizer: lógica é o processo do pensamento reflexivo; “conhecimento” é o resultado deste processo; o “já conhecido” é o “material”, que usamos no operar a investigação ou a pesquisa. Mas este material só será devidamente, adequadamente utilizado, se, no processo pelo qual o tivermos adquirido ou aprendido, tivermos operado como se êle houvesse sido descoberto por nós próprios.”. Junto a outros educadores, assinou o Manifesto de 32 que divulgava as ideias da Escola Nova. (Ver: A. Teixeira, “O manifesto dos pioneiros da educação nova”, *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, pp.407-425 ; A. Teixeira. “Educação - problema da formação nacional” in *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* pp.21-32; A. Teixeira. “Dewey e a filosofia da educação” in *Boletim Informativo CAPES* pp.1-2; A. Teixeira, “Bases da teoria lógica de Dewey” in *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. pp.3-27).

fornecer-lhes conteúdo didático, seguindo os preceitos apresentados pelo educador estadunidense Dewey.<sup>45</sup>

Logo, a partir deste momento, o intuito da obra infantil de Monteiro Lobato primava por ensinar a aprender.<sup>46</sup> Suas péssimas lembranças das aulas de História do Brasil, classificada por ele como “retardada”, auxiliaram-no na defesa de mudanças radicais ao ensino.<sup>47</sup> Recomendava que a explicação do conteúdo fosse mais agradável ao pequeno leitor, para que se evitasse a memorização. Por outro lado, alguns de seus livros provocaram reações e críticas por parte de professores, educadores em geral, e também da Igreja, visto que Lobato defendia, também, a necessidade do estudante brasileiro “duvidar da infalibilidade dos mestres e dos compêndios”.<sup>48</sup>

A admiração de Lobato por Anísio Teixeira foi selada com a publicação do livro *O poço do Visconde*. “Meu próximo livro, O POÇO DO VISCONDE, será dedicado a você”.<sup>49</sup> Considerava-o como o representante legítimo da nova pedagogia proposta por Dewey, e numa de suas correspondências é possível identificar esse enorme respeito:

Eles (nossos pedagogos reformadores) não conhecem, senão de nomes aqueles píncaros (Dewey e Co.) por cima dos quais você (Anísio) andou (...) Só você que

---

<sup>45</sup> Antes deste contato, Lobato já tinha escrito e editado outros títulos, a saber: *O Saci*, *A Caçada da Onça*, *Fábulas*, *Hans Staden*, e *Peter Pan*, publicado no período em que estava fora do País.

<sup>46</sup> M. Lobato, *Urupês*, p. 47.

<sup>47</sup> M. Lobato, *Prefácios e entrevistas*, p.89.

<sup>48</sup> *Ibid.*, p. 185.

<sup>49</sup> De maneira recíproca, Anísio percebia o esforço de Lobato em atribuir conteúdo didático à literatura. São palavras do pedagogo baiano: “Dentro de meses saem seus novos livros, os de ciência... É o mundo sem fantasmas, que você está a criar para as crianças. Santo trabalho, meu caro Lobato, o trabalho que me entenece inteligência muito mais que você o possa imaginar. Quando o vejo (...) com os seus livros a arejar a inteligência ao menino brasileiro que se vai erguer nas suas pernas traseiras (...) Com ferro, petróleo e inteligência se há de afinal construir a ‘componente nova’ do Euclides.” (C. Nunes, *Monteiro Lobato e Anísio Teixeira: o sonho da educação no Brasil*, p. 18).

aperfeiçoou a visão (...) pode, neste país, falar de educação.<sup>50</sup>

Enfim, o livro *O poço do Visconde* representava para Lobato um manual da nova proposta pedagógica, que primava pelo conhecimento considerado útil, tendo em vista o progresso, unido à condição das crianças, com um rigoroso apelo à imaginação.

A criança é um ser onde a imaginação predomina em absoluto. Nos livros ela quer que lhe demos cartolas, coisas mais altas do que podem entender. Isso a lisonjeia tremendamente. Mas se o tempo inteiro a tratamos puerilmente, ela nos manda às favas.<sup>51</sup>

Declarava ao amigo Rangel a importância da imaginação em sua formação.

Recordando minha vida colegial (...) a Julio Verne todo um mundo de coisas eu devo! E a Robinson? (...) Falaram-me à imaginação, despertaram-me a curiosidade – e o resto se fez por si. (...) A inteligência só entra a funcionar com prazer, eficientemente, quando a imaginação lhe serve de guia. A bagagem de Julio Verne, amontoada na memória, faz nascer o desejo do estudo. Suportamos e compreendemos o abstrato só quando já existe material concreto na memória.<sup>52</sup>

Apoiado em sua experiência quando pequeno, defendia, ardorosamente, a necessidade de investir nas crianças para que o pudessem colher os benefícios que o progresso ofereceria. Era preciso “descascar o Jeca na

---

<sup>50</sup> C. Nunes, org., *Monteiro Lobato vivo...*, p.100.

<sup>51</sup> M. Lobato, *Conferências, artigos e crônicas*, p.249.

<sup>52</sup> M. Lobato *apud* E. Cavalheiro, *Monteiro Lobato: vida e obra*, p.35.



Escola Primária, ensinando-lhe depois na Profissional, a utilizar-se da leitura e da técnica”.<sup>53</sup>

A criança é a humanidade de amanhã. No dia em que isto se transformar num axioma – não dos repetidos decoradamente, mas dos sentidos no fundo da alma – a arte de educar as crianças passará a ser a mais intensa preocupação do homem.<sup>54</sup>

A origem do projeto de Lobato, de se dedicar exclusivamente à literatura para crianças, fazia parte da tarefa de formar uma nova mentalidade nacional. Criou um mundo, O sítio do picapau amarelo, onde todos os seus desejos pudessem ser realizados, com a representação de um novo Brasil na esperança de plantar uma semente que pudesse desabrochar no futuro.

De maneira metafórica, esse mundo representava o que Lobato gostaria que fosse o Brasil. É possível inferir que a escolha do nome atribuído ao sítio não foi aleatória, pois é possível relacioná-la ao diálogo que ele estabeleceu nos Estados Unidos com Mr. Slang ao referir-se às lembranças que o som da ave trazia a sua mente.

Os ruídos que (os pica-paus) fazem é exatamente este dos martelos de ar comprimido (...) *Prrrrr...* Cem anos que eu viva e esse ruído tão caracteristicamente newyorkino não me sairá dos ouvidos. Fácil de imaginar o que seja, sabendo-se que se constroem (...) 200 casas por dia – e que casas!<sup>55</sup>

---

<sup>53</sup> M.Lobato, *Urupês*, p. 54.

<sup>54</sup> M. Lobato, “A criança é a humanidade de amanhã”, *Conferências, artigos e crônicas*, p.100.

<sup>55</sup> Monteiro Lobato, *América*, pp. 154-155.

Além disso, o ambiente rural representava para Lobato um “alicerce econômico” que resolveria a falta de desenvolvimento do país, assim como percebeu na América. A vastidão do interior era imensa se comparada ao pequeno número das capitais. Logo, “o interior é a grande massa (...) é o Brasil”.<sup>56</sup>

---

<sup>56</sup> *Ibid.*, p. 171.

## **CAPÍTULO II**

### **O DESEJO DE MONTEIRO LOBATO PELO DESENVOLVIMENTO BRASILEIRO**

## **2.1 O exemplo norte americano: as ideias de Henry Ford**

Os EUA entraram no século XX como o maior poder econômico no mundo. Neste período exerciam um papel de referência, um modelo a ser seguido. Os estadunidenses transmitiam firmemente a visão que haviam arquitetado sobre suas qualidades, um lugar independente, democrático e auto-suficiente, conduzidos por pessoas íntegras que caminhavam em direção ao progresso.<sup>57</sup> Segundo S. Driver, esta influência no cenário mundial teve início a partir da declaração da independência norte-americana.<sup>58</sup>

Desde muito cedo, Monteiro Lobato exprimia sua admiração pelos estadunidenses ao mesmo tempo em que se questionava sobre as diferenças econômicas existentes em relação ao Brasil. Considerava-os como os dois maiores países americanos que, embora tivessem sido povoados de maneira semelhante, por europeus, índios e negros, com territórios equivalentes, eram muito diferentes a ponto de um ter se tornado “o mais rico e poderoso do mundo” enquanto o outro permanecia “atrofiado”.<sup>59</sup> Pretendia a realização de grandes obras de que o país necessitava, levando-se em consideração o modelo norte-americano.

Por ter nascido numa família proprietária de terras, que detinha grande prestígio devido ao cultivo do café, teve uma vida diferenciada, conhecia todas as regalias da elite e trazia dentro de si uma tendência a valorizar modelos capitalistas. Em carta ao amigo Godofredo Rangel, com quem se correspondeu

---

<sup>57</sup> Fernandes, L. F., L. Karnal, M.V. Morais & S. Purdy. *História dos Estados Unidos - das origens ao século XXI*, p. 102.

<sup>58</sup> S. S. Driver, *A Declaração de Independência dos Estados Unidos*, p.75.

<sup>59</sup> P. Dantas, *Presença de Lobato*, p. 57.

por 40 anos, censurava-o abertamente por não apresentar pretensões materiais, ao mesmo tempo em que se comparava a John Davison Rockefeller, responsável pela fundação da Standard Oil Company, empresa petrolífera norte americana.

Outro revoltante defeito que noto em você é a falta de ambição monetária. (...) Há muito pobre cuja ambição de enriquecer já é uma inapreciável riqueza. Eu (...) meço as minhas ambições por alqueires. Bati nesse ponto ao próprio Rockefeller.<sup>60</sup>

Como empresário, proprietário da fazenda herdada pelo avô, buscou modernizar seu patrimônio no intuito de aumentar e melhorar a produção. Providenciou desde a importação de animais, a aquisição de novos maquinários até o plantio de capim especial, além de se tornar um assinante de revistas especializadas em agricultura e pecuária.<sup>61</sup> Tais atitudes, mais uma vez, espelhavam a admiração de Lobato pelos EUA, pois afirmava que a metodologia adotada naquele país representava a garantia de qualidade e, como consequência, sucesso. Sobre a criação de galinhas, desde o cruzamento de raças até o planejamento do espaço destinado à criação, adotava “os processos americanos, que nisso são incomparáveis e têm formado raças maravilhosas”.<sup>62</sup>

---

<sup>60</sup> M. Lobato, *A barca de Gleyre*, p.187.

<sup>61</sup> Sacchetta, V., C. L. Azevedo & M. Camargos, orgs., *op.cit.*

<sup>62</sup> M. Lobato, *A barca de Gleyre*, pp. 330 -350.

Seguindo o modelo capitalista norte-americano numa outra correspondência a Rangel, explicitava seu desejo de se tornar empresário, associado à propaganda característica dos EUA.

Sabe em que penso agora ? Em indústria ! Uma fábrica de doces em vidro, geléias inglesas, sistema Morton ou Teysseneau . E invadiremos o mercado com uma reclame verdadeiramente americana.<sup>63</sup>

Monteiro Lobato, enquanto trabalhava em Areias, ocupou a maior parte de seu tempo dedicando-se à tradução de livros. Seu vasto conhecimento da língua inglesa o possibilitou a ter acesso às obras de Henry Ford. Como uma possibilidade de exprimir a admiração pelo estadunidense fez a tradução de duas de suas obras e lançou *Minha vida e minha obra* e *Hoje e amanhã*<sup>64</sup>. Lobato, também, produziu uma série de artigos para o jornal a respeito de Ford. Afirmava que ele apresentava a resposta para eliminar a miséria da humanidade. Posteriormente, estes artigos foram reunidos e publicados em inglês com o título *How Henry Ford is regarded in Brazil*.<sup>65</sup>

O empresário Henry Ford, após algumas tentativas frustradas, fundou a Ford Motor Company e passou a fabricar automóveis padronizados com preços populares, num planejamento de vendas e com assistência técnica.<sup>66</sup> Ao prefaciar a tradução da obra *Today and tomorrow*, Lobato admitiu todo seu

---

<sup>63</sup> *Ibid.*, p. 113.

<sup>64</sup> O título original das obras em referência são, respectivamente, *My life and work* (1922) e *Today and tomorrow* (1926).

<sup>65</sup> Sacchetta, V., C.L. Azevedo & M. Camargos, orgs., *op.cit*, pp. 192-206.

<sup>66</sup> Lançado em 1908 com o preço de US\$ 850, o Modelo T foi um sucesso instantâneo. Ver I. Chiavenato, *Introdução à Teoria Geral da Administração*. (São Paulo: Makron Books, 1993).

entusiasmo pelas ideias da indústria, sobre os operários em relação à necessidade de progresso.

Ford (...) descobriu a verdadeira significação da indústria e experimentalmente pô-la em termos de conciliar o velho e na aparência irreduzível antagonismo entre o capital e o trabalho (...) que em 20 anos se tornou ele o homem mais rico de todos os tempos sem que uma só criatura se ressentisse da sua vitória. Não venceu abatendo rivais, nem explorando a miséria do operário, nem sugando o consumidor. Não enriqueceu por meio de especulações e valorizações à custa do trabalho alheio. Enriqueceu enriquecendo a humanidade, enriquecendo e tornando feliz o operário, enriquecendo e facilitando a vida do consumidor.<sup>67</sup>

Como teve a possibilidade de morar em Nova Iorque durante os anos de 1927 a 1930 pôde comprovar toda a idolatria que tinha em relação ao país, que representava a modernidade e a prosperidade. No ano de 1929, presenciou o “crash” da bolsa de Nova Iorque e concluiu que os dezoito dias de desastre econômico seriam capazes de “aniquilar por um século outro país que não os Estados Unidos”.

Tive o azo de assistir ao crash da Wall Street, o maior desastre financeiro que os anos da finança ainda registram – e assombrei-me da maneira galharda e efficientíssima com que esta máquina de precisão que é a América resolveu (...) cessado o pânico o crédito voltou (...) tudo indica que na próxima primavera restarão do crash apenas cicatrizes.<sup>68</sup>

---

<sup>67</sup> H. Ford, “Minha vida e minha obra”, *Os princípios da prosperidade*, p.145.

<sup>68</sup> C. Nunes, org., *Monteiro Lobato vivo...*, p. 161.

Percebeu de perto a união de todos na tentativa de resolver a crise, numa sociedade que estava acostumada a adquirir títulos graças “a disseminação da riqueza numa população de 120 milhões de criaturas (...) pobre ou rico, milionário ou trabalhador de fábrica, não há quem não compre ações”. A força conjunta, quando parecia que tudo estava perdido, ganhou apoio de fatores favoráveis como “os bancos, o governo e até Rockefeller com a famosa cunha de 50 milhões com que deteve a queda das ações da Standard Oil de New Jersey”.<sup>69</sup>

Não por acaso, logo que chegou com a família ao país, Lobato foi recebido com cortesias pela empresa Ford. A partir de uma visita feita ao complexo industrial da Ford em Detroit, consolidou sua ideia de progresso associado ao trabalho. Percebeu que o progresso estadunidense baseava-se na ampliação da eficiência humana através da máquina.<sup>70</sup>

A defesa da otimização dos recursos humanos como alavanca do desenvolvimento seria capaz de corrigir as questões sociais mais graves. Porém, estava certo de que a sociedade brasileira não estava preparada para a racionalidade pragmática do projeto fordista, o que levaria tempo tendo em vista a obrigação de atravessar incontáveis etapas intermediárias antes do que denominava por “solução definitiva.”<sup>71</sup>

Monteiro Lobato, também, atribuíra o sucesso de Henry Ford ao cuidado e preocupação em relação aos seus operários, característica de não fazer

---

<sup>69</sup> M. Lobato, *América*, pp. 266-270. Mr. Slang no diálogo com Lobato conclui que as crises são cíclicas. “O avanço conquistado com o pulo provoca entusiasmo e (...) traz consigo uma vitória do otimismo” porém “sobrevem o medo de ter avançado muito (...) por todos ao mesmo tempo (...) ocorre o pânico (...) desaparece o crédito (...) findo o período do repouso saneador, novo pulo à frente. E tudo continua...” (*Ibid.*, 273-274).

<sup>70</sup> C. Nunes, *Monteiro Lobato – o editor do Brasil*, p. 17.

<sup>71</sup> Sacchetta, V., C.L. Azevedo & M. Camargos, orgs., *op.cit.*, p. 210.



diferença de grupos de trabalhadores. “Não há trabalho mais nobre ou menos nobre. Há trabalho apenas. Varrer ou desenhar plantas: tudo é trabalho”.<sup>72</sup>

Ao referir-se à falta de estabilidade da moeda nacional, mais uma vez, é nítida a crença de Lobato no modelo empregado por Henry Ford. Com a moeda estável tornava-se possível o aproveitamento de toda população para proporcionar uma melhoria de vida ao país, visto que todas as profissões teriam um mesmo grau de importância no processo. Faltava “proporcionar-se-lhes condições para prestar”, pois “o homem trabalhador prospera em toda parte, porque riqueza é sinônimo de trabalho acumulado”.<sup>73</sup>

Numa comparação em termos de fabricação anual entre o Brasil e os Estados Unidos, Lobato alertava sobre a prosperidade da produção de uma fábrica Ford em relação a produção de seu país inteiro. Enquanto no Brasil se produzia “cinco milhões de contos, para 30 milhões de habitantes” os operários da Ford Motor Company produziam o mesmo valor num período de quatro meses.<sup>74</sup>

Nunca houve na terra progresso que não perturbasse o anterior equilíbrio da vida mesquinha (...). A entrada do automóvel transformou esses homens (cocheiros) (...) são hoje choferes, gente mais bem paga e de um mais alto tipo de vida.<sup>75</sup>

---

<sup>72</sup> M. Lobato, *Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital*, p.71. Lobato destaca que Ford preocupava-se em basear-se cientificamente até mesmo na alimentação dos seus homens. O trato dado aos funcionários era seu diferencial, pois “os entes humanos que lhe trabalham nas usinas recebem a sua dose de combustível alimentar na quantidade e na qualidade cientificamente requeridas”. (M. Lobato, *América*, p. 280).

<sup>73</sup> *Ibid.*, pp.27-31.

<sup>74</sup> *Ibid.*, p.48.

<sup>75</sup> *Ibid.*, p.23.

Para Lobato, o sucesso norte-americano constituía-se como exemplo de modelo ao Brasil, visto que pensava no ferro e no petróleo como elementos mágicos que, instantaneamente, podiam transformar os países atrasados em nações ricas e equilibradas.<sup>76</sup> Acreditava que o “futuro ao ferro pertence”.<sup>77</sup>

Caso fosse dada maior atenção ao ferro certamente outros problemas também seriam resolvidos. Lobato asseverava que um país como o Brasil, que possuía 25% do minério de ferro “com que o mundo ainda conta” poderia associar a extração do minério à resolução de questões referentes a transportes que, por sua vez, significava a mobilização de reservas naturais e, por conseguinte, o almejado “desenvolvimento econômico e a riqueza”.<sup>78</sup>

Assegurada esta (riqueza) tudo mais se põe ao nosso alcance – moeda ouro, cultura do povo, alto padrão de vida, os três característicos principais dos grandes países civilizados.<sup>79</sup>

Desenvolveu, a partir de então, um discurso em defesa de uma nação próspera para que o povo (e ele próprio) pudesse usufruir dos melhoramentos suscitados pelo progresso e pelo desenvolvimento. Tinha na figura de Ford, portanto, uma possibilidade definitiva para erradicar a miséria da humanidade na terra.<sup>80</sup> Lobato concluiria num prefácio à tradução do livro de Ford que a melhor maneira de proporcionar uma melhoria de vida à população não era coletar donativos, mas ensinar a “trabalhar, provando que o trabalho é o

---

<sup>76</sup> C. Nunes, org., *Monteiro Lobato vivo...*, p. 16.

<sup>77</sup> *Ibid.*, p. 109.

<sup>78</sup> *Ibid.*, pp. 128-129.

<sup>79</sup> *Ibid.*, pp. 128-129.

<sup>80</sup> Sacchetta, V., C.L. Azevedo & M. Camargos, orgs., *op.cit.*, p. 205

supremo bem e demonstrando a altíssima significação da palavra indústria.”<sup>81</sup> Por meio da forte industrialização seria possível o desenvolvimento do país, pois “a concorrência é a lei biológica do progresso”.<sup>82</sup> A indústria representava “o meio científico de transformar os bens naturais da terra em utilidades de proveito geral, com proveito geral”.<sup>83</sup>

Também, recomendava que os homens que almejavam o progresso espelhassem-se na ideias de Ford, caso contrário seria retardada “a única solução certa” ao desenvolvimento. Na leitura de suas obras poder-se-ia encontrar “a palavra messiânica do futuro, (...) Bom Senso (...) da Razão, (...) Inteligência que não borboleteia , mas penetra no fundo das coisas como a broca de aço penetra no granito”.<sup>84</sup>

Defendia a necessidade de um desenvolvimento econômico através da criação da siderurgia, com a descoberta de petróleo, bem como de outros fatores que contribuíram ao desenvolvimento norte americano. “Copiamos da América as suas leis básicas. Esquecemos de fazer o resto.”<sup>85</sup> Afirmava que na América todas as coisas eram muito simples além de rápidas e que “ninguém faz uma ideia deste país sem haver morado nele. Não há tempo a perder com velharias tradicionais ou bobagens”.<sup>86</sup> Afirmava ainda que

Esquecem-se os observadores capengas de notar “o mais” que a América está dando, o novo, o inédito, na sua

---

<sup>81</sup> Lobato apresentou estas informações no prefácio da tradução de H. Ford, “Minha vida e minha obra”, in H. Ford, *Os princípios de prosperidade*, p.8.

<sup>82</sup> M. Lobato, *Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital*, p. 54.

<sup>83</sup> H. Ford, “Minha vida e minha obra”, *Os princípios da prosperidade*, p.8

<sup>84</sup> *Ibid.*, pp. 8-9.

<sup>85</sup> M. Lobato, *América*, pp. 170-171.

<sup>86</sup> Lobato nesta correspondência cita o “casamento à americana” como uma forma de não perder tempo em busca da eficiência. Após a cerimônia, os convidados dirigiam-se aos respectivos serviços, enquanto o noivo para “o Times onde trabalha e a noiva foi para o apartamento onde mora, *and that was all*”. (C. Nunes, org., *Monteiro Lobato vivo...*, p. 116).

ânsia de arrancar-se ao *status-quo* da civilização cristalizada da Europa.<sup>87</sup>

Para Monteiro Lobato, “um dia de Nova York” correspondia a “uma vida no Brasil”.<sup>88</sup> Além disso, ainda que sua idolatria por Ford fosse nítida, concluía que o norte americano não foi uma exceção ou um fenômeno isolado, apenas soube apanhar “no ar as moléculas da eficiência que esta América exsuda e as corporificou (...) O gênio de Henry Ford não passa da individualização do gênio da América”.<sup>89</sup>

De volta ao Brasil, trouxe várias ideias para proporcionar o progresso. Percebe-se que, na bagagem, coube apenas o lado “bonito” norte-americano, um país considerado, por ele, símbolo de desenvolvimento. As indiferenças, desigualdades, miséria, além de outros problemas sociais foram deixados de lado.<sup>90</sup>

Quando vim da América, veio comigo, no coração, um grande sonho: dedicar minha vida à campanha da solução do problema do ferro e do petróleo, que só na América percebi que eram fundamentais para a nossa economia.<sup>91</sup>

O conhecimento adquirido com a industrialização norte-americana contribuiu ainda mais para que refletisse sobre o estado de seu país, visto que em termos de tamanho e condições naturais era muito semelhante. Afirmava

---

<sup>87</sup> M. Lobato, *América*, p. 121.

<sup>88</sup> *Ibid.*, p. 113.

<sup>89</sup> M. Lobato, *América*, p. 280.

<sup>90</sup> A maioria dos imigrantes do início do século XX vivia em condições muito precárias, amontoados em pequenos apartamentos localizados em cortiços. (Fernandes, L.F., L. Karnal, M.V. Morais & S. Purdy. *op.cit.*, p. 178)

<sup>91</sup> M. Lobato, *Cartas escolhidas*, p.52.

que lá “estava o Patriotismo”, uma sociedade que abraçava sua pátria com ânsia pelo progresso.<sup>92</sup> Percebeu neste momento que nosso problema em termos de desenvolvimento estava associado não à questão racial, moral ou climática, mas à deficiência econômica.

Este descontentamento foi refletido por uma postura altamente crítica em relação à mentalidade do povo brasileiro, a começar pelos responsáveis pelo país. Sem receio afirmava que o Brasil não se importava em gastar mais dinheiro na aquisição de algo pronto enquanto que nos países desenvolvidos, como Inglaterra e Estados Unidos, o povo preocupava-se em plantar para colher no futuro; contrariava o imediatismo do brasileiro.<sup>93</sup>

O hábito brasileiro de aceitar, por comodismo ou preguiça, idéias alheias, não me parece que esteja fazendo grande coisa deste país...<sup>94</sup>

## **2.2 Algumas reflexões sobre o poderio norte americano**

Conforme mencionado, os EUA entraram no século XX como uma potência econômica. Parte da elite assim como alguns intelectuais afirmavam que o grande poder político e econômico refletia o sucesso natural dos mais aptos na sociedade. Muitos empresários que possuíam riquezas consideráveis julgavam-se possuidores de uma inteligência superior além de uma habilidade

---

<sup>92</sup> M. Lobato, *América*, p. 55.

<sup>93</sup> M. Lobato, *Mr. Slang e o Brasil e Problema vital*, p.9.

<sup>94</sup> Neste trecho, Lobato a partir das palavras da personagem traduz sua opinião sobre a postura dos brasileiros acerca de seus interesses. (*Ibid.*, p.10).

elevada para os negócios.<sup>95</sup> Para que houvesse a sustentação da industrialização, que cresceu mais do que a demanda por bens de consumo, surgiram as grandes corporações que tinham como sentido o monopólio, para cobrir o alto custo da indústria.<sup>96</sup>

A ideia simplista de que a diferença entre os Estados Unidos e o Brasil reside no fato de terem sido colonizados de maneira diferente, ou seja, por povoação e por exploração, respectivamente, parece não se sustentar. Grande parte das pessoas que se deslocaram para a América era proveniente da própria Inglaterra que se utilizou do processo de povoação para que a metrópole pudesse descarregar alguns elementos considerados indesejáveis para a colônia, também em termos religiosos.<sup>97</sup>

Embora tenha sido uma região que recebeu inúmeros imigrantes, vários foram os fatores que estabeleceram tais diferenças. Em 1800, os Estados Unidos eram um aglomerado de pequenos estados isolados de forma independente na América. Já em 1900, atingiu a colocação de uma potência imperialista que se preparava “para assumir o posto de parque industrial do planeta”.<sup>98</sup>

Desde o século XIX os norte-americanos justificavam seu sucesso pelo fato de terem sido escolhidos por Deus, pois havia um “destino manifesto” pela vontade divina, responsável pela determinação de um caminho de vitórias, como se fossem para o “povo escolhido”.<sup>99</sup>

---

<sup>95</sup> Fernandes, L.F, L. Karnal, M.V. Morais & S. Purdy. *op.cit.*, p. 175.

<sup>96</sup> *Ibid.*, p. 154.

<sup>97</sup> *Ibid.*, pp. 44-46.

<sup>98</sup> *Ibid.*, p.170.

<sup>99</sup> *Ibid.*, p.25.

Como colônias da Inglaterra, os Estados Unidos da América serviram de sustentação para a chamada Revolução Industrial. As máquinas desde muito cedo substituíram a mão de obra humana, no que se refere à produção de bens necessários para a sociedade. A introdução de uma nova disciplina de trabalho, com a máxima exploração da mão de obra, provocou um aumento extraordinário da produção. As colônias da América eram vistas pela metrópole como importantes fontes para a alimentação do processo industrial inglês.<sup>100</sup>

Segundo T.K. Derry e Trevor, não há como determinar o momento exato em que a história da tecnologia passou a depender da ciência aplicada.<sup>101</sup> Desde o início, o advento da industrialização esteve intimamente relacionado com a questão científica, embora a Europa e os Estados Unidos considerem a origem da industrialização somente a partir do século XVIII, data marcada da revolução industrial na Inglaterra.<sup>102</sup> Esta demarcação torna-se problemática, uma vez que é sabido que as modificações, os “avanços” não ocorrem da noite para o dia.

Após a independência das colônias, para o possível estabelecimento dos Estados Unidos da América<sup>103</sup>, o setor industrial rapidamente modificou a vida cotidiana das pessoas. No início do século XIX tanto a Europa quanto os Estados Unidos tinham um acordo sobre a necessidade de fornecer o produto industrializado para o fortalecimento do Estado e da população.<sup>104</sup> Foi um período marcado pela difusão da indústria e, segundo A.M. Alfonso-Goldfarb e

---

<sup>100</sup> Fernandes, L.F., L. Karnal, M.V. Morais & S. Purdy. *op.cit.*, p. 75.

<sup>101</sup> T.K. Derry & Trevor I. Williams, *Historia de la tecnologia*, p.1037.

<sup>102</sup> J.Nef, *La conquista Del mundo material—estudios sobre El surgimiento Del Industrialismo*, p. 275.

<sup>103</sup> A Declaração de Independência é considerada a pedra basilar dos Estados Unidos da América. Na atualidade, a Declaração é apreciada como uma das três Cartas da Liberdade nos EUA, ostentada com orgulho ao lado da Constituição e da Carta de Direitos Civis. Para mais detalhes vide S. S. Driver, *A Declaração de Independência dos Estados Unidos*, pp. 7-8.

<sup>104</sup> J. Nef, *op.cit.*, p. 335.

Márcia Helena M. Ferraz, apresentou como consequência o imperialismo moderno, onde um país almejava o domínio cada vez maior de novos territórios.<sup>105</sup>

O desenvolvimento industrial foi amparado por desdobramentos ininterruptos e melhorias tecnológicas criadas em laboratórios da própria indústria ou universidades, por meio do empenho tanto de cientistas e engenheiros autônomos, como de homens práticos.<sup>106</sup> Nesse momento, a intenção dos países não era mais explorar para descobrir algo novo ou diferente, mas sim manter o domínio das áreas existentes, principalmente aquelas em que o acesso era dificultado por questões físicas de localização.<sup>107</sup>

A ideia de progresso caminhava lado a lado com a de transportes mais rápidos. As locomotivas que seguiam sempre em linha reta e para frente tornaram-se símbolos do progresso.<sup>108</sup> A criação do automóvel em larga escala, proporcionado por Ford, forneceu uma facilidade de locomoção que foi verificado por Lobato ao considerar Nova Iorque como o “paraíso dos automobilistas”.<sup>109</sup>

A tecnologia espelhava o progresso, devido ao crescimento da produção material e da comunicação.<sup>110</sup> O período que corresponde ao final do século XIX, segundo D. R. Headrick, trouxe um considerável aperfeiçoamento da tecnologia que beneficiou os Estados Unidos. A construção da rede telegráfica

---

<sup>105</sup> Também, segundo as autoras, os países passaram a se apoiar em mecanismos de auto-proteção, que originaram o sentimento patriótico na modernidade. Ver: A.M. Alfonso Goldfarb & Márcia Helena M. Ferraz, “De lo nativo a lo nacional: reevaluando la cuestión siderurgica brasileña” in *Dynamis*, 1992 (12): 131-149.

<sup>106</sup> Fernandes, L.F, L. Karnal, M.V. Morais & S. Purdy. *op.cit.* , p. 152.

<sup>107</sup> E. J. Hobsbawm, *A era dos impérios 1875-1914*, p.29.

<sup>108</sup> L.F Fernandes, L. KARNAL, M.V. Morais & S. Purdy. *op.cit.* , pp. 107-108. A construção das estradas de ferro foi essencial para o desenvolvimento do processo de industrialização. (*Ibid.*, p. 151).

<sup>109</sup> C. Nunes, org., *Monteiro Lobato vivo...*, pp. 106-107.

<sup>110</sup> E. J. Hobsbawm, *A era dos impérios 1875-1914*, p.47.



mundial por meio de cabos submarinos teve seu início a partir da América do Norte e foi responsável pelo desenvolvimento do comércio mundial.<sup>111</sup>

É fato que pelas dimensões territoriais os estadunidenses superaram todas as outras regiões no campo das comunicações, por meio do aperfeiçoamento do telefone, a criação da máquina de escrever, a máquina registradora, a máquina de somar, entre outras.<sup>112</sup> Além disso, os avanços tecnológicos como a eletricidade, aço, motores a vapor, além do automóvel também revolucionaram a produção industrial e o transporte.<sup>113</sup> Tornava-se, então, necessária uma especialização por parte da população, por meio de treinamento e educação formal prévia.<sup>114</sup>

Os Estados Unidos receberam diversos cientistas, pois o interesse pelo desenvolvimento proporcionado pelo avanço científico era algo motivador. Por conta disso, entre os anos de 1860 a 1890, o governo - que já havia expedido 36.000 patentes - expediu 440.000 patentes. Surgiram grandes fábricas, siderúrgicas e ferrovias transcontinentais. As cidades cresceram com rapidez e milhões de pessoas chegaram de outros países para iniciar sua nova vida nessa terra “da oportunidade”. Foi uma época de consolidação corporativa, sobretudo nas indústrias do aço, ferrovias, petróleo e telecomunicação. A agricultura, seguindo os grandes progressos da indústria, também sofreu

---

<sup>111</sup> Além da América do Norte, beneficiaram-se da construção da rede telegráfica mundial a Índia e o Mediterrâneo. D. R. Headrick, “Telegrafia y rivalidades internacionales em La época Del imperialismo”, in Ortega, M. L., Alberto Elena y Javier Ordóñez, *técnica e imperialismo*, pp.75-81.

<sup>112</sup> Fernandes, L.F., L. Karnal, M.V. Morais & S. Purdy. *op.cit.*, pp. 151-152.

<sup>113</sup> *Ibid.*, p. 177.

<sup>114</sup> E. J. Hobsbawm, *A era dos impérios 1875-1914*, p.268.

enormes mudanças, pois a extensão de terras de cultivo se duplicou e os cientistas desenvolveram sementes melhores.<sup>115</sup>

Monteiro Lobato, enquanto residia em Nova Iorque, explicitava seu estarrecimento diante de tanta novidade a partir das conquistas tecnológicas

Quanta novidade! É a terra das invenções esta. Não há dia em que os jornais não anunciem uma nova (...) Eu não sei onde esta terra vai parar nesta vertigem de progresso com esta maré de invenções. O futuro dos Estados Unidos é imprevisível (...) o enriquecimento continua, tudo cresce como bananeira, inclusive a potencia cerebral do homem.<sup>116</sup>

As máquinas modernas costumavam ser grandes e barulhentas, construídas por ferro e aço, e eram movidas a vapor. Logo, o carvão tornava-se a fonte industrial mais importante e a necessidade de sua produção fez com que os países se voltassem à atividade rural.<sup>117</sup> Em 1900, os estadunidenses produziam tanto aço quanto a Inglaterra e a Alemanha juntas, além de possuírem o domínio da indústria do petróleo.<sup>118</sup>

---

<sup>115</sup> *Growth and Transformation*, disponível em <http://www.america.gov/st/educ-english/2008/June/20080610222721eaifas0.1542325.html> (acessado em 15/12/2010).

<sup>116</sup> C. Nunes, *Cartas de Monteiro Lobato a uma senhora amiga*, pp. 13-17.

<sup>117</sup> E. J. Hobsbawm, *A era dos impérios 1875-1914*, p.47. A expansão das ferrovias aumentou seis vezes entre 1860 e 1920, o que possibilitou a abertura de extensas áreas a agricultura comercial. Assim, criou-se um mercado nacional para produtos industrializados, o que provocou um avanço admirável da mineração de carvão e a produção de aço. (Fernandes, L.F., L. Karnal, M.V. Morais & S. Purdy. *op.cit.*, p. 177.

<sup>118</sup> *Ibid.*, p. 156

Lobato admirava-se pelo fato de a América ter superado em termos de riqueza a Europa e alcançado

para seu povo um padrão de vida que é inédito na vida da humanidade, unicamente por que produziu e aplicou em seu território mais ferro que toda a Europa reunida.<sup>119</sup>

E referia-se ao Brasil salientando que se ninguém tivesse a ideia de despertar “tremenda força que dorme”, no sentido de transformar suas montanhas de minérios em máquinas, jamais o país se desenvolveria.<sup>120</sup> Lobato tinha certeza do poder brasileiro em produzir carvão, pois enquanto esteve nos Estados Unidos teve contato com o Sr. William H. Smith, antigo engenheiro e diretor da Ford e responsável por patentear a *sponge iron*, que classificou a amostra do carvão brasileiro como “inigualável” para a produção de ferro.<sup>121</sup> Todavia, embora o considerável potencial de minério de ferro provocasse um frenesi mundial, segundo Ana Maria Alfonso-Goldfarb e Márcia Helena Mendes Ferraz, estudos posteriores comprovaram problemas sérios que deveriam ser solucionados para uma boa e efetiva produção.<sup>122</sup>

---

<sup>119</sup> C. Nunes, org., *Monteiro Lobato vivo...*, pp. 128-130.

<sup>120</sup> *Idem*.

<sup>121</sup> Sacchetta, V., C.L. Azevedo & M. Camargos, orgs., *op.cit*, pp. 253-254.

<sup>122</sup> Data desse período a crença de que o Brasil possuísse 25% do ferro existente no planeta. A falta de conhecimento do minério brasileiro, desde o início do século XIX, foi responsável por sua má manipulação, considerando-se que os métodos adotados para a transformação do minério em metal – confirmados posteriormente – exigiam a adoção de um procedimento diferente daquele utilizado devido às impurezas que o minério apresentava. As técnicas conhecidas consumiam muito carvão para a aquisição ínfima de ferro. Vide: A.M. Alfonso Goldfarb & Márcia Helena M. Ferraz, “De lo nativo a lo nacional: reevaluando la cuestión siderúrgica brasileña” in *Dynamis*, 1992 (12): 131-149; A.M. Alfonso Goldfarb & Márcia Helena M. Ferraz, “Raízes históricas da difícil equação institucional da ciência no Brasil” in *São Paulo em perspectiva*, 16(3): 3-14, 2002; A.M. Alfonso Goldfarb & Márcia Helena M. Ferraz, “A institucionalização da metalurgia no Brasil: da escola à práxis” in *Revista da SBHC*, (7): 15-24, 1992.

Numa época em que o Brasil preocupava-se na busca de modelos europeus para seu desenvolvimento, Lobato defendia a linha do progresso cientificista estadunidense. O período em que permaneceu na América do Norte possibilitou a confirmação de todas as suas ideias, pois para ele, aquele país representava um paradigma de um avanço científico e tecnológico embasado na eficiência.<sup>123</sup> Numa comparação entre a Europa e a América do Norte assegurava que

Aqui (América) vejo todos os problemas resolvidos e uma média de felicidade individual que nunca nenhum sociólogo julgou possível. É positivamente o primeiro país que acertou a mão na ciência do viver coletivo.<sup>124</sup>

Se analisarmos as palavras de Lobato por meio da citação acima, na qual faz alusão a uma sociedade ideal, perfeita e desenvolvida, talvez seja possível inferir que o termo “positivamente” não foi empregado em vão.

### ***2.3 A influência positivista em Monteiro Lobato para a formação de suas ideias de progresso***

A maioria de Lobato coincidiu com a virada para o século XX, um período em que houve várias críticas e transformações do princípio filosófico de Auguste Comte, que propunha a regeneração social através de uma completa

---

<sup>123</sup> *Ibid.*, p. 237.

<sup>124</sup> C. Nunes, org., *Monteiro Lobato vivo...*, p.63.

reforma intelectual da humanidade.<sup>125</sup> Para Comte “essa revolução geral do espírito humano” deveria ter como “ponto de partida” a “educação do indivíduo e para a da espécie”.<sup>126</sup>

Porém, deve-se levar em consideração que foi a chamada religião positivista que mais se difundiu no Brasil.<sup>127</sup> Durante o período imperial e início da República, o positivismo foi constituído em verdadeira Religião, Comte chegou a ser reverenciado pelos positivistas, de forma semelhante à veneração dos católicos por Jesus Cristo.<sup>128</sup>

A criação desta religião ocorreu nos últimos quinze anos de sua vida, como forma de superação dos obstáculos na elaboração ideal da sociedade.<sup>129</sup> Assim, seu discurso baseava-se na proposta de uma Religião da Humanidade ao mesmo tempo em que recomendava a eliminação do catolicismo, bem como de outras formas tradicionais religiosas, ou seja, propalava abolir qualquer tipo de crença sobrenatural.<sup>130</sup> Para isso, propôs um novo calendário que continha, ao invés dos santos, nomes de grandes figuras da história do pensamento, como Descartes, Dante, Shakespeare, Adam Smith, Xavier de Maistre e outros.<sup>131</sup>

No Brasil, ao Dr. Luís Pereira Barreto é atribuído o passo mais significativo da proposta oferecida por Comte. Com a publicação da obra *As*

---

<sup>125</sup> C. Costa, *O Positivismo na República – notas sobre a história do positivismo no Brasil*, p.13. Segundo o professor Costa outras correntes filosóficas provenientes da Europa passaram a concorrer com a filosofia comteana.

<sup>126</sup> A. Comte, “Curso de Filosofia Positiva” in Comte, A. *Pensadores*, pp. 5-6.

<sup>127</sup> A repercussão do positivismo religioso no Brasil foi grandiosa com a fundação da Sociedade Positivista do Brasil, no Rio de Janeiro que, através da participação do sócio fundador Benjamin Constant, originou a Igreja Positivista. U. Zilles, “O positivismo de Auguste Comte e sua influencia no Brasil” in *Grandes tendências na filosofia do século XX e sua influência no Brasil*, p.142-143.

<sup>128</sup> *Idem*.

<sup>129</sup> *Ibid.*, p.142.

<sup>130</sup> A. Comte, “Catecismo Positivista” in Comte, A., *op.cit*, p. 122.

<sup>131</sup> *Ibid.*, p. 120-122.

*Três Filosofias* apresentava a filosofia positiva como substituta da autoridade intelectual exercida no país pela Igreja Católica.<sup>132</sup> Anterior a esta publicação, apresentou no Rio de Janeiro a tese sob o título *Teoria das Gastralgias e das nevroses em geral*, que trazia como principal proposta para a humanidade a busca pela ciência. Seu principal interesse era o de introduzir no Brasil os progressos mais recentes da humanidade.<sup>133</sup>

A importância e a presença do Dr. Luís Pereira Barreto na vida de Monteiro Lobato está registrada numa de suas correspondências a Godofredo Rangel

O meu artigo Nitrogênio teve a sorte de cair em graça. Recebi cartas elogiosas, entre elas uma do Dr. Luis Pereira Barreto. Fez-me bem essa opinião dum homem que eu venerava.<sup>134</sup>

Quando ainda adolescente, Lobato estudava no Colégio Paulista, localizado no interior de São Paulo, onde pôde terminar os primeiros estudos.<sup>135</sup> Muitos professores dos cursos secundários eram “discípulos entusiastas” de Comte, cujo intuito era o de, por meio da educação, contribuir com o desenvolvimento da mentalidade brasileira.<sup>136</sup>

Lobato graças a biblioteca de que dispunha na casa de seu avô, “um salão de grossos tomos de revistas, de folhetins” com “estantes cheias”<sup>137</sup>, gostava de passar o tempo dedicando-se à leitura de Balzac, Shakespeare,

<sup>132</sup> I. Lins, *Historia do positivismo no Brasil*, p.XIV. Embora o Dr. Luís Pereira Barreto tenha sua contribuição relevante, o primeiro documento que fez alusão a Comte, foi a tese do Dr. Justiniano da Silva Gomes, que faz parte de um estudo sobre biologia. (*Ibid.*, p.17).

<sup>133</sup> P.E. Arantes, “O positivismo no Brasil” in *Novos Estudos*, 21, pp.188-189.

<sup>134</sup> M. Lobato, *A barca de Gleyre*, p. 67.

<sup>135</sup> C. Nunes, *Monteiro Lobato – o editor do Brasil*, p. 6.

<sup>136</sup> I. Lins, *op.cit.*, p. 562.

<sup>137</sup> P. Dantas, *op.cit.*, p. 25.

Tostoi, Maquiavel, Eça de Queiroz e, também, livros sobre filosofia, entre eles os de Auguste Comte. No colégio, gostava de discutir com um de seus professores de nome Germano as ideias de Comte.

Neste período, Lobato já conhecia a obra de Euclides da Cunha, *Os Sertões*<sup>138</sup>. De formação militar, Euclides foi aluno de Benjamin Constant – renomado positivista – no Colégio Militar<sup>139</sup> e referia-se a Comte como o “eminente instituidor da Síntese Subjetiva, o mais admirável livro do século XIX (...) o maior dos mestres.”<sup>140</sup>

É possível identificar um apreço especial de Lobato a Euclides. Em *Os Sertões* há a abordagem de assuntos referentes à História Brasileira (Guerra de Canudos), à Geografia (abordagem da seca no nordeste) e também às questões sociológicas (presentes na discussão sobre o sertanejo). Certamente, serviu a Lobato como um exemplo da possibilidade de trabalhar a ciência na literatura.

Subito, um relampago. Explodem *Os Sertões*. A dose de ciência ensartou no grande livro soube-nos ao paladar como revelação maravilhosa (...) o fenomenal triunfo d’*Os Sertões proveiu sobretudo da dose de ciencia embrechada no livro*.<sup>141</sup>

<sup>138</sup> Euclides da Cunha viajou a Canudos, no interior da Bahia, para fazer o registro jornalístico da guerra por solicitação do jornal *O Estado de São Paulo*. Posteriormente, lançou o livro que misturava uma descrição impessoal com uma preocupação social. No término do livro defendia a educação como princípio civilizador. (W. N. Galvão, “O preço da modernização” in Cunha, E. *Os Sertões – campanha de Canudos*, pp.3-4.

<sup>139</sup> Um dos representantes positivistas cuja influência foi marcante no Brasil, professor de matemática em várias instituições e na Escola militar e “considerado pelos manuais o fundador de nossa república” foi Benjamin Constant (1836-1891). Porém, as atitudes de Benjamin Constant revelavam aspectos contraditórios à filosofia de Comte, uma vez que ele fazia parte da elite burguesa que não se preocupava com os interesses da população. ( P.E. Arantes, *op.cit* pp.189-190). Também contribuiu com a repercussão do positivismo religioso no Brasil, como sócio fundador da Sociedade Positivista do Brasil, no Rio de Janeiro, que originou a Igreja Positivista. (U. Zilles, *op.cit.*, p.142-143).

<sup>140</sup> Euclides da Cunha *apud* I. Lins, *op.cit.*, pp. 503-504.

<sup>141</sup> M. Lobato, *Prefácios e entrevistas*, p. 85.

É possível perceber uma proximidade de Lobato a Comte, ao adotar a ciência como forma para explicar alguns acontecimentos em detrimento às explicações místicas que a igreja católica. Sabe-se que Comte, ao propor o Catecismo positivista, tinha como intenção valorizar o “Grande Ser”, atribuía toda a responsabilidade da vida à Humanidade, afastando quaisquer explicações alegóricas que não pudessem ser comprovadas.<sup>142</sup>

Numa de suas correspondências a Rangel, cujo teor é uma explicação sobre o que é a vida e o ser humano, torna-se evidente essa proximidade. Afirmava que o homem é uma forma de vida assim como qualquer animal ou plantas da natureza, composto por células. Além disso, que as diversas formas de vida, manifestadas por intermédio da “matéria Elemental”, podiam ser estudadas nos laboratórios e revelar o mistério da vida, em detrimento das explicações religiosas.

Esse mistério sempre tonteou o homem, forçando-o a desvairar em hipótese. A inteligência clássica formulou-as naquela manhã de sol chamada Grécia. A inteligência moderna uma a uma as reformula hoje, ajudada pelos avanços devassadores do laboratório.<sup>143</sup>

Outra declaração de Monteiro Lobato que vai ao encontro do ideário comteano, no que se refere à valorização do homem, pode ser verificado no prefácio da obra de Pedro Granja, intitulado *Afinal, quem somos?* Lobato

---

<sup>142</sup>“A razão ocidental não pode mais deixar-se guiar por opiniões evidentemente indemonstráveis, e até radicalmente quiméricas, como todas as que são inspiradas por uma teologia qualquer”. A. Comte, *op. cit.*, p.120.

<sup>143</sup> M. Lobato, *Prefácios e entrevistas*, pp. 76-77.



refere-se ao Deus cristão como algo que foi idealizado pelo homem e que a ciência já podia demonstrar que se tratava de um “antropomorfismo”. Como o homem nada podia conceber além de si próprio, a explicação da semelhança divina era uma forma de se sobressair perante as outras espécies. E se esse “Deus” era do sexo masculino, a explicação seria por causa do machismo que imperava na sociedade.

E se homens fossem minhocas, Deus seria um minhocão. Na multiplicidade da ideia que fazemos de Deus, persiste irreduzível o antropomorfismo, como persistiria o lombricimorfismo, se fôssemos minhocas.<sup>144</sup>

Vale ainda lembrar que Monteiro Lobato cursou, mesmo contrário a sua vontade, Direito no Largo São Francisco e foi aluno de vários positivistas. Tal o foi o caso do Professor Almeida Nogueira<sup>145</sup> no curso de Economia Política e Finanças, no quarto ano, por quem mais tarde expressaria admiração. Também pelo Professor Pedro Lessa, que lecionava Filosofia do Direito, Lobato demonstraria entusiasmo<sup>146</sup>. Neste curso, contradizia-se “a doutrina do pecado original e o dogma da queda”.<sup>147</sup>

---

<sup>144</sup> *Ibid.*, p. 128.

<sup>145</sup> Referido professor era “fortemente imbuído da filosofia positiva”. Para Lobato era o único que dizia o que gostaria de ouvir. (Edgard Cavalheiro, “Vida e obra de Monteiro Lobato” in M. Lobato, *Urupês*, p. 63).

<sup>146</sup> Pedro Lessa teve significativa contribuição na formação de Lobato acerca dos ideais de justiça que pregava. Afirmava que “o homem só deve se render a argumentos e convicções próprias, nunca a injunções alheias”.(P. Lessa *apud* Sacchetta, V., C.L. Azevedo & M. Camargos, orgs., *op.cit.*, p. 31).

<sup>147</sup> I. Lins, *op.cit.*, p.145.

Como mencionado anteriormente, a maioria dos positivistas brasileiros ingressou no magistério superior e secundário, militou na imprensa, participou do governo Provisório, da Constituinte e das assembleias e governos estaduais, e também ocupou importantes cargos no Exército e na Marinha.<sup>148</sup>

De toda forma, de acordo com o biógrafo Edgard Cavalheiro, um dos mais respeitados nos estudos lobatianos, Monteiro Lobato não tinha limites, defendia a liberdade, não tinha “um pensamento político, religioso ou filosófico, bem definido (...) se guiou sempre mais por tendências íntimas do que por ideias cristalizadas” e, além disso, estava “aberto a todas as inovações”.<sup>149</sup>

Portanto, pode-se afirmar que Lobato defendia o conhecimento científico como garantia ao desenvolvimento, ao progresso vivenciado em Nova Iorque. Este conhecimento deveria ser transmitido por meio da instrução, com a valorização do ser humano, numa sociedade que tivesse por ideal a educação em primeiro plano.

#### ***2.4 O tratamento da população como garantia de progresso: as ideias higienistas***

Lobato foi um intelectual que participou ativamente na defesa do progresso social e mental dos brasileiros. Devido às dificuldades encontradas na fazenda, passou a analisar o comportamento de seus empregados e, inicialmente, chegou a classificá-los como preguiçosos, uma visão muito difundida pela classe intelectual que atribuía a culpa pela falta de

---

<sup>148</sup> *Ibid.*, pp.11-12.

<sup>149</sup> E. Cavalheiro, “Vida e obra de Monteiro Lobato” in M. Lobato, *Urupês*, p. 58.

desenvolvimento aos “Jecas”. Percebeu que os caboclos não tinham respeito algum à natureza que os alimentava, abrigava e sustentava.<sup>150</sup> Enquanto o fogo destruía a mata, “o caboclo regala-se : - Êta fogo bonito!”<sup>151</sup>

Por detrás das críticas aos caboclos residia sua indignação sobre a incapacidade do governo em adotar uma postura moderna para garantir que árvores milenares, por exemplo, não fossem devastadas, que garantisse a qualidade das terras para as futuras plantações.<sup>152</sup> Além disso, demonstrava sua repulsa pelo fato de o governo aproveitar-se da situação do jeca em benefício próprio, pois o jeca “vota. Não sabe em quem, mas vota. Esfrega a pena no livro eleitoral, arabescando o aranhol de gatafunhos e que chama ‘sua graça’.”<sup>153</sup>

Para Lobato faltava ao jeca valorizar seu país, pois “o sentimento de pátria lhe é desconhecido”<sup>154</sup>. Em carta a Rangel, confidenciava sobre sua postura ao observá-los na ânsia de encontrar uma possibilidade para reverter tal situação que era responsável pelo entrave ao desenvolvimento nacional.

Estou em luta contra quatro piolhos (...) agregados aqui das terras. (...) meu grande incêndio de matas deste ano a eles o devo. Persigo-os (...). Estudo-os. Começo a acompanhar o piolho desde o estado de lêndea.<sup>155</sup>

<sup>150</sup> V. Sacchetta, C.L. Azevedo & M. Camargos, orgs., *op.cit*, p. 56.

<sup>151</sup> M. Lobato, *Urupês*, p.275.

<sup>152</sup> A partir destas constatações, Lobato iniciou uma série de artigos em torno dos problemas nacionais que propiciavam debates calorosos publicados, posteriormente, em “Urupês”. Sacchetta, V., C.L. Azevedo & M. Camargos, orgs., *op.cit*, pp. 58-63.

<sup>153</sup> M. Lobato, *Urupês*, p. 286.

<sup>154</sup> *Idem*.

<sup>155</sup> M. Lobato, *A barca de Gleyre*, pp. 362-363.

Preocupado com a qualidade de vida do povo brasileiro, utilizava-se dos avanços na área da biologia para, também, criticar o bacharelismo. Alertava para o fato de as autoridades não atribuírem verbas para o investimento em campanhas de higiene que impediam que o povo se desenvolvesse, o que acarretava um prejuízo à economia. Um povo “feíssimo, torto, amarelo (...) viveiro ambulante do verme destruidor” não conseguiria trabalhar em benefício próprio e, por conseguinte, da nação.<sup>156</sup>

Encontramos uma citação de Lobato acerca desse “atraso” causado pelo reinado dos bacharéis relacionando-o, posteriormente, às questões relativas à vida latifundiária. Identificava como uma das várias consequências da vida latifundiária, tanto na região Norte, quanto no Centro e no Sul do país, o desapego à ciência e uma valorização excessiva pela literatura da *belle époque*. Neste momento, o importante era saber conversar literatura, o que não exigia muito esforço, em comparação à ciência que exigia concentração, “muito mais fácil ler *O primo Basílio* do que os *Primeiros princípios* de Spencer.”<sup>157</sup>

Esta atitude de Lobato pode ser explicada pela influência da leitura do texto *Saneamento do Brasil*, de Belisário Pena<sup>158</sup>, a partir da qual começou a repensar seus juízos sobre o mundo rural.<sup>159</sup>

---

<sup>156</sup> M. Lobato, *Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital*, pp. 234-242.

<sup>157</sup> M. Lobato, *Prefácios e entrevistas*, p. 86.

<sup>158</sup> O Dr. Belisário Augusto de Oliveira Penna (1868-1939) participou das campanhas sanitárias, no combate à febre amarela, malária e outras doenças no Brasil. Publicou no editorial do jornal *Correio da Manhã* um trecho de seu livro que afirmava que “o Brasil é um país de doentes no sentido literal da expressão. A nossa miséria financeira e econômica é o reflexo da desnutrição orgânica que converte a maioria dos nossos concidadãos em inúteis unidades sociais”. (M. Lobato, *Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital*, p. 256).

<sup>159</sup> Lobato afirmava que Belisário Pena “revelou ao país o seu estado de doença. Demonstrou que há no Brasil 70% de criaturas bichadas pela verminose. Provou que em trinta milhões de criaturas há mais de vinte milhões de inutilizados, sombras de gente, cadáveres vivos”. (*Ibid.*, p. 116).

Passou a considerar que nossa gente necessitava de “tratamento” e a luta contra as enfermidades poderia garantir a compleição de uma nação moderna e civilizada: era o momento “do combate aos males endêmicos”.<sup>160</sup> Ainda influenciado pelo que viu nos Estados Unidos, para Lobato a saúde era a solução para a preparação de uma sociedade capaz de progredir. Numa descrição da vida diária, referia-se às moças que se dirigiam para as estações de metrô ou ônibus como mulheres “altas, esguias (...) boa alimentação vitamínica e a vida higienica – o tudo dando como resultado saúde”.<sup>161</sup>

Sua crença no desenvolvimento da biologia foi responsável pela nova visão acerca do povo brasileiro e, a partir desse momento, engajou-se nas campanhas higienistas.<sup>162</sup>

Aberta por Pasteur (...) todas as ciencias filiadas á biologia desentrenharam-se em maravilhosos surtos (...) inaugurou-se para a humanidade uma nova era (...) E a higiene nasceu.<sup>163</sup>

Preocupado em descobrir as origens das dificuldades do país com a maior nitidez possível produziu vários artigos publicados no jornal *O Estado de São Paulo* que denunciavam as doenças do homem da roça. Esta série de artigos intitulada “Problema Vital”, apresentava duas temáticas: “Saneamento

---

<sup>160</sup> *Ibid.*, p.111.

<sup>161</sup> M. Lobato, *América*, p. 207.

<sup>162</sup> As campanhas higienistas tiveram sua origem na ideia de uma ciência que tinha como objetivo central aprimorar questões relacionadas à herança genética dos indivíduos. Referida ciência, denominada Eugenia, foi estudada por Francis Galton no final do século XIX. Seu principal preceito partia do pressuposto de que todas as características humanas, físicas, morais e mentais, seriam herdadas e que para que houvesse uma melhoria nas condições humanas, que incluíam as doenças hereditárias, deveria haver a seleção de união entre as raças. (W. Stefano, *op.cit.*, pp.4-5)

<sup>163</sup> M.Lobato, *Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital*, p. 227.

do Brasil” e “Problemas do saneamento”.<sup>164</sup> Certo de que a ciência aplicada a favor da população bem como da saúde seria a responsável pelo êxito do desenvolvimento nacional, Lobato passou a apoiar Belisário Penna e também Arthur Neiva, responsável pela campanha em São Paulo.<sup>165</sup> Segundo Lobato, em defesa ao patriotismo, era preciso elaborar um “programa patriótico, e mais que patriótico, humano (...) sanear o Brasil”.<sup>166</sup>

O primeiro artigo que Lobato publicou neste período foi “A ação de Oswaldo Cruz” cujo teor do texto enaltecia os estudos científicos desenvolvidos em Manguinhos, na luta do laboratório e do microscópio contra as práticas caseiras e empíricas.<sup>167</sup> No artigo intitulado “Reflexos Morais” fornecia a solução para consertar o país: “Restaurai a saúde do povo. Curai-o, e todos os bens virão ao seu tempo pela natural reação do organismo vitalizado”.<sup>168</sup>

A escolha de Lobato de abordar a eminente figura de Oswaldo Golçalves Cruz<sup>169</sup> em seu primeiro artigo não foi aleatória. Como se sabe o mencionado médico foi responsável, na época, por trazer as novidades da ciência médica ao Brasil, após ter frequentado o Instituto Pasteur com o “acolhimento” do

---

<sup>164</sup> Posteriormente, os textos foram organizados em livro publicado pela Sociedade Eugênica de São Paulo, em conjunto com a Liga Pró-Saneamento do Brasil, prefaciado pelo médico Renato Kehl, fundador da Sociedade Eugênica de São Paulo em 1918. (Sacchetta, V., C.L. Azevedo & M. Camargos, orgs., *op.cit.*, pp.112-116). Deve-se considerar a postura extremamente radical adotada por Kehl ao definir a eugenia como intermediária entre a higiene social e a medicina prática, favorecendo os fatores sociais de tendência seletiva, no esforço pelo constante e progressivo multiplicar de indivíduos “bem dotados” ou eugenizados (R.Kehl, *Lições de Eugenia*.2ª. ed. Rio de Janeiro: Canton & Reile, 1935, p. 46).

<sup>165</sup> Um fato inusitado, citado pelo biógrafo Cassiano Nunes, foi um cidadão procurar Monteiro Lobato para que ele atendesse sua mulher que estava prestes a dar à luz, certo de que Lobato era médico por causa de seus artigos sobre a saúde da população. (C. Nunes, *Monteiro Lobato – o editor do Brasil*, p. 13).

<sup>166</sup> *Ibid.*, p. 35.

<sup>167</sup> Sacchetta, V., C.L. Azevedo & M. Camargos, orgs., *op.cit.*, p.114.

<sup>168</sup> M. Lobato, *Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital*, p.264.

<sup>169</sup> Oswaldo Gonçalves Cruz (1872- 1917) filho de um médico da roça e teve “a ventura original do lar em que nasceu”. Desejava estudar bacteriologia a qual considerava “ingrata” pelo fato de não proporcionar na época garantias de subsistência como numa especialidade clínica. (C. Fraga, *Vida e obra de Oswaldo Cruz*, p.29 e p. 38).

Professor Roux. Referido professor encantou-se pelo fato de Cruz ser o primeiro brasileiro a se integrar ao grupo de pesquisas e, por esta razão, não lhe cobrava pelos materiais de trabalho, tampouco pelos animais de experiência.<sup>170</sup> Ao retornar ao Brasil, em 1899, Oswaldo Cruz instalou um laboratório completo de análises biológicas, aplicadas à clínica e, posteriormente, por indicação do Professor Roux assumiu o posto de técnico do instituto criado na Fazenda de Manguinhos, uma propriedade municipal que tinha como principal objetivo deter uma eventual contaminação por peste bubônica.<sup>171</sup>

Como já mencionado, Lobato acreditava que a salvação do povo brasileiro concentrava-se nas descobertas científicas proporcionadas pelo laboratório. Por meio de referências a países “desenvolvidos”, cujo “espírito científico que fez todas as nações prósperas”, a utilização do microscópio contribuiria com a cura de doenças; uma “verdade científica que sai nua de arrebiques do campo do microscópio” era a “verdade que salva”.<sup>172</sup> Também asseverava que o autêntico sábio não deveria emitir opinião, e sim preocupar-se em consultar o laboratório e repetir “o que o laboratório diz, sem enfeite nem torsão”<sup>173</sup>. Afirmava, ainda, que com “esse espírito novo” que os estudos deveriam ser desenvolvidos para que fosse possível “resolver os nossos problemas – e esse espírito por enquanto só se denuncia em Manguinhos”.<sup>174</sup>

---

<sup>170</sup> *Ibid.*, p.39.

<sup>171</sup> *Ibid.*, p.41.

<sup>172</sup> M. Lobato, *Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital*, p. 244.

<sup>173</sup> *Ibid.*, p. 229.

<sup>174</sup> Para Lobato, “foi Oswaldo Cruz quem varreu com a seringa, com o lenço de rapé, com a cartola do matassano, e entronizou no lugar dessas rancidas antigalhas o laboratório e o microscópio”. M. Lobato, *Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital*, pp. 227-229.

Lobato referia-se a Oswaldo Cruz como um sábio verdadeiro que mesmo num Brasil “desaparelhado cientificamente”, mas influenciado pelas ideias de Pasteur reuniu um grupo de estudiosos em Manguinhos “cheios do mesmo ardor apostólico”. Afirmava, ainda, que a designação de Oswaldo Cruz como “chefe da higiene” representou “o maior passo, senão o único dado pelo país durante a República para arrancar-se ao atoleiro onde lentamente afundava”.<sup>175</sup> Para Lobato, “a ciência” era “a fada mágica de cujas mãos tudo hoje sai”.<sup>176</sup>

Oswaldo era o tipo do mestre criador (...) Fecundava os cérebros com o polen da sua bondade e do seu fervor pela ciência (...) A ele deve o Brasil o mais fulgurante núcleo de cientistas jamais formado em nossas plagas.<sup>177</sup>

Através de variadas publicações, como já mencionado, Lobato não apenas reavaliou sua postura em relação ao homem do campo como também propôs a sua cura. Como forma de contribuição, lançou um livreto, em 1924, intitulado o *Jeca tatuzinho*<sup>178</sup>, que mais tarde tornou-se propaganda do medicamento Biotônico Fontoura. Candido Fontoura, farmacêutico responsável pelo laboratório que desenvolveu o xarope, uma promessa no fortalecimento do apetite das crianças, era amigo de Lobato e o presenteava com o elixir que Lobato servia às visitas como se fosse aperitivo, sem que ninguém

---

<sup>175</sup> *Ibid*, pp. 226-227.

<sup>176</sup> *Ibid.*, p. 174.

<sup>177</sup> *Ibid.*, p. 171.

<sup>178</sup> Nesta obra, o personagem-símbolo ensina noções de higiene e saneamento para as crianças. Lobato adaptou a personagem para contribuir na divulgação dos produtos do laboratório. (Sacchetta, V., C.L. Azevedo & M. Camargos, orgs., *op.cit.*, pp.199-200).



desconfiasse.<sup>179</sup> Numa de suas correspondências explicitava sua admiração e apreço ao amigo por contribuir com o tratamento de saúde de Edgard, seu filho mais velho.<sup>180</sup>

Com esta publicação, Lobato mais uma vez espelhava-se no modelo de vida norte americano como exemplo para seu país. A personagem depois de curada pelo médico deixou de ser preguiçosa. Sua fraqueza e o medo também deixaram de existir, o que garantiu que desenvolvesse uma vontade sem limites para trabalhar, enriquecer e galgar um lugar na sociedade. Com a aquisição de um caminhão Ford, o Jeca Tatu só pensava em desenvolver-se, inclusive teve aulas de inglês para entender melhor o país que exalava progresso, os Estados Unidos da América. No final do texto, Lobato aconselhava as crianças

Meninos: nunca se esqueçam desta historia; e, quando crescerem, tratem de imitar o Jéca. Se forem fazendeiros, procurem curar os camaradas da fazenda. Além de ser para eles um grande benefício, é para você um alto negocio. Você verá o trabalho dessa gente produzir tres vezes mais. Um país não vale pelo tamanho, nem pela quantidade de habitantes. Vale pelo trabalho que realiza e pela qualidade da sua gente. Ter saúde é a grande qualidade de um povo. Tudo mais vem daí.<sup>181</sup>

Para que no Brasil as coisas funcionassem de acordo era necessário ensinar o Jeca para que bem preparado pudesse assumir qualquer emprego bem como qualquer função em seu emprego, pois Lobato afirmava, baseado

---

<sup>179</sup> “Juca pedia para Purezinha pôr o remédio numa garrafa de cristal linda, toda facetada, que formava conjunto com os cálices. Meu avô bebia num deles como se fosse vinho para acompanhar as refeições.” (M. Camargos, *Memórias da neta de Monteiro Lobato*, p. 104).

<sup>180</sup> C. Nunes, org., *Monteiro Lobato vivo...*, p. 30.

<sup>181</sup> M. Lobato, *Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital*, pp. 329-340.

no fordismo, que era possível o aproveitamento de “até cegos e aleijados” em defesa do progresso. Para isso, era necessário ensiná-los como maneira de contribuírem para o progresso.<sup>182</sup>

Por que a produção per capita do paulista está tão acima da do homem nordestino? Claro que por causa do maior emprego da máquina, já que fisiologicamente esse homem é absolutamente igual ao nordestino ou ao do fundo dos sertões centrais. Aumente-se a eficiência do nordestino ou do homem dos sertões e ele produzirá tanto como o paulista.<sup>183</sup>

Embora Lobato tivesse estabelecido contato com a Sociedade Eugênica de São Paulo, deve-se tomar cuidado ao rotular sua postura como “eugenista”. A partir da leitura de “Urupês” assim como “Velha praga”, considerados artigos<sup>184</sup> que simbolizam a eugenia em Lobato, não é possível encontrar citação(ões) que defenda(m) aspectos radicais como os defendidos por Renato Kehl<sup>185</sup>, como por exemplo, a esterilização do caboclo como maneira de contribuir na organização social. Há diversas passagens onde se percebe, nitidamente, crítica ao domínio do governo em preocupar-se apenas com questões alheias aos problemas nacionais, em não se preocupar com os jecas, parcela esquecida de uma sociedade que deveria apenas saber votar no governo, e repetir a vida herdada de seus antepassados.<sup>186</sup> *O problema vital*

<sup>182</sup> Sacchetta, V., C.L. Azevedo & M. Camargos, orgs., *op.cit.*, p.208.

<sup>183</sup> C.Nunes, *Monteiro Lobato vivo...*, p. 140. Ambos avulsos publicados pela primeira vez em 1914 pelo O Estado de São Paulo.

<sup>184</sup> Ambos avulsos publicados pela primeira vez em 1914 pelo O Estado de São Paulo.

<sup>185</sup> Vide nota 164 p. 62.

<sup>186</sup> O artigo “Velha praga” apresenta, no início, a informação de que “andam todos em nossa terra por tal forma estonteados com as proezas infernais dos belacíssimos vons alemães que não sobram olhos para enxergarem males caseiros” (M. Lobato, “Velha praga” in *Urupês*, pp.269-276). Em “Urupês” o fato de Lobato criticar a “feiura” do jeca pode estar relacionada, inicialmente, às críticas que atribuía aos romances estrangeiros que apresentavam elementos

constitui-se numa reunião de artigos, onde Lobato apresenta questões referentes à saúde pública, no sentido de alertar sobre as condições de higiene como elemento fundamental ao progresso.<sup>187</sup>

Por outro lado, como citado no primeiro capítulo, há trabalhos que defendem a postura eugênica adotada por Lobato no romance *O Presidente negro* que, ao contrário dos artigos supracitados, apresenta o processo de esterilização dos negros como garantia ao progresso. Porém, é preciso verificar em quais situações Lobato se predispôs a elaborar a obra. Em uma de suas correspondências a Rangel, relatou sua intenção de produzir um *best seller* “editável nos Estados Unidos”. Estava certo disso, devido à facilidade em escrever para as crianças e por considerar “o americano sadiamente infantil.”<sup>188</sup>

É preciso considerar que Lobato defendia a ciência na melhoria das condições de vida dos caboclos e não como maneira de extermínio do homem do campo. Como já mencionado, uma maneira seria o investimento em educação, em fornecer informações para que houvesse um resgate dessa parcela da população marginalizada rumo ao desenvolvimento do país.

---

distantes da realidade brasileira. “Pobre Jéca Tatú! Como és bonito no romance e feio na realidade! (...) seu grande cuidado é espremer todas as consequências da lei do menor esforço”. Em outro trecho, percebe-se a submissão do jeca ao governo: “Vota. Não sabe em quem, mas vota. (...) se ha tumulto, chuchurrea de pé firme, com heroísmo, as porretadas oposicionistas, e ao cabo segue para a casa do chefe, de galo civico na testa e colarinho sungado para trás, afim de novamente lhe depor nas mãos o ‘dipeloma’”. (*Ibid.*, pp.277-292).

<sup>187</sup> M. Lobato, *Mr. Slang e o Brasil e O problema vital*. (São Paulo: Brasiliense, 1955).

<sup>188</sup> M. Lobato, *A barca de Gleyre*, p. 293.

## **2.5 São Paulo: um terreno fértil para as ideias de Lobato**

A cidade de São Paulo, desde a segunda metade do século XIX, era considerada um símbolo de prosperidade, visto que desde 1815 foi transformada em capital da Província de São Paulo. O sucesso da cidade e a fama de prodígio que ganhava eram refletidos internacionalmente. Verifica-se isso numa correspondência de uma professora alemã a sua irmã, que vivia na Alemanha. Nesta correspondência, a professora enfatizava a veracidade das informações sobre os benefícios que havia em morar em São Paulo, classificando-a como o mais perfeito ambiente do Brasil para os educadores, não apenas na capital, como em toda a província, pois “os moços da nova geração namoram a ciência e dão-se ares de erudição e de filosofia.”<sup>189</sup>

Os periódicos contribuíram fortemente na divulgação do progresso paulistano e favoreceram a crença de que o desenvolvimento da cidade fizesse parte do ideário da população. As principais temáticas das reportagens citadas nas revistas paulistanas pautavam-se na celebração do progresso, na invenção da tradição, na cunhagem de um mito, no espaço da ordem.<sup>190</sup> Nota-se que a ansiedade com a ordem era fator de extrema preocupação para a obtenção do progresso, uma postura bastante influenciada pelo ideário positivista.<sup>191</sup>

O processo de industrialização da cidade teve forte influência do crescente número de habitantes na região. Com a chegada dos imigrantes é fato que a capital aumentou em termos de população urbana e no campo.

---

<sup>189</sup> I.V. Binzer, *Os meus romanos, alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*, p. 77.

<sup>190</sup> A. L. Martins, *Revistas em revista*, p. 473.

<sup>191</sup> Dentre as intervenções do apostolado positivista no Brasil podemos destacar a participação no movimento republicano, a influência exercida na Constituição de 1891, onde a bandeira brasileira passou a ostentar parte do lema comteano “amor, ordem e progresso”. (I. Lins, *op.cit.*, p.11).

Foram criadas pequenas fábricas que se aproveitavam do cultivo do café, num processo de preparação para o surgimento industrial. A preocupação no estabelecimento da comunicação entre o interior e a capital trouxe um incentivo à construção de novas estradas.

Devido ao rápido crescimento, a cidade de São Paulo transformou-se no centro econômico e político do estado, uma vez que podiam ser encontradas as casas bancárias, os grandes estabelecimentos do comércio atacadista, da importação, as fábricas e oficinas. Assim, São Paulo tornou-se o principal foco dos interesses políticos do estado, enquanto que o interior foi, aos poucos, passando a segundo plano.<sup>192</sup>

Inaugurada em São Paulo, a primeira faculdade de Direito, localizada no Largo São Francisco, centralizava a elite intelectual e política e tornou-se o centro das discussões de interesse para o país, que envolviam também questões referentes à economia. Assim como outros intelectuais do período, José Bento Monteiro Lobato, em 1917, decidiu mudar-se para a capital - que vivia um surto de industrialização crescente - graças à venda da fazenda que herdou de seu avô. “São Paulo já é alguma coisa, e vale a pena entrar no palco por essa porta. E iremos juntos.”<sup>193</sup> Seu desejo por envolver-se no crescente campo industrial da Paulicéia era o que o guiava neste período, a ponto de ser decisiva sua permanência na cidade.<sup>194</sup>

A ascensão paulista foi beneficiada, entre outras, com as mudanças sociais decorrentes da abolição dos escravos e, conseqüentemente, pela crescente imigração e constante migração. Com a criação da Sociedade

---

<sup>192</sup> H. de F. Cruz, *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana 1890-1915*, p.60.

<sup>193</sup> Lobato em correspondência ao amigo Rangel, faz referência ao seu artigo que seria publicado no Estado de São Paulo. (M. Lobato, *A barca de Gleyre*, p. 11).

<sup>194</sup> M. Lobato, *Cartas escolhidas*, p. 287.

Promotora de Imigração, cuja finalidade era a de negociar a vinda de braços para lavoura de café, houve por parte de seus diretores uma campanha promocional para vender a imagem de São Paulo no sentido de aumentar a vinda dos imigrantes. Uma das primeiras estratégias foi a publicação de uma brochura, particularizando os fascínios de São Paulo, cujas informações eram elaboradas a partir de comparações com os Estados Unidos e países europeus.<sup>195</sup>

Este documento encomendado a Joaquim Floriano de Godoy, intitulado *A província de São Paulo: trabalho estatístico histórico e noticioso*, publicado em 1875, indicava “as realizações da sociedade burguesa, os avanços tecnológicos e as maravilhas do mundo industrial, além de abrigarem manufaturas, matérias-primas, produtos agrícolas, belas artes e artesanato”.<sup>196</sup>

Mas, a cidade também possuía muitos problemas devido às diferenças sociais bem como de infra-estrutura que atendesse a demanda. As propagandas não apontavam os problemas locais, como os de ordem racial bem como a situação de alguns que ainda viviam sob a escravidão.<sup>197</sup>

Por outro lado, nesse período, também, houve um fortalecimento da imprensa tipográfica paulistana, que divulgava por meio de materiais impressos propaganda dos produtos manufaturados para uma população que crescia de

---

<sup>195</sup> K. C. Petri, “Terras e Imigração em São Paulo: Política Fundiária e Trabalho Rural”, (2005) <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br> (acessado em 12/12/2010).

<sup>196</sup> T. R. de Luca, “A Província de São Paulo no início da década de 1870” , J. F. Godoy, *A província de São Paulo: trabalho estatístico histórico e noticioso* (edição fac-símilie), p. XII.

<sup>197</sup> K. C. Petri, *op. cit.*

maneira exponencial. Essa mesma imprensa auxiliará na divulgação dos benefícios que a ciência poderia trazer no trato da população.<sup>198</sup>

É fato que com o crescimento acelerado dos cafezais houve a necessidade de expandir as estradas de ferro. A exigência pela mão-de-obra nos cafezais bem como no redesenho urbanístico da capital abriu ainda mais espaço para a imigração. A necessidade da implantação do alinhamento nas ruas centrais bem como o alargamento das vias, além de reformas e novas construções tornaram-se rotineiras neste momento. Lobato numa de suas viagens ao Oeste paulista demonstrava sua admiração com a facilidade de locomoção proporcionado pelas ferrovias bem como pela criação de novas cidades pelos excelentes resultados da produção cafeeira de São Paulo.<sup>199</sup>

Como já citado, Lobato conheceu a cidade ainda nos tempos de colégio e, posteriormente, - assim como seu pai e por imposição de seu avô - o jovem veio a capital para cursar Direito<sup>200</sup>, condição primordial aos rapazes de família abastada, independente do exercício da profissão era possuir um título de doutor.<sup>201</sup> Em relação a São Paulo, Lobato afirmava que

Não há, no Brasil inteiro, estado mais nacional e cosmopolita, mais dadivoso e progressista do que este, simbolizado por esta Capital urbana que a todos acolhe e ampara desde que aqui queira mesmo trabalhar e progredir (...) São Paulo é um pequeno país, capaz de viver por si mesmo, bastando-se a si próprio em tudo.<sup>202</sup>

---

<sup>198</sup> Para maiores esclarecimentos ver M.M.L. Coelho, "Forte e bonito como o barão: ciência e propaganda no Brasil – início do século XX" (dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005).

<sup>199</sup> M. Lobato, *A barca de Gleyre*, p.153.

<sup>200</sup> O desejo de Lobato era o de se matricular na Escola de Belas Artes. ( Sacchetta, V., C.L. Azevedo & M. Camargos, orgs., *op.cit.*, p. 30).

<sup>201</sup> *Idem.*

<sup>202</sup> P. Dantas, *op. cit.*, pp. 86-87.

## **2.6 Para concluir: a reorganização das fontes em Lobato**

Monteiro Lobato que desde muito cedo expunha suas opiniões acerca da situação brasileira, como mencionado anteriormente, passou a se preocupar com a falta de atenção em relação aos “jecas”. Influenciado pelo que viu nos EUA, percebeu que a necessidade de preparar a população garantiria o progresso brasileiro, assim como havia acontecido nos países desenvolvidos. Afirmava que era necessário que se criassem essas oportunidades, pois “só a esperam os (povos) fracos”.<sup>203</sup>

Quando retornou ao país, iniciou uma campanha em defesa da riqueza brasileira. Copiar o modelo norte-americano seria a solução para o Brasil, porém afirmava que “saber o que deve copiar é uma das coisas mais difíceis”.<sup>204</sup> Produziu um discurso industrialista onde o trabalho eficiente e disciplinado, as riquezas naturais, a siderurgia, o petróleo, o transporte e a criação de um mercado interno, seriam elementos fundamentais para o projeto de progresso.<sup>205</sup>

No entanto, não bastava apenas explorar as riquezas. Era necessário que o país desfrutasse delas. Fundamentado nesse raciocínio e disposto a alforriar seu país das atas da dependência econômica, Lobato empenhou todos os seus esforços para viabilizar uma estrutura industrial capaz de assegurar o desenvolvimento do Brasil.<sup>206</sup> A partir daí sua produção literária tanto adulta quanto àquela dedicada ao público infantil tinham como proposta proporcionar

---

<sup>203</sup> M. Lobato, *Mr. Slang e o Brasil e Problema vital*, p.49.

<sup>204</sup> C. Nunes, org., *Monteiro Lobato vivo...*, p. 106.

<sup>205</sup> J. A .P. Ribeiro, *op.cit.* , pp.90-91.

<sup>206</sup> Sacchetta, V., C.L. Azevedo & M. Camargos, orgs., *op.cit.*, p. 270.



esta reflexão na intenção de superar os problemas e criar, por meio do acúmulo de riquezas, a melhoria de vida para o país.<sup>207</sup>

E é em São Paulo, uma cidade de amplas perspectivas, que passou a contribuir ferozmente com as questões do país, principalmente através de suas publicações.

“Pelas suas realizações na agricultura e na indústria (...) se basta a si mesma (...) estão aí as estatísticas dos variadíssimos produtos que saem das fazendas e fábricas de São Paulo para o demonstrar. E no dia em que alguém puder dizer o mesmo de todas as outras unidades da federação, nesse dia o Brasil estará um dos maiores países do mundo em desenvolvimento e riqueza”.<sup>208</sup>

Enumerava as várias características urbanas que se assemelhavam aos Estados Unidos da América, mais especificamente a Nova Iorque que possuía, inclusive, um “clima que sem tirar nem por” era como o da cidade de São Paulo.<sup>209</sup> A prosperidade trazida pela eficiência, assim como identificada na América, poderia ser encontrada em São Paulo “graças ao emprego mais intenso da máquina e da energia mecânica.”<sup>210</sup>

A geração do final do século XIX via com desagrado a ascensão do modelo norte-americano e preferia acreditar nos modelos da França e Inglaterra como referências ao desenvolvimento nacional.<sup>211</sup> Mas, para Lobato, a América representava o sinônimo de modernidade, pois nos proporcionava

---

<sup>207</sup> Dentre as obras lobatianas destacam-se neste momento *Ferro* (1931), *América* (1932), *Geografia de D. Benta* (1934), *O escândalo do petróleo* (1936) e *O poço do Visconde* (1937)

<sup>208</sup> P. Dantas, *op.cit.*, p. 87.

<sup>209</sup> C.Nunes, org., *Monteiro Lobato vivo...*, p. 106.

<sup>210</sup> *Ibid.*, p.140.

<sup>211</sup> Fernandes, L.F, L. Karnal, M.V. Moraes & S. Purdy. *op.cit.*, p. 18.

“uma lição de coisas de resultados fecundíssimos” apenas para aqueles que “tem olhos, ela é a suprema lição moderna”.<sup>212</sup> E São Paulo por se assemelhar à Nova Iorque estava preparada para este investimento.

---

<sup>212</sup> C. Nunes, org., *Monteiro Lobato vivo...*, p. 118.

## **CAPÍTULO III**

### **ENTRE FICÇÃO E REALIDADE: *O POÇO DO VISCONDE***

### 3.1 O petróleo como símbolo do progresso

Monteiro Lobato conheceu na América, como já apresentado anteriormente, o modelo para a concretização do sonho de fornecer a eficiência de que os brasileiros necessitavam para garantia de sua independência econômica. Pôde perceber que o investimento na máquina possibilitou aquele país ocupar a majestosa posição no cenário internacional, pois o poder norte-americano estava “sobretudo no petróleo”.<sup>213</sup> Por isso, envolveu-se numa intensa campanha para fornecer óleo ao Brasil.

A grandiosidade e o destaque que atribuía ao petróleo justificavam-se porque o considerava como “a base fundamental da vida industrial moderna”. Referia-se ao petróleo como “o sangue da indústria, das finanças, do poder e da soberania dos povos”.<sup>214</sup> Com o advento do motor à explosão e do automóvel houve um expressivo aumento do consumo de petróleo, o que explicava a necessidade de exploração.<sup>215</sup>

Lobato correspondeu-se com o presidente Getúlio Vargas que, ao perceber seu poder de persuasão, convidou-o para dirigir um departamento de propaganda. O convite foi negado de imediato, por acreditar que o Código de Minas impedia a pesquisa petrolífera.<sup>216</sup>

“A verdade nua e crua é esta: o Brasil está sem petróleo porque o governo das duas repúblicas, por atos e leis

---

<sup>213</sup> Monteiro Lobato, *O escândalo do petróleo e ferro*, p.7.

<sup>214</sup> *Ibid.*, pp.8-9.

<sup>215</sup> Relatório do projeto ONIPGEO – Situação da sísmica terrestre no Brasil pp. 9-12, disponível em [www.redetec.org.br/publique/media/livro\\_2004\\_pdf.pdf](http://www.redetec.org.br/publique/media/livro_2004_pdf.pdf) (acessado em 31/01/2011).

<sup>216</sup> C. Nunes. *Monteiro Lobato – o editor do Brasil*, pp. 18-19.

inexeqüíveis como a Lei de Minas, impede que a iniciativa privada tire petróleo – e ele, governo, não tira”.<sup>217</sup>

Nas cartas, apresentava seus estudos e considerações sobre a forma mais “econômica de carbono” que serviria como “energia para mover a máquina”.<sup>218</sup> Solicitava auxílio para que pudesse, com um investimento apropriado, abrir “poços de verdade, decentes, profundos, decisivos, e não os buraquinhos de tatu do Serviço Geológico, poços burocráticos cujo único fim é comer uma certa verba”.<sup>219</sup>

Quanto mais o país explorasse carvão, ferro e petróleo, molas do desenvolvimento industrial, melhores seriam suas condições econômicas e, conseqüentemente, maior liberdade e poder adquiriria no contexto mundial. Lobato sentia-se seguro em suas colocações devido ao tempo que dedicou a estudar as possibilidades concretas de existência de petróleo em solo brasileiro.<sup>220</sup> Desde o início do século XX, segundo o Relatório do Projeto ONIP/GEO, as bases essenciais da geologia do petróleo já haviam sido concretizadas.<sup>221</sup>

---

<sup>217</sup> C. Nunes, org., *Monteiro Lobato vivo...*, p. 144. Lobato faz referência ao conjunto de leis que o impedia de desenvolver suas pesquisas na busca de petróleo. Inicialmente, o artigo primeiro do decreto nº 23.979, de 08/03/34, extinguiu a Diretoria Geral de Pesquisas Científicas, do Ministério da Agricultura. Posteriormente, o artigo 118 da Constituição de 34 determinava que “As minas e demais riquezas do subsolo, bem como as quedas d’água, constituem propriedade distinta da do solo para o efeito de exploração ou aproveitamento industrial”. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03) (acessado em 29/01/2011).

<sup>218</sup> C. Nunes, org., *Monteiro Lobato vivo...*, pp.137-138.

<sup>219</sup> *Idem.*

<sup>220</sup> *Ibid.*, p.142.

<sup>221</sup> Relatório do projeto ONIP/GEO – Situação da sísmica terrestre no Brasil, pp. 9-12 disponível em [http://www.redetec.org.br/publique/media/livro\\_2004\\_pdf.pdf](http://www.redetec.org.br/publique/media/livro_2004_pdf.pdf) (acessado em 31/01/2011).

Também, o contato com Smith<sup>222</sup> fortaleceu seu ideal na defesa pela extração do petróleo que, se extraído internamente, garantiria um salto da economia brasileira e facilitaria seu desenvolvimento. Para Smith o Brasil tinha “uma montanha de minério (..) ou siderurgicamente falando, carbono” e que com isso “a Ciência produz ferro, matéria prima da civilização” capaz de fornecer a máquina, mas, era preciso “mobilizar e esguichar o petróleo.”<sup>223</sup>

A campanha pelo petróleo travada por Lobato ganhou intensa popularidade a ponto de a imprensa de São Paulo o apoiar de forma unânime. Fundou a Companhia Petróleos do Brasil e, depois, a Companhia Petróleo Nacional. Vendia ações para os brasileiros que acreditavam nos lucros da descoberta de petróleo, além de investir em pesquisa de técnicas de exploração petrolífera com recursos próprios. Lobato adquiriu o “melhor equipamento que existe no Brasil” com a aplicação do conhecimento dos “princípios que bebi na América”.<sup>224</sup> Também, patrocinou uma série de empresas que se dedicavam à pesquisa.

Em agosto de 1936, cinco anos após ter iniciado sua preocupação com a questão, publicou o livro *O escândalo do petróleo*<sup>225</sup>, que trouxe em sua primeira edição o subtítulo *Depoimentos apresentados à comissão de inquérito sobre o petróleo*, cuja principal característica foi apresentar o descaso por parte dos governantes em fornecer a possibilidade de crescimento, em preferir a

---

<sup>222</sup> Vide página 51.

<sup>223</sup> M. Lobato, *América*, 276. Percebe-se a importância da ciência para Lobato por cunhá-la em letra maiúscula.

<sup>224</sup> *Ibid.*, p. 178.

<sup>225</sup> Na introdução do livro, Lobato dirige-se ao Departamento Nacional de Produção Mineral, antigo Conselho Geológico, cujo diretor era o Dr. Fleury da Rocha. Demonstrava sua postura contrária à política mineral do DNPM em estabelecer leis com a finalidade de “Não tirar petróleo, nem deixar que o tirem”, o que abria espaço aos interesses dos trustes internacionais. Monteiro Lobato, *O escândalo do petróleo e ferro*, p.15.

submissão do país às companhias petrolíferas norte americanas. Afirmava que

Os trustes sabem tudo e sorriem lá entre si. Sabem que a partir de 1930 o brasileiro cada vez menos se utiliza do cérebro para pensar, como fazem todos os povos. Sabem que os nossos estadistas (...) pensam com outros órgãos que não o cérebro - com o calcanhar, com o cotovelo, com certos penduricalhos - raramente com os miolos...<sup>226</sup>

Denunciava que no comando do Serviço Geológico imperava o interesse estrangeiro em manter o Brasil em posição dependente, desvalorizando as pesquisas para extração do petróleo. Numa correspondência a Vargas, assegurava que após seu contato com um importante geólogo de petróleo considerado “um dos mais afamados geólogos e *petroleum engineer*”, responsável pela localização da reserva mais rica norte-americana teve uma dolorosa revelação.<sup>227</sup> Referida manifestação ia ao encontro das denúncias sobre o interesse de grandiosas empresas estrangeiras em não permitir que as perfurações na busca por petróleo fossem iniciadas.<sup>228</sup>

O Brasil é rico em petróleo. Dada sua área territorial, as existências de petróleo no Brasil são seguramente maiores que as de outro qualquer país (...) Fique sabendo que o petróleo não é encontrado no Brasil por uma razão muito simples – porque não convém a essas companhias. Não têm elas no momento interesse no petróleo do Brasil, mas tem-no e forte no mercado que o Brasil já é para o petróleo que elas refinam.<sup>229</sup>

<sup>226</sup> *Ibid.*, p.11.

<sup>227</sup> C. Nunes, org., *Monteiro Lobato vivo...*, p. 132.

<sup>228</sup> “O Oppenheim é um dos agentes da Standard que eu denunciei ao governo. O outro: Mark Malamphy. Este saiu da Cia. (...) que é a testa de ferro da Standard no Brasil”. (*Ibid.*, p. 186).

<sup>229</sup> *Ibid.*, pp. 131-132.

Além disso, o mesmo geólogo evidenciava a falta de interesse governamental em investir neste processo, desconsiderando o poder econômico das grandes empresas estrangeiras que pagavam para não achar petróleo e apenas elaborarem relatórios que não matassem as expectativas.<sup>230</sup>

Afirmei, provei e provo a quem quiser que nas perfurações oficiais feitas em Alagoas e em São Paulo houve casos de contato com o petróleo procurado em que, por isso mesmo, as perfurações foram suspensas ou 'acidentadas'.<sup>231</sup>

Na opinião de Lobato, era possível atingir o mesmo grau de desenvolvimento norte-americano e, por isso, clamava pelo apoio do presidente, "dê-me o seu apoio e eu darei petróleo e ferro ao Brasil"<sup>232</sup>. Assim, através de farta energia mecânica e de máquina o brasileiro poderia se revelar como "um povo tão capaz da prosperidade rápida como o americano."<sup>233</sup>

No ano seguinte, em plena campanha petrolífera, resolveu publicar um livro para as crianças que seguia sua proposta educacional intitulado *O poço do Visconde - Geologia para crianças*. Levava, então, sua campanha pelo petróleo aos leitores infanto-juvenis. Neste livro propunha a explicação de forma didática e alegre sobre a importância do petróleo, sua relação com o desenvolvimento nacional e o interesse das empresas petrolíferas norte-americanas.<sup>234</sup> Sua esperança estava nas crianças, pois acreditava que

---

<sup>230</sup> *Ibid.*, pp. 132.

<sup>231</sup> *Ibid.*, p.143.

<sup>232</sup> *Ibid.*, p. 137.

<sup>233</sup> *Idem.*

<sup>234</sup> K. Chiaradia, "O poço do Visconde: o faz de conta quase de verdade" in Ceccantini, J. L.& M. Lajolo, orgs., *Monteiro Lobato livro a livro*, pp. 355-356.



passou dez anos de sua vida “como um maluco vivendo o petróleo. A idéia afinal venceu. Mas venceu também a sabotagem oficial.”<sup>235</sup>

Lobato que respeitava a criança como indivíduo em formação apresenta a geologia voltada ao petróleo de maneira simplificada, mas apoiado na teoria. O Visconde, após encontrar um tratado sobre Geologia entre os variados livros de Dona Benta, tornou-se geólogo e passou a transmitir seu conhecimento. No início, realizou apresentações, ensinou a importância da teoria e depois passou à prática. Como resultado do sucesso dos estudos geológicos e geofísicos, a Companhia Donabentense de Petróleo, fundada pelo pessoal do sítio, conseguiu abrir o primeiro poço de petróleo do Brasil: o Caraminguá nº 1.

## **3.2 Análise da obra *O poço do Visconde***

### **3.2.1 A forte presença norte americana: o exemplo de progresso**

A extraordinária admiração de Lobato pelos Estados Unidos da América pode ser verificada no livro *O poço do Visconde*, com variadas referências à nação provida, segundo ele, de pleno desenvolvimento. Trata-se de uma obra em que explicita de forma clara sua batalha para que o país atingisse o mesmo grau de eficiência norte americano.

Por meio das palavras do Visconde, ao explicar a Narizinho o significado de ‘eficiência’, encontramos a proximidade ao ideário de Lobato acerca do progresso, no intuito de propor uma reflexão da possibilidade de o país atingir esse desenvolvimento e independência econômica. São palavras do Visconde:

---

<sup>235</sup> C. Nunes, org., *Monteiro Lobato vivo...*, p.196.

- Muito simples. O homem começou sua vida na terra dispondo só duma força – a força dos seus músculos (...) À medida, porém, que foi aprendendo a utilizar-se de outras energias da natureza (como os músculos do cavalo e do boi, as quedas de água, a força do vento, a força do vapor, a força da eletricidade, a força do petróleo) o homem foi aumentando a sua eficiência, isto é, a sua capacidade de fazer coisas. Ajudado apenas dos seus músculos, um homem pode pouco (...) Por isso vivo dizendo que sem produzir ferro e tirar e queimar petróleo em grandes quantidades como os Estados Unidos, o Brasil não ganhará impulso – não sairá do buraco da opilação econômica em que se atolou.<sup>236</sup>

Porém, seu amor a pátria brasileira não admitia, em nenhuma hipótese, que interesses estrangeiros de qualquer país, mesmo os Estados Unidos, tirassem proveito das riquezas brasileiras. Almejava proporcionar o desenvolvimento ao Brasil, seguir o modelo norte-americano e não sustentar o seu poderio econômico. Na obra, o Visconde apresentava a informação de que havia uma relação de interesse nas terras brasileiras, pelo fato do provável esgotamento de petróleo no Golfo do México.

- Bonito! – protestou Pedrinho. Então os Estados Unidos aumentarão de território à nossa custa, mandando para cá o golfo que há lá?  
-Claro. Os dois maiores rios do mundo, o Amazonas e o Mississipi, estão empenhados nessa tarefa de aterrar o Golfo do México e abrir o Golfo Amazonense (...) e é nessa parte aterrada que os americanos extraem maior quantidade de petróleo.<sup>237</sup>

---

<sup>236</sup> M. Lobato, *Viagem ao céu e O poço do Visconde*, p. 95. O livro analisado, publicado em 1972, apresenta ambas histórias.

<sup>237</sup> *Ibid.*, p. 80.

Na defesa da extração do petróleo em solo nacional, Lobato percebeu o interesse de grandes empresas petrolíferas que tinham o desejo de manterem sua dominação econômica, apoiadas pelo governo. A imprensa era utilizada com o propósito de apenas alimentar a esperança dos brasileiros. No início da história, há a descrição de Pedrinho que lê o jornal insatisfeito perante as notícias da existência de petróleo no país, sem ter de fato um poço em funcionamento.

- Bolas! Todos os dias os jornais falam em petróleo e nada do petróleo aparecer. Estou vendo que se nós aqui no sítio não resolvermos o problema o Brasil ficará toda a vida sem petróleo.<sup>238</sup>

Como vimos, Lobato também acusava os trustes americanos por boicotarem e impedirem a extração do ouro negro.<sup>239</sup> Esta questão é apresentada no livro pelos personagens Mister Kalamazoo, um perfurador norte americano contratado, e por Mr. Champignon, um químico e geólogo, amigo de Dona Benta. No diálogo estabelecido entre Pedrinho e Quindim, que vigiava o perfurador dia e noite, verifica-se esta preocupação de boicote visto que havia a desconfiança de que Mister Kalamazoo fosse mais um daqueles responsáveis por relatórios comprados por grandes empresas.

- Que tal o nosso perfurador, Quindim? (...)  
- Não sei se este homem merece confiança. Pode ser um agente dos tais trustes que não querem que o Brasil tenha petróleo; pode ser um perfurador subornado, que venha sabotar o nosso poço (...) Os sabotadores não trazem

---

<sup>238</sup> *Ibid.*, p. 72.

<sup>239</sup> Para maiores informações vide M. Lobato, *O escândalo do petróleo*. (São Paulo: Brasiliense, 1955).

nenhum S na testa – respondeu Quindim. – Apenas estou avisando. Sinto um cheiro de sabotagem no ar...<sup>240</sup>

Durante a perfuração do poço, nota-se uma tentativa de ação para prejudicar o processo. Quando os dois americanos concluíram que seria necessária a troca do equipamento de perfuração, houve a necessidade de encomendar novo aparelhamento para dar continuidade ao trabalho. Porém, percebem que quando a mercadoria chega não é o que foi solicitado, o *blowout preventer*, indispensável para impedir que o petróleo jorrasse e inundasse tudo, mas dois aparelhos de rádio, o que sugeria uma tentativa de frear os trabalhos no sítio de Dona Benta.

- Sabotagem! – gritou Pedrinho. – Juro como foi sabotagem daqueles trustes malvados. E agora, Visconde?<sup>241</sup>

Com a abertura do poço concretizada, Dona Benta, inocentemente, perguntou a Pedrinho o porquê do Quindim não deixar o perfurador trabalhar sozinho. A resposta de Pedrinho fez alusão, mais uma vez, à desconfiança que recaía sobre Mister Kalamazoo.

- Que tanta atenção é aquela, Pedrinho? Quindim não perde um só dos movimentos do Mister...  
O menino cochichou ao ouvido de Dona Benta: “- Ele é o nosso espião; está de guarda ao americano por causa da sabotagem...”<sup>242</sup>

<sup>240</sup> M. Lobato, *Viagem ao céu e O poço do Visconde*, p.112.

<sup>241</sup> *Ibid.*, pp.128-129.

<sup>242</sup> *Ibid.*, p.115.

Posteriormente, Quindim estabeleceu um laço de amizade com o norte-americano, no entanto suas desconfianças permaneceriam.

E acabaram grandes amigos. O americano contava histórias do Oklahoma, que Quindim pagava com histórias do Uganda. Mas apesar dessa amizade o rinoceronte não deixava de mantê-lo em perpétua vigilância.

- Estes trustes mundiais de petróleo são o diabo – dizia ele. – Fazem coisas do arco-da-velha. De modo que apesar da simpatia que Mister Kalamazoo me inspira, eu o trago sempre de olho.<sup>243</sup>

Nas comemorações finais, após o sucesso dos poços nas terras de Dona Benta, todos os envolvidos tiveram a chance de discursarem e foi possível confirmar as suspeitas de Quindim, salientadas no início dos trabalhos de perfuração. Quando chegou a vez do discurso de Mister Kalamazoo, envergonhado, confessou que:

- (...) quando cheguei até cá, vim pago para sabotar todos os poços que Dona Benta quisesse abrir. Mas não tive coragem. Tudo me seduziu tanto, encontrei caracteres tão nobres, que até me envergonhei da minha primitiva intenção. E transformei-me. Passei a trabalhar como o mais leal dos homens, como o resultado dos meus serviços o demonstra.<sup>244</sup>

Também, Mr. Champignon expôs as intenções iniciais de seu trabalho,

- Fui contratado para sabotar de parceria cá com o amigo Kalamazoo. Mas também não tive coragem. Quem poderá ter coragem de prejudicar uma senhora de tão altos

---

<sup>243</sup> *Ibid.*, p.114.

<sup>244</sup> *Ibid.*, p. 162.

espíritos, como Dona Benta (...) o sítio de Dona Benta me mudou. Meu coração está limpo de maldade. O ambiente são do sítio decantou minha alma...<sup>245</sup>

Estas intenções estavam baseadas no interesse em difundir a ideia de que o Brasil não possuía tal riqueza e assegurar a dependência brasileira na aquisição do petróleo. Em outra passagem da história o Visconde, ao afirmar que o Brasil poderia sustentar o mundo todo com a extração do óleo, acusava as empresas petrolíferas de espalhar essa deficiência inventada propositalmente.

- Petróleo o Brasil tem para abastecer o mundo inteiro durante séculos. Há sinais de petróleo por toda a parte (...)
- Então por que não se perfura no Brasil?
- Porque as companhias estrangeiras que nos vendem petróleo não têm interesse nisso. E como não têm interesse nisso foram convencendo o brasileiro de que aqui, neste enorme território, não havia petróleo. E os brasileiros bobamente se deixaram convencer (...) As tais companhias pregaram as pálpebras dos brasileiros com alfinetes. Ninguém vê nada, nada, nada... E cada ano o Brasil gasta mais de meio milhão de contos na compra do petróleo que as companhias espertalhonas nos vendem.<sup>246</sup>

Lobato afirmava que a prosperidade de uma nação só se concretizaria quando “seus filhos crescem em eficiência”, proporcionada pela máquina e pelo petróleo, “a forma mais econômica de carbono”. Com a confirmação e divulgação da existência de petróleo nas terras de Dona Benta, ratificava a contribuição desse evento para a economia nacional e, conseqüentemente, à

---

<sup>245</sup> *Ibid.*, pp. 162-163.

<sup>246</sup> *Ibid.*, p. 90.

sociedade que poderia viver de modo próspero como a sociedade americana.<sup>247</sup>

O Brasil, que não tinha petróleo, que estava oficialmente proibido de ter petróleo, passou a ser o maior produtor de petróleo do mundo (...) Os agentes secretos dos trustes (...) ficaram desapontadíssimos. Toda gente percebeu que eles não passavam de espiões dos trustes, encarregados de espalhar a descrença no povo para que ninguém se lembrasse de pesquisar petróleo e o Brasil ficasse eternamente a comprar petróleo fora (...) O País entrou a prosperar dum modo maravilhoso.<sup>248</sup>

Visconde ao discursar na festa em comemoração à abertura dos poços, afirmava que, assim como os Estados Unidos, o Brasil caminhava para ser um grande produtor de petróleo.

- Que é que extraímos do nosso subsolo, antes da abertura do Caraminguá n.º 1?  
 - Minhocas! – berrou Emília.  
 - Exatamente – concordou o Visconde. – Só extraímos minhoca – e por isso éramos um povo tão pobre. Mas agora tudo começou a mudar. Graças ao que fizemos no sítio, a corrida no subsolo está iniciada – e não parará mais – e fará do Brasil o grande País que ele merece ser. Tenho dito.<sup>249</sup>

O fato de haver o interesse comprovado para prejudicar o desenvolvimento brasileiro, mantendo o país como “cliente” das grandes empresas petrolíferas, não diminuiu a estima de Lobato pelos Estados Unidos, pois defendia-o como um modelo de sucesso, um espelho aos países que

<sup>247</sup> C. Nunes, org., *Monteiro Lobato vivo...*, p. 137.

<sup>248</sup> M. Lobato, *Viagem ao céu e O poço do Visconde*, pp. 154-155.

<sup>249</sup> *Ibid.*, p. 165.

almejavam o progresso. Os modos de Pedrinho, que morava na cidade e frequentava o sítio nas férias, representa o reflexo da presença desta influência exercida pelos EUA no cenário mundial. Por meio do diálogo entre Narizinho e Dona Benta, há inferência ao progresso daquela nação, cuja discussão tem por base a postura do menino para a leitura do jornal, imitado, posteriormente, pela Emília que ordenou que o Visconde também os imitasse.

-Vovó, eu acho uma grande falta de educação essa mania que Pedrinho pegou dos americanos, de sentar-se com os pés na cara da gente. (...)

- Certos sábios afirmam, minha filha, que quando uma pessoa se senta com as extremidades niveladas, a circulação do sangue agradece, e a cabeça pensa melhor. É por esse motivo que os homens de negócios da America costumam nivelar as extremidades, sempre que tem de resolver um assunto importante. A coisa fica mais bem resolvida – dizem eles.<sup>250</sup>

Além disso, pode-se encontrar no decorrer da história um diálogo entre Narizinho e Visconde onde a menina refere-se a um produto americano, justificando a forte presença daquela nação.

- Comparações dessa ordem só servem para nos fazer vir água à boca – disse Narizinho. – Passas! Quem me dera ter aqui um pacotinho daquelas sem caroço – *seedles*, que vem da Califórnia...<sup>251</sup>

---

<sup>250</sup> *Ibid.*, p. 71.

<sup>251</sup> *Ibid.*, p.85.



Quando Pedrinho aponta para a necessidade da aquisição de máquinas para iniciarem a abertura do poço deixa explícita a obrigação de comprá-las dos EUA que, certamente, garantiria o êxito da perfuração. Com um variado catálogo em inglês passa a estudar quais máquinas deveriam ser adquiridas.

Vou fazer o pedido das máquinas necessárias. Temos de comprá-las na América do Norte porque no Brasil não há disso.<sup>252</sup>

No diálogo entre Narizinho e Dona Benta é mencionado o contrato de um especialista em perfuração. Como não podia deixar de ser, Narizinho relata a contratação baseada na competência norte-americana, na confiança de um resultado seguro.

- Já completamos os estudos geológicos e geofísicos; já estaqueamos o terreno; já construímos as casas dos operários, o barracão das máquinas e o bangalô de Mister Kalamazoo, o perfurador que mandamos vir da América. Também já encomendamos a maquinaria toda, a sonda, os tubos de revestimento. Um dinheirão, vovó! Mais de cem mil dólares. (...)
- Mas esse Mister Kalamazoo fala português?
- Não, só inglês. É americaníssimo.<sup>253</sup>

Quando Dona Benta resolveu indagar seus netos, Emília e o Visconde sobre o que fariam com tanto dinheiro que a perfuração de um poço poderia produzir há, neste momento, uma referência a John Davison Rockefeller Nixon,

---

<sup>252</sup> *Ibid.*, p.107.

<sup>253</sup> *Ibid.*, p.110.

responsável pela criação da primeira companhia petrolífera norte-americana, a Standard Oil .

- Meu sonho é construir hospitais, escolas, creches, bibliotecas, coisas de utilidade geral. Há tanta pobreza e desgraça na terras...
- Quer dizer que será uma rockfellerzinha. O velho Rockfeller, depois de ter ganho montões e montões de ouro, ficou sem saber o que fazer daquilo. E fundou o Instituto Rockfeller, cuja função é gastar seus milhões em coisas de benefício universal. Este instituto beneficia todos os países, inclusive o nosso. A grandiosa Escola de Medicina de São Paulo, lá defronte ao Cemitério do Araçá, foi presente dele. Não há país no mundo, seja a França ou a China, onde o Rei do Petróleo não despeje benefícios.<sup>254</sup>

Ao mencionar o trabalho de perfuração do poço, Lobato mais uma vez apontava para o sucesso norte-americano, apoiado nos modos de conduzir as atividades pelo perfurador.

Mister Kalamazoo dirigia o serviço em mangas de camisa e cachimbo na boca (...) Era um perfurador de grande prática adquirida nos campos de petróleo de Oklahoma, onde abria mais de cem poços.<sup>255</sup>

- Veja a atenção dele – observou o Visconde. – Está de olhos fechados para não distrair-se com coisa nenhuma, rodeado dos operários imóveis, todos guardando o maior silêncio. Como não pode ver com os olhos da cara, Mister Kalamazoo está vendo com o tacto, à moda dos cegos.<sup>256</sup>

---

<sup>254</sup> *Idem.* Lobato atribuía muito valor aos donativos de Rockfeller, que deveriam servir de exemplo aos brasileiros, visto que referidos donativos muitos deles anônimos foram os responsáveis por garantir o desenvolvimento de vários setores da sociedade americana. “Em 1929 os dois bilhões e meio de donativos foram repartidos assim: religião, 996 milhões; educação, 467 milhões; caridade pessoal, 279 milhões; caridade organizada, 279; saúde pública, 221, socorro a povos estrangeiros, 132; belas artes, 40; recreio público, 21; outros fins, 14.” (M. Lobato, *América*, p. 221).

<sup>255</sup> M. Lobato, *Viagem ao céu e O poço do Visconde*, p. 113.

<sup>256</sup> *Ibid.*, p. 123.

Essas atitudes eram aceitas como verdade sublime. Na organização dos operários em turnos de 8 horas verifica-se uma aproximação a Henry Ford, que acreditava que é nesse intervalo de tempo que o funcionário era melhor aproveitado.<sup>257</sup> Como apresentado anteriormente, Lobato tinha na figura de Ford a resposta para eliminar a desventura da humanidade.

Mister Kalamazoo dividira o pessoal em três turmas, cada uma com oito horas de trabalho, de modo que o serviço fosse contínuo pelas 24 horas do dia.<sup>258</sup>

Numa conversa entre as crianças e Dona Benta sobre os benefícios que o petróleo encontrado nas terras do sítio traria à região, Narzinho explicita a necessidade de dar instrução aos caboclos. Por meio deste discurso, percebe-se, também, uma aproximação ao ideário fordista, que defendia a ideia de fornecer condições para todos os indivíduos contribuírem com o desenvolvimento, com salário digno para que tivessem condições de consumo.<sup>259</sup> Também, defendia a necessidade de conduzir os homens à prosperidade pois “nem todas as criaturas são voluntariamente inteligentes; tem que ser instruídas”.<sup>260</sup>

---

<sup>257</sup> “Estabelecemos o dia em 8 horas, não porque seja a terça parte do dia, mas porque verificamos que é dentro desse tempo que o operário produz seu melhor rendimento.” H. Ford, “Hoje e amanhã” in H. Ford, *Os princípios da prosperidade*, p. 299.

<sup>258</sup> M. Lobato, *Viagem ao céu e O poço do Visconde*, p. 116.

<sup>259</sup> Na Ford Company, não havia restrição ou preconceito em relação a algum operário. Era possível o aproveitamento das pessoas sãs e dos “inválidos”, portadores de alguma deficiência, através da classificação de trabalhos de acordo com o problema cada indivíduo. H. Ford, “Minha vida e minha obra” in H. Ford, *Os princípios da prosperidade*, p. 83.

<sup>260</sup> H. Ford, “Hoje e amanhã” in H. Ford, *Os princípios da prosperidade*, p. 214

- E também poderemos criar umas boas escolas profissionais para esta caboclada bronca - propôs Narizinho. – Eles são aproveitáveis, mas têm que ser ajudados. Por si nada fazem porque nada podem fazer.<sup>261</sup>

Em outro momento da história, quando ainda se preparavam para receber os operários, também, verifica-se uma aproximação aos ideais de Henry Ford no trato de seus empregados.

Quanto melhor acomodarmos nossos homens, melhor eles trabalham. Não concordo com o sistema de tratar os operários como se fossem pedras insensíveis. As casinhas têm tudo dentro – até geladeira e rádio...<sup>262</sup>

Lobato salientava a necessidade do investimento na melhoria dos transportes no sentido de garantir a prosperidade, pois “estradas são o sistema de veias e artérias dum organismo”.<sup>263</sup> Baseava-se, novamente, em Ford que asseverava que a valorização do transporte deveria ser encarada como função básica da vida, sendo que sem ela “é impossível a vida em sociedade.”<sup>264</sup> Pedrinho ao definir o destino que daria ao dinheiro proveniente do petróleo apresenta o desejo nesse investimento<sup>265</sup> :

- E ainda podemos fazer mil coisas: estradas de verdade, por exemplo. Isso que no Brasil chamam de estradas de rodagem é uma mentira. Estradas de atolagem, sim (...)

<sup>261</sup> M. Lobato, *Viagem ao céu e O poço do Visconde*, p.151. Lobato asseverava que o “esporte predileto do brasileiro, sobretudo nas pequenas cidades do interior, é matar o tempo”, atitude que emperrava o desenvolvimento do país. (M. Lobato, *América*, p. 207).

<sup>262</sup> M. Lobato, *Viagem ao céu e O poço do Visconde*, p.107.

<sup>263</sup> M. Lobato, *América*, p. 63.

<sup>264</sup> H. Ford, “Minha vida e minha obra” in H. Ford, *Os princípios da prosperidade*, p. 14.

<sup>265</sup> Através das palavras de Pedrinho, Monteiro Lobato reforçava a afirmação de Henry Ford que “um país só se desenvolve por meio da facilitação do transporte”. (M. Lobato, *Mr. Slang e o Brasil e Problema vital*, p.88).

tudo atola nas nossas estradas de atolagem. Podemos começar aqui pelo nosso município e depois iremos nos alastrando pelo País inteiro. Isto é, iremos construindo estradas de rodagem de verdade – pavimentadas de concreto.<sup>266</sup>

Dona Benta também tinha um destino importante a ser dado para a fortuna adquirida pela extração do petróleo. De uma maneira solidária pretendia ajudar a todos, de modo a fazer um benefício para a comunidade. Pode-se afirmar que esta atitude tem relação a Ford que, para Lobato, era um exemplo humano que “enriqueceu enriquecendo a humanidade, enriquecendo e tornando feliz o operário, enriquecendo e facilitando a vida do consumidor.”<sup>267</sup>

- O dinheiro foi feito para circular, não para apodrecer nas arcas, mas em vez de gastá-lo egoisticamente só conosco, como fazem os maus ricos, podemos gastá-lo de modo a beneficiar os milhares de pobrezinhos que nunca tiraram petróleo (...) O maior prazer da vida é fazer o bem. Eu sempre quis beneficiar esse nosso povo da roça, tão miserável, sem cultura nenhuma, sem resistência, largado em pleno abandono no mato, corroído de doenças tão feias e dolorosas. Se empregarmos nosso dinheiro em melhorar-lhe a sorte, não só nos divertiremos, como você diz, como ficaremos com a consciência tranqüila.<sup>268</sup>

Novamente apoiado no exemplo de Ford que, segundo Lobato, proporcionou a riqueza ao país, o investimento interno seria a condição primordial para que o avanço efetivamente ocorresse. Com a produção interna de petróleo, haveria a possibilidade de economia dos recursos e o investimento

---

<sup>266</sup> M. Lobato, *Viagem ao céu e O poço do Visconde*, pp. 150-151.

<sup>267</sup> Prefácio de H. Ford, “Hoje e amanhã” in H. Ford, *Os princípios da prosperidade* p. 201.

<sup>268</sup> M. Lobato, *Viagem ao céu e O poço do Visconde*, p. 150.

em outras áreas sociais. Esta ideia foi refletida pelas palavras de Dona Benta, ao afirmar que quanto mais barato o petróleo “mais ajuda a Pátria”.<sup>269</sup>

Pedrinho também desejava investir na saúde dos caboclos. Por meio das palavras do garoto, Lobato pretende reforçar a necessidade do cuidado da saúde da população como forma de sustentar a garantia bem como a harmonia do progresso.<sup>270</sup> Essa defesa pautava-se, também, nas experiências vividas em Nova Iorque, quando observava as moças que iam trabalhar e espalhavam saúde.<sup>271</sup>

- E também organizaremos umas casas-de-saúde bem modernas, com os melhores médicos e todas as comodidades, como os hospitais americanos (...) E construiremos para eles casas decentes, com higiene e coisas modernas, que lhes sejam vendidas a prestações bem baixinhas. É uma vergonha para a nossa terra como moram as gentes da roça – em casebres de sapé e barro, imundíssimos, sem mobília, sem nada lá dentro. Qualquer toca de bicho do mato, qualquer ninho de João-de-Barro, vale mais que um casebre de caboclo.<sup>272</sup>

Para indicar que o avanço era iminente, por meio da conversa entre Pedrinho e sua avó, Lobato relembra os ruídos do progresso que presenciou em Nova Iorque, enquanto ouvia o barulho dos martelos de ar comprimido que davam corpo a gigantescos empreendimentos e casas na cidade.<sup>273</sup>

---

<sup>269</sup> *Ibid.*, pp. 147-149.

<sup>270</sup> Vide capítulo II para mais detalhes sobre a importância que Lobato atribuía ao trabalho iniciado por Oswaldo Cruz em Manguinhos, com relação à saúde da população.

<sup>271</sup> M. Lobato, *América*, p.207.

<sup>272</sup> M. Lobato, *Viagem ao céu e O poço do Visconde*, p. 151

<sup>273</sup> “Cem anos que eu viva e esse ruído tão caracteristicamente newyorkiano não me sairá dos ouvidos. Fácil de imaginar o que seja, sabendo-se que se constroem, como em 1923, 200 casas por dia – e que casas!” (M. Lobato, *América*, pp. 154-155).

-Que som lindo, vovó! Som que contenta o coração...  
 -Sabe por quê? Porque cada golpe significa um avançozinho para o fundo, para lá onde está o petróleo e, portanto, um passo para a grande vitória.<sup>274</sup>

A semelhança da vila com os Estados Unidos concretizava-se. Tia Nastácia ao perceber a balbúrdia trazida pela existência do petróleo demonstrava sua insatisfação ao fazer uma alusão a uma fita de cinema *Os Bandoleiros do Far West*, filme que foi responsável por nunca mais querer “saber de cinema”.<sup>275</sup>

- Isso é que não está direito (...) Nossa vila sempre foi uma coisa quietinha, sossegadinha – agora está que nem aquela fita que eu vi uma vez, cheia de homens com cintos cheios de bala, que bebem nos balcões e de repente sacam do revólver e espatifam o lampião do forro e garram a moer gente com cada soco que parece marmelada. Credo!<sup>276</sup>

Dona Benta também percebia através das conquistas vivenciadas pelos moradores do sítio a semelhança com a sociedade norte-americana

- E essa transformação da vila não parará mais – disse Dona Benta (...) Logo teremos aqui uma cidade à moda americana, movimentadíssima, que mudará tudo – os costumes e as gentes.

(...) Sim, o petróleo começava a mudar tudo, não havia dúvida. Os velhos conhecimentos, os velhos hábitos, as velhas tradições – tudo isso tinha de desaparecer diante

---

<sup>274</sup> M. Lobato, *Viagem ao céu e O poço do Visconde*, p. 117.

<sup>275</sup> *Ibid.*, p. 136.

<sup>276</sup> *Idem.*

da americanização que a indústria traz. E Dona Benta sentiu uma ponta de saudade do sossego antigo.<sup>277</sup>

Lobato via muita proximidade entre a educação de qualidade e o desenvolvimento de uma nação. O período em que morou nos Estados Unidos foi o responsável por perceber que a valorização dos centros de ensino como as universidades que produziam ciência - a mola propulsora para o progresso - facilitaria o desenvolvimento nacional.<sup>278</sup> Afirmava que na América havia “ciência em tudo (...) na mesma estante, Darwin, Clarence Darrow, Wells – os diretores do pensamento científico – e a Bíblia”.<sup>279</sup> Por essa razão, Visconde ao refletir sobre o destino que deveria ser dado aos recursos provenientes do petróleo, apresenta uma ideia relacionada à importância do investimento em ciência.

- Devemos criar casas de ciências para o aproveitamento dos meninos que mostrarem vocação para os altos estudos. E mais tarde poderemos criar uma universidade como a de Harvard.<sup>280</sup>

Graças aos recursos proporcionados pela extração do petróleo, Dona Benta encomendou um trailer, arquitetado sob medida, que era rebocado por

---

<sup>277</sup> *Ibid.*, p. 140.

<sup>278</sup> No diálogo estabelecido entre Lobato e Mr. Slang, o americano cita que em seu país há cinquenta e seis universidades “todas magnificamente dotadas”. Afirmava, ainda, que Princeton “apesar da sua matrícula de 2.000 alunos apenas” possuía uma “dotação de 25.000.000 de dólares” e Harvard “ para um corpo de 8.000 alunos (...) duma dotação de 108 milhões” ( M. Lobato, *América*, p. 82).

<sup>279</sup> *Ibid.*, p. 105.

<sup>280</sup> M. Lobato, *Viagem ao céu e O poço do Visconde*, p. 151.



um “excelente automóvel” para realizarem passeios e colherem os frutos do progresso. Atitude que reflete a diversão dos norte-americanos.

Que *trailer* gostoso! Uma verdadeira casinha ambulante, com tudo que é necessário à vida. Pedrinho guiava o automóvel, com Emília e o Visconde sempre ao lado. No trailer, ia Dona Benta, Narizinho e tia Nastácia, todas na frescata, e tão a cômodo como se estivessem na casinha do sítio (...) Saíam a passeio, às vezes de semana, sem pressa de chegar, porque a festa não era chegar – era ir andando e parando aqui e ali.<sup>281</sup>

Para Lobato, a relação entre máquina-petróleo-eficiência-desenvolvimento garantiria a aspirada prosperidade ao país. Com a constatação da presença do petróleo nas terras de Dona Benta, torna-se evidente este progresso, com a melhoria na condição de vida dos moradores da região, a chegada de investimentos no vilarejo bem como o interesse das grandes empresas petrolíferas.

Telegramas foram enviados para a América do Norte. O Rockefeller mandou oferecer pelo sítio 5 milhões de dólares (...) Um sitiante de nome Chico Pirambóia, caboclo opilado que mal tirava das suas terras (dez alqueires) o necessário para não morrer de fome, vendeu a propriedade por 230 mil cruzeiros (...) casas novas, bonitas, começaram a erguer-se nos terrenos vagos. Vinha gente de fora aos bandos – gente das companhias de petróleo e aventureiros. Surgiram casas de sorvete, um cinema, dois três, dez bares.<sup>282</sup>

---

<sup>281</sup> *Ibid.*, p.155.

<sup>282</sup> *Ibid.*, pp. 135-136.

### **3.2.2 As bases para o conhecimento científico: a proposta educacional e a influência positivista**

Como foi visto, Monteiro Lobato estava certo de que a valorização da ciência foi responsável pelo alto grau de eficiência dos estadunidenses, um investimento determinante na melhoria de vida das pessoas.<sup>283</sup> Dessa forma, seu idealismo estava pautado na defesa dos recursos que a ciência poderia conferir ao desenvolvimento de seu país.

Por afirmar que “a base do poder dos Estados Unidos” estava “sobretudo no petróleo”<sup>284</sup>, tornava-se imprescindível apresentar às crianças a importância da aplicação do estudo científico para a extração do ouro negro. A Geologia definida como “a ciência que conta a história da terra, não da terra mundo, mas da terra-terra, da terra chão”<sup>285</sup> foi a responsável pela sapiência do Visconde. Por ter descoberto “entre os livros de Dona Benta um tratado dessa ciência”<sup>286</sup>, estudou e assumiu o papel de professor. Durante os primeiros serões, onde questões teóricas guiaram seu discurso, todos se acomodavam para que o sábio pudesse iniciar sua aula, apoiando-se no conhecimento científico adquirido.

- A Geologia é a história da Terra. Tudo o que aconteceu desde o nascimento deste nosso Planeta se acha escrito nas rochas que o formam. A terra é uma rocha, uma bola de pedra.

Como nasceu? Temos de adivinhar, porque nenhum de nós assistiu a isso. Uns imaginam que foi dum jeito.

---

<sup>283</sup> São palavras de Lobato: “Com o aparelhamento industrial de que se dotou, e os laboratórios de que se vem enchendo, e com todas as conquistas da ciência a serviço da exploração do seu imenso território (...) Sabe em que progressão a renda do povo americano aumentou nestes últimos vinte anos? Duzentos por cento!...” (M. Lobato, *América*, p. 245).

<sup>284</sup> M. Lobato, *O escândalo do petróleo e ferro*, p. 7.

<sup>285</sup> M. Lobato, *Viagem ao céu e O poço do Visconde*, pp.71-72.

<sup>286</sup> *Ibid.*, p.71.

Outros imaginam que foi de outro jeito. Vou contar como nós, sábios, imaginamos o nascimento da Terra. Em certo instante do Tempo Infinito, destacou-se do Sol um pedaço da massa de fogo que ele é e ficou regirando no espaço. A Terra, portanto, começou sendo uma bolota de fogo no espaço...<sup>287</sup>

A partir do papel exercido pelo Visconde, percebe-se que Lobato defendia a necessidade do estudo na garantia da aquisição do conhecimento. Logo, o investimento em educação possibilitaria as conquistas necessárias ao desenvolvimento nacional. Essa postura, como já mencionado, adotada por Lobato ganhou espaço em sua produção, principalmente, pelo seu contato com Anísio Teixeira.<sup>288</sup>

Vale lembrar mais uma vez que, os adeptos à nova pedagogia desaprovavam a maneira de conceber o processo de ensino na escola tradicional, cuja principal preocupação era a memorização e reprodução de um conhecimento acabado. Para resolver esta questão, era preciso tratar a escola como um lugar de reflexão que fornecesse de maneira progressiva a aquisição da autonomia e responsabilidade do estudante.<sup>289</sup>

As aulas iniciais do Visconde foram organizadas sob a forma de serões, uma reunião familiar que propiciava a aproximação de todos por meio de diálogos. Neste formato, contrário às aulas no estilo tradicional de ensino, tais diálogos estabelecidos entre o professor e seus alunos eram elaborados de

---

<sup>287</sup> *Ibid.*, p. 74

<sup>288</sup> Anísio Teixeira defendia uma “educação para o desenvolvimento, a educação para o trabalho, a educação para produzir” substituiria “a educação transplantada e obsoleta, a educação para a ilustração, para o ornamento (...) para o lazer”. Vide: A. Teixeira. “Educação - problema da formação nacional” in *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v.29, n.70, abr./jun. 1958. pp.21-32.

<sup>289</sup> M. L. de A. Aranha, *op. cit.*, p. 229.

maneira simplificada, numa linguagem apropriada, por meio de alusão a exemplos da vida cotidiana, como medida para facilitar o entendimento bem como a assimilação das informações.

- Chamamos de rocha a essa massa de minerais derretidos que se esfriaram e solidificaram. São compostas dum mistura de minerais simples, verdadeira salada. Existem nelas sílica, quartzo, mica, feldspato, ferro e todos os minerais que conhecemos. A terra, portanto, ao resfriar-se, ficou uma bola com casca de pedra dura, ou de rochas ígneas, também chamadas eruptivas ou plutônicas.<sup>290</sup>

Reflete-se nesta organização, a postura defendida por Monteiro Lobato acerca da metodologia que deveria ser empregada no processo de ensino aprendizagem. A todo instante, Visconde é interrompido pelas crianças que o questionavam ao mesmo tempo em que demonstravam suas conclusões. Apoiado nos ideais da escolanovista, Lobato defendia a necessidade do conhecimento surgir de “dentro para fora”, respeitando-se a natureza da criança.<sup>291</sup>

Ao iniciar o terceiro serão, Visconde perguntou a Emília sobre a definição de hidrocarboneto, apresentada no dia anterior. Sua resposta foi sustentada por meio de conclusões próprias do universo infantil, o que caracterizava seu entendimento, sem ter decorado ou memorizado qualquer conceito científico.

---

<sup>290</sup> M. Lobato, *Viagem ao céu e O poço do Visconde*, p.75

<sup>291</sup> O Manifesto de 32 afirmava que a educação deve basear-se em “ações e reações em que o espírito cresce de ‘dentro para fora’, substitue o mecanismo pela vida (atividade funcional) e transfere para a criança e para o respeito de sua personalidade o eixo da escola e o centro de gravidade do problema da educação”. A. Teixeira. “O manifesto dos pioneiros da educação nova” in *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, pp.407-425.

- Senhora Emilia, explique-me o que é hidrocarboneto.
- A atrapalhadeira não se atrapalhou e respondeu:
- São misturinhas de uma coisa chamada hidrogênio com outra coisa chamada carbono. Os carocinhos de um se ligam aos carocinhos de outro.<sup>292</sup>

Esta atitude da boneca confirmava o que Monteiro Lobato considerava sobre as questões do processo educacional. Como apresentado anteriormente, atribuía duras críticas à escola tradicional, que primava sobretudo pela memorização. Por ter frequentado uma escola tradicional percebia a relação de prejuízo à aprendizagem, pois se recordava, apenas, da monotonia e de seus bocejos quando ocorriam as aulas “com aquelas datas ultra-insignificantes, com aquelas guerras de Alecrim e da Manjerona que solenemente se denominam ‘Guerra dos Mascates’, ‘Guerra dos Emboabas’”.<sup>293</sup> Também, lembrava-se de um acontecimento histórico apenas pela questão engraçada a que associava, “um bispo Sardinha que naufragou nas costas do Norte e foi devorado pelos índios. Como me pareceu natural que os índios comessem um homem de tal nome”.<sup>294</sup>

Desde a ocorrência do primeiro serão, é possível perceber a presença da liberdade estabelecida entre o professor, Visconde, e seus alunos, os moradores do sítio, para contribuir com o processo ensino-aprendizagem. Por meio de diálogos há a abertura para questionamentos, colocações e suposições, uma atitude adversa ao modelo empregado nas escolas tradicionais.

---

<sup>292</sup> M. Lobato, *Viagem ao céu e O poço do Visconde*, p. 83.

<sup>293</sup> M. Lobato, *Prefácios e entrevistas*, p. 89.

<sup>294</sup> *Idem*.

- Que quer dizer líquido volátil?
- Quer dizer um líquido que se transforma em gás assim que é exposto ao ar. Conserva-se líquido enquanto preso. Se o soltam, adeus! Vira gás. Mas como eu ia dizendo, para que se forme petróleo é preciso que nos tais sedimentos haja hidrocarbonetos. Nos sedimentos sem hidrocarbonetos, só de fósseis secos, tais como os sedimentos calcários, não se forma petróleo.
- Bom – disse Emilia –estou vendo que o tal petróleo não passa de azeite de defunto. Cadáveres de foraminíferos , peixe podre, cemitérios de caramujo – até já estou ficando com o estomago enjoado...
- Por isso que é tão fedorento – ajuntou Narzinho.<sup>295</sup>

Anísio Teixeira, considerado por Lobato como exemplo de educador, como apresentado anteriormente, afirmava que o processo de aquisição do conhecimento ocorria quando “operado como se êle houvesse sido descoberto por nós próprios”.<sup>296</sup> Havia, então, a necessidade de despertar no aluno a curiosidade intelectual, cujo professor deveria exercer o papel de um colaborador que conduziria o estudante em suas investigações e experiências. O aluno é quem deveria observar, experimentar, projetar e executar enquanto era auxiliado, estimulado e orientado pelo professor.<sup>297</sup>

Logo, a valorização do pensar tornava-se indispensável ao processo.<sup>298</sup> Dessa maneira, verifica-se a postura adotada pelo Visconde como orientador de seus interlocutores, levando-os a refletir a partir das informações

<sup>295</sup> M. Lobato, *Viagem ao céu e O poço do Visconde*, p. 81.

<sup>296</sup> A. Teixeira, “Bases da teoria lógica de Dewey” in *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, pp.3-27.

<sup>297</sup> D. Saviani, *História das ideias pedagógicas no Brasil*, p.212.

<sup>298</sup> Aqui reside uma crítica ao modelo educacional de ensino, onde o que se pretendia era a memorização. “O brasileiro anda muito afastado do regime de pensar (...) Ao envés de pensar, vocês lêem - coisas que, por mal pensadas, vão contribuir para a formação da maçaroca”.(M. Lobato, *Mr. Slang e o Brasil e Problema vital*, p. 13).

apresentadas para que, posteriormente, pudessem apresentar a conclusão desse raciocínio.

- Os tais sedimentos orgânicos, os tais cemitérios de animálculos e plantículas, geram os tais hidrocarbonetos que pegam fogo; mas isso só quando se reúnem umas tantas condições favoráveis (...).
- Que condições são essas? – perguntou Pedrinho.
- Uma delas é ficarem isolados das águas. Esse isolamento livra a matéria orgânica de ser devorada por certos seres vivos, os urubuzinhos do mundo pequeno. E também a livra da fome insaciável do maior urubu que existe na Natureza, o tal senhor Oxigênio (...) O oxigênio existe na água e no ar; por isso a matéria orgânica que cai na água, ou está exposta ao ar, estraga-se depressa, desaparece, oxida-se – é devorada, em suma, pelo terrível urubu.
- Ahn! – exclamou Pedrinho. – Então é por isso que não se forma petróleo na matéria orgânica de cima da terra. Está exposta ao ar, entregue à fúria do oxigênio...<sup>299</sup>

Na nova proposta pedagógica o ato de ensinar consistia em guiar o aluno fornecendo-lhe as informações obtidas anteriormente a fim de facilitar e economizar esforços.<sup>300</sup> Essa postura pode ser identificada quando o Visconde conversa com Pedrinho e destaca as conquistas da Geofísica como segurança de se encontrar, acertadamente, pontos possíveis para poços petrolíferos, a fim de garantir a economia de tempo bem como a certeza de encontrar petróleo.

- Erravam muito antigamente?
- Nem fale! Em cada cem poços abertos nos Estados Unidos, parece que só três alcançavam o petróleo. Era o mesmo que dar tiro sem pontaria, ou de olhos fechados.

<sup>299</sup> M. Lobato, *Viagem ao céu e O poço do Visconde*, p.83.

<sup>300</sup> A. Teixeira, "Porque 'Escola Nova'" in *Boletim da Associação Bahiana de Educação*. Salvador, pp.2-30.

Está claro que às vezes matavam algum passarinho – por acaso...

- E hoje?

- Ah, hoje tudo mudou. Só dão tiro com pontaria. O número de poços que os petroleiros perdem reduziu-se enormemente. Os primeiros estudos geofísicos sérios que tivemos no Brasil foram feitos no Riacho Doce (...) Há lá um petroleiro chamado Edson, e um governador de Estado, de nome Osman, que até merecem estátuas de ouro! Graças a eles, o Brasil começou a estudar petróleo a sério, cientificamente, com vontade de achar.<sup>301</sup>

O aluno era considerado parte ativa do processo de aprendizagem, o conhecimento deveria partir de seu próprio raciocínio. Ao professor era dada a tarefa de orientação enquanto o estudante deveria fazer a análise, experimentar, esquematizar as informações para que o conhecimento se tornasse válido. Esta ideia é apresentada no livro quando, durante a perfuração do poço, Pedrinho registrava todo o processo em folhas de papel.

Pedrinho aproveitou-se da vantagem para desenhar em várias folhas de papel-cartão emendadas o Corte Geológico dos Terrenos de Vovó, de acordo com as indicações de Mr. Champignon. Marcava no papel com riscos horizontais, as camadas atravessadas, indicando a espessura de cada uma e o material de que eram compostas. Esse Corte Geológico foi pregado na parede da sala de jantar, em diversas secções, ocupando-a toda.<sup>302</sup>

---

<sup>301</sup> M. Lobato, *Viagem ao céu e O poço do Visconde*, p. 102. Monteiro Lobato uniu-se a Edson de Carvalho, Lino Moreira entre outros para a fundação da Companhia Petróleo Nacional, em Alagoas. Tentaram as primeiras perfurações quando teve início o período de ocupação militar. Passados diversos entraves, com diversas tentativas de sabotagem, no dia 25 de dezembro de 1935, o governador Osman Loreiro lavrou o contrato para estudos geofísicos com a firma Piemeyer & Cia. Para maiores informações vide M. Lobato, “O caso de Alagoas” in *O Escândalo do petróleo e ferro*, pp. 49-56.

<sup>302</sup> M. Lobato, *Viagem ao céu e O poço do Visconde*, p. 126.



Por toda a obra, é possível perceber que o Visconde apóia-se na ciência como forma de explicação e demonstrava que a mesma deveria guiar o raciocínio. Por exemplo, é possível destacar trechos em que há referência à Química

- Os sábios sabem que na natureza nada se perde; uma coisa não desaparece, apenas se transforma em outra. Se não está aqui, está ali. Se não está sob esta forma, está sob outra forma.<sup>303</sup>

Em outro, verifica-se a presença de conceitos relacionados à Física

- Pressão atmosférica é o peso que o ar exerce sobre um corpo.  
 - o ar então tem peso?  
 - Claro que tem. Todos os corpos têm peso (...) Em física, a palavra 'atmosfera' quer dizer uma medida de pressão, como o metro quer dizer uma medida de comprimento.<sup>304</sup>

A metodologia aplicada no apelo ao conhecimento científico, no intuito de dar respaldo à explicação, reproduz a influência do ideário positivista na concepção da nova pedagogia, visto que atribuía à ciência o embasamento para esclarecer os fenômenos em detrimento às concepções sobrenaturais. Por exemplo, quando o Visconde explanava a origem de vida na Terra apresentava como fundamentação os dados científicos, afastando-se de explicações religiosas acerca do surgimento do Homem.

---

<sup>303</sup> *Ibid.*, p. 79.

<sup>304</sup> *Ibid.*, pp.84-85.

- A terra principiou uma bola de pedra feita duma mistura de minerais. Quer dizer que por aqui só havia minerais – nada de animal ou vegetal. Mas a Água, o Ar e o Calor se ligaram para criar as primeiras vidas, todas vegetais. Fizeram surgir no mar umas coisinhas mínimas, fabricadas de minerais, mas que já não eram minerais – eram vegetais (...) Em certo momento da vida da terra alguns desses vegetais começaram a modificar-se lentissimamente(...) Começaram a modificar-se num sentido diferente do resto – e foi assim que surgiram os primeiros animaizinhos (...) e aqui estamos nós, animais aperfeiçoadíssimos.<sup>305</sup>

A criança, para Lobato, representava “um ser onde a imaginação predomina em absoluto”.<sup>306</sup> O tratamento das crianças como indivíduos em fase de desenvolvimento, não como adultos reduzidos em tamanho, é a característica principal de sua literatura infantil. Por meio de palavras utilizadas no cotidiano primava por facilitar o entendimento daqueles ainda em fase de formação. Isto posto, percebe-se outro recurso adotado pelo Visconde durante suas aulas para garantir o entendimento: a criação de uma historieta para personificar os elementos da Terra, como forma de melhor compreensão do surgimento de vida.

- Estávamos já com a crosta da terra endurecida e a água formando os mares, os lagos e os rios. Neste ponto começou a dar-se um fenômeno muito interessante. A água, de tanto lidar com o Calor e o Ar, fez com eles um trato. “Está muito feia a terra assim, reduzida a uma crosta de rocha dura”, disse a Água. “Precisamos combinar umas modificações que permitam o aparecimento da vida. Quero ver a terra cheia de verdura e bichos que andem, corram e se ataquem uns aos outros” (...) “E para isso o que fazer?”- perguntou o Calor.

<sup>305</sup> *Ibid.*, p. 78.

<sup>306</sup> M. Lobato, *Conferências, artigos e crônicas*, p. 101.

“Aliar-nos os três e atacarmos as rochas ígneas, transformando-as em rochas sedimentárias” – respondeu a Água (...) Para atacar as rochas ígneas os três inventaram uma picareta invisível, chamada *Erosão*.<sup>307</sup>

Também, há a defesa e a valorização de outros recursos pedagógicos como, por exemplo visuais, garantia da apreensão das informações provenientes da explicação.

- (...) no começo as camadas de sedimento depositadas no fundo dos mares eram horizontais, ou mais ou menos horizontais. Com o enrugamento, ou o murchamento da crosta da terra (...) Mil acidentes aconteceram. Vou desenhar na pedra um desses pregueamentos dos mais simples, para mostrar onde se acomoda o petróleo. O Visconde berrou para tia Nastácia que lhe trouxesse o quadro negro e o giz.<sup>308</sup>

Como a proposta da escolanovista defendia que o conhecimento resultava de um processo de indagação havia a necessidade de os alunos participarem ativamente no processo educacional. Esta ideia também é apresentada por Lobato quando, no início da história, Pedrinho questiona os motivos de não haver um poço no país em conformidade com as informações publicadas e, em seguida, apresenta uma proposta para a solução do problema com a abertura de um poço no sítio

- Estou vendo que se nós aqui no sítio não resolvermos o problema o Brasil ficará toda a vida sem petróleo. Com

<sup>307</sup> M. Lobato, *Viagem ao céu e O poço do Visconde*, pp.75-76.

<sup>308</sup> *Ibid.*, p. 86.

um sábio da marca do Visconde para nos guiar, com as ideias da Emilia e com a força bruta como a do Quindim, é bem provável que possamos abrir no pasto um formidável poço de petróleo. Por que não?<sup>309</sup>

Preocupado em destacar a importância do conhecimento científico, o Visconde explicava para as crianças sobre a obrigação de realizar uma experiência para certificar-se que estavam no curso certo. Apresentou para as crianças a necessidade da abertura de um poço de exploração para fornecer as informações sobre o tipo de terreno, saber se haveria água, para poder utilizar as ferramentas apropriadas. Assim que o poço de exploração foi aberto Mister Kalamazoo coletou uma amostra de rocha e

Achando-a esquisita, levou-a a Mr. Champignon. A opinião do químico-geólogo não se fez esperar.  
- Diábase – disse ele depois do exame.  
O Visconde explicou aos meninos que a tal diábase era uma rocha eruptiva muito dura de furar.<sup>310</sup>

Na sequência, quando Mister Kalamazoo retirou um cilindro de rocha surgiu, mais uma vez, a necessidade de comprovação laboratorial e, novamente, procurou seu companheiro americano para analisarem tal elemento.

O americano chamou o químico-geólogo e por algum tempo conferenciaram, com muitos exames e cheiramentos do cilindro. Mr. Champignon levou um

---

<sup>309</sup> M. Lobato, *Viagem ao céu e O poço do Visconde*, p. 72.

<sup>310</sup> *Ibid.*, pp. 123-125.

pedaço para o laboratório. Quando voltou tinha a cara risonha.

- Sim – disse ele. – É um arenito gasífero, sinal evidente de que estamos bem perto do petróleo.<sup>311</sup>

Mais uma vez, apoiado no conhecimento científico, Lobato defendia a importância da experimentação para o sucesso da ciência e, conseqüentemente, para que apressasse o desenvolvimento nacional. Após a abertura do primeiro poço, os demais ocorreram de forma facilitada devido aos procedimentos científicos adotados, houve economia de tempo e de investimento financeiro.

O Caraminguá nº. 1 levou oito meses para ser aberto. Já o Caraminguá nº. 2 chegou aos 800 metros num mês. O Caraminguá nº. 3 em menos: 27 dias. O Caraminguá nº. 4, ainda em menos, em 24 dias. E o Caraminguá nº. 5 realizou o milagre de perfurar-se em 12 dias apenas.<sup>312</sup>

O cerne da nova proposta pedagógica estava pautado na valorização dos interesses do cidadão, da educação para produzir.<sup>313</sup> Logo, era necessário apenas saber o que era útil.<sup>314</sup> Quando Pedrinho solicitou ao Visconde um parecer sobre a possibilidade de abrirem um poço nas terras de Dona Benta, o sábio deixou claro que “sem que todos saibam **alguma coisa** da historia da terra” não poderiam pensar em poço.<sup>315</sup>

---

<sup>311</sup> *Ibid.*, p.126.

<sup>312</sup> *Ibid.*, p. 145.

<sup>313</sup> A. Teixeira “Educação - problema da formação nacional” in *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, pp.21-32.

<sup>314</sup> A. Teixeira. “Dewey e a filosofia da educação” in *Boletim Informativo CAPES*. pp.1-2.

<sup>315</sup> M. Lobato, *Viagem ao céu e O poço do Visconde*, pp.72-73. (grifo nosso)

Novamente, em outro trecho da história, confirma-se a postura adotada por Lobato quando o sábio se apropriava dos conceitos de forma simplificada, buscando apenas o que considerava útil para a compreensão das crianças.

- Muito bem. Creio que quanto à formação do petróleo basta ficarmos nisto. **Meu curso não é para formar especialistas, sim para dar uma ideia geral da coisa.**<sup>316</sup>

O Manifesto de 32 apresentava a necessidade de a escola ser uma comunidade em miniatura, onde atividades pudessem ser desenvolvidas para que os alunos tivessem contato com o ambiente.<sup>317</sup> Do segundo ao quinto serões, as aulas do Visconde ocorreram na sala do sítio, ajeitada e organizada por Pedrinho. A partir do sexto serão, por exigência do garoto, as aulas deixaram de ser no interior da casa para haver a aplicação do que foi aprendido. Mais uma vez percebe-se, também, com esta atitude do menino, a crítica de Lobato ao método tradicional de ensino.

- O coitado do Brasil cansado de esperar petróleo e esse cacetíssimo Visconde a nos injetar noites e noites de ciência! Não quero mais. Chegou o momento de começarmos o poço.  
 - Mas, como, Pedrinho, se ainda quase nada sabemos de geologia? – objetou a menina.  
 - Muito bem. Vamos começar o trabalho e o Visconde nos vai ensinando. Lições ao ar livre – fazendo. É fazendo que o homem aprende, não é lendo, nem ouvindo discursos. Eu quero ciência aplicada...<sup>318</sup>

<sup>316</sup> *Ibid.*, p. 85. (grifo nosso)

<sup>317</sup> A. Teixeira “O manifesto dos pioneiros da educação nova” in *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, pp.407-425.

<sup>318</sup> M. Lobato, *Viagem ao céu e O poço do Visconde*, p.97.

A partir de então todos partiram para encontrar o local mais adequado para a perfuração. O Visconde insistia na obrigatoriedade do apego ao tratado que tinha debaixo do braço. A medida que caminhavam, o sábio podia mostrar às crianças tudo o que havia apresentado na teoria, de forma concreta, por meio da observação e, até mesmo, experimentação.

- Antes de cuidarmos da abertura de um poço, temos de escolher o lugar mais propício. Essa escolha é tudo. Se erramos, babau! (...) E para escolher o ponto adequado havemos de recorrer à ciência deste livrinho – concluiu ele batendo uma palmada na geologia. – Aqui está tudo.<sup>319</sup>

Nitidamente, percebe-se que em toda a obra a ciência é tratada como a forma que Lobato acreditava ser importante para resolver as questões nacionais.<sup>320</sup> Via como uma possibilidade de apresentar ao povo e às crianças as características de algo apoiado no conhecimento científico, responsável pelo aspirado progresso. Como mencionado anteriormente, Monteiro Lobato possuía muita admiração pelo livro de Euclides da Cunha, intitulado *Os Sertões*, publicado em 1902.<sup>321</sup> Afirmava que “a dose de ciência ensartou no grande livro soube-nos ao paladar como revelação maravilhosa”.<sup>322</sup>

---

<sup>319</sup> *Ibid.*, p.98.

<sup>320</sup> Vale ressaltar uma opinião de Lobato acerca do que a ciência representava para ele: “Para a treva só há um remédio, a luz. A treva em matéria de inteligência tem o nome de estupidez. Ideias claras, ciência: eis a única luz que bate a treva da estupidez”.( M. Lobato, “Ganglios pensantes” in *Mr. Slang e o Brasil e Problema vital* , p. 153).

<sup>321</sup> Como já mencionado nas páginas 55 e 56, nesta obra, há abordagem de assuntos referentes à História Brasileira, à Geografia além de questões sociológicas.

<sup>322</sup> M. Lobato, *Prefácios e entrevistas*, p. 85.

Para explicar sobre o surgimento da vida, Visconde faz referência aos estudos de Euclides da Cunha para explanar sobre o aumento do volume do mar, apresenta a definição da matéria inorgânica, responsável pela formação dos minerais.

- Nas regiões marinhas próximas das terras, sobretudo nos golfos, parte desse lodo negro do fundo do mar foi recoberto há milhões de anos, pelas areias e argilas que os rios despejam no mar (...) Aqui no Brasil temos o Amazonas que, segundo os cálculos de Euclides da Cunha, leva para o mar 3 milhões de metro cúbicos de detritos por dia, ou sejam quase dois quilômetros cúbicos por ano.<sup>323</sup>

Sob influência positivista, a proposta da nova pedagogia defendia o acesso ao estudo a todas as pessoas, pois a reorganização social somente seria garantida a partir de um aprimoramento intelectual do ser humano, principalmente as crianças, as mulheres e os menos privilegiados.<sup>324</sup> Na obra, apoiado nesta influência, Lobato envolve Tia Nastácia como participante nas aulas.

Na primeira fila de cadeiras sentaram-se Narizinho, Emilia e ele. Na segunda, Dona Benta e tia Nastácia. Pedrinho fez questão que a pobre negra também se formasse em geologia.<sup>325</sup>

---

<sup>323</sup> M. Lobato, *Viagem ao céu e O poço do Visconde*, p. 80.

<sup>324</sup> A. Comte, *op.cit.*, p. XIV.

<sup>325</sup> M. Lobato, *Viagem ao céu e O poço do Visconde*, p. 74.



Também, a presença feminina de Dona Benta como responsável absoluta pelo sítio pode ser associada ao Catecismo Positivista, que defendia a valorização da mulher para que houvesse o almejado progresso.<sup>326</sup> Na América, Lobato já havia identificado o valor atribuído à figura feminina, afirmava que “inclusive as mulheres que aqui também são gente”.<sup>327</sup> A importância de Dona Benta, como a grande responsável pelos benefícios que a turma do sítio passou a colher em decorrência da extração do petróleo, foi salientada pelo Quindim no dia da festa .

- Presto muita atenção quando ela fala e nunca percebi em suas palavras demonstração de outra coisa que não fosse a mais alta sabedoria (...) A sabedoria de Dona Benta deu como resultado final a felicidade completa que todos gozamos aqui (...) E por que é assim? Por causa da sabedoria de Dona Benta, que é a aura misteriosa que tudo dirige neste abençoado pedacinho de mundo.<sup>328</sup>

Embora nunca tivesse saído do sítio, Dona Benta possuía um amplo conhecimento, levando-se em consideração a variedade de livros em sua biblioteca, pois sua dedicação à leitura decorria da necessidade de conhecer e não mais como uma forma de passatempo, como distração. Este fato reproduz

---

<sup>326</sup> Comte afirmava que “Afora os motivos gerais que devem aqui dirigir para as mulheres minha principal solicitude, há muito que fui levado a pensar que delas depende sobretudo o advento decisivo da solução ocidental indicada pelo conjunto do passado. Em primeiro lugar, seria absurdo pretender pôr termo sem elas a mais completa das revoluções humanas, quando é sabido que as mulheres contribuíram profundamente para todas as renovações anteriores (...) as mulheres acham-se muito dispostas para bem apreciar a única doutrina que pode hoje conciliar radicalmente a ordem e o progresso (...) A fim de incorporar melhor as mulheres à revolução ocidental, cumpre conceber a última fase desta como devendo oferecer-lhe um profundo interesse especial. ( A. Comte, *op. cit.*, pp. 130-131).

<sup>327</sup> M. Lobato, *América*, p. 167. Lobato referia-se à possibilidade da mulher ter direito ao voto de maneira semelhante aos homens.

<sup>328</sup> M. Lobato, *Viagem ao céu e O poço do Visconde*, p.161.

a importância da leitura para Lobato como forma de aquisição de conhecimento. Paralelamente, criticava a elite que atribuía à leitura apenas um hobby, àqueles que se reuniam nos salões para conversar sobre uma literatura da *belle époque*, e consideravam símbolo de cultura o fato de “saber conversar literatura nas rodinhas”.<sup>329</sup> O diálogo estabelecido entre Narzinho e sua avó acerca de um livro sobre fisiologia ilustra este fato. Para explicar à neta o significado do que era o termo “fisiologista”, Dona Benta cita um livro de Alex Carrel, um estudioso francês que morava em Nova Iorque

-Os fisiologistas são os sábios que estudam o funcionamento do nosso corpo. Aquele livro que estou lendo, *Man the Unknown*, foi escrito por um grande fisiologista, Alex Carrel.<sup>330</sup>

A esperteza de Dona Benta possibilitou que defendesse suas terras, pois, no momento em que percebeu o interesse dos trustes de cercarem as terras do sítio, tomou uma rápida e eficiente decisão.

- Dê ordem a Mister Kalamazoo, Pedrinho, para perfurar quatro poços de defesa, um em cada canto do sítio. Já... (...) Mister Kalamazoo muito se admirou da sabedoria de Dona Benta, uma velha que jamais saíra da roça, e no entanto entendia até da técnica da pirataria do petróleo.<sup>331</sup>

---

<sup>329</sup> M. Lobato, *Prefácios e entrevistas*, p.86.

<sup>330</sup> M.Lobato, *Viagem ao céu e O poço do Visconde*, p.71.

<sup>331</sup> *Ibid.*, p.144.

Para ressaltar a importância do conhecimento científico, responsável pelo avanço nacional, Lobato asseverava que o dever de um país consistia em criar e defender seu patrimônio<sup>332</sup>. A atitude de Dona Benta em não vender suas terras reflete esta postura, essencial ao desenvolvimento do país: produzir riqueza e resguardá-la. A falta de patriotismo do brasileiro, segundo Lobato, era o problema que agravava ainda mais situação do jeca, em decorrência de sua ignorância sobre o país. “O sentimento de pátria lhe é desconhecido. Não tem sequer a noção do país em que vive. Sabe que o mundo é grande, que há sempre terras para diante.”<sup>333</sup>

- Não vendo por preço nenhum – foi a resposta de Dona Benta. – De que me adianta uma bolada de 5 milhões de dólares? No que empregar isso? Onde encontrar um sítiozinho como este, tão cheio de árvores velhas, de recordações agradáveis – e tão rico em petróleo? Não, não e não.<sup>334</sup>

Como exemplo contrário a postura de Dona Benta, Lobato nos apresenta dois personagens alheios à nova situação: Chico Pirambóia e o Coronel Teodorico que, sem saberem da importância e a valorização de suas terras, desfizeram-se por preços irrisórios de suas propriedades, sem noção dos lucros que poderiam obter com a extração do petróleo. Dona Benta, que sabia da possibilidade de haver petróleo nas terras circunvizinhas ao sítio, mostrou-se preocupada com o compadre ao afirmar que ele havia realizado um péssimo negócio.

---

<sup>332</sup> M. Lobato, *Mr. Slang e o Brasil e Problema vital*, p. 79.

<sup>333</sup> M. Lobato, *Urupês*, p. 286.

<sup>334</sup> M. Lobato, *Viagem ao céu e O poço do Visconde*, p. 135.

- Sua fazenda tem a mesma formação geológica do meu sítio (...) Por que não mandou, antes de vendê-la, fazer uns estudos geológicos e geofísicos? (...)
- Eu, a ser verdadeiro, comadre, nem entendo, nem acredito em nada dessas histórias. Sou homem da roça, como meu pai e meu avô, criadores de porcos e plantadores de milho. De ciência não pesco um xis – nem acredito (...)
- Compadre – disse Dona Benta – o seu mal foi a falta de estudos. Se os tivesse, ou se frequentasse aqui os nossos serões para ouvir as conversas geológicas do Senhor Visconde, juro que não venderia a fazenda nem por dez milhões. Aquilo vale ouro, compadre.<sup>335</sup>

Neste ponto, há também inferência à necessidade de instrução do “jeca” para que o país pudesse atingir o patamar do desenvolvimento. Como já mencionado, Lobato via como esperança de melhoria do país a atribuição de oportunidades a todos, por meio da educação. Afirmava que era preciso “descascar o Jeca na Escola Primária, ensinando-lhe depois na Profissional, a utilizar-se da leitura e da técnica”.<sup>336</sup>

Vemos, assim, o Caboclo Chico Pirambóia, outro personagem que também não cria na ciência e que, da mesma maneira como o coronel, desfez-se de suas terras por acreditar ter feito um excelente negócio.

- Esta gente enlouqueceu. Não entendo mais nada. Pois então não é loucura me darem 230 mil por aquela pinóia do me sítio – dez alqueires de sapezal que nunca valeu nem mil cruzeiros.
- Não é loucura não, Chico. É apenas o petróleo. Quem deu 230 mil cruzeiros pelo seu sítio vai tirar dele alguns milhões. Você não pensou nisso.
- A senhora está se referindo ao tal ‘criosene’? Ah, então a senhora, que é uma velha de juízo, também ‘arquedita’

---

<sup>335</sup> *Ibid.*, p.139.

<sup>336</sup> M. Lobato, *Urupês*, p. 54.

nisso? 'Criosene' nada. O que deu nessa gente foi loucura, isso ninguém me tira da cabeça.<sup>337</sup>

Neste momento, também, percebe-se a crítica de Lobato à falta de conhecimento causado pela ausência de instrução, à falta de oportunidades ao afirmar que no “mobiliário cerebral de jéca (...) tudo se reedita dentro de seus miolos (...) as noções práticas da vida, que recebeu do pai e sem mudança transmitirá aos filhos”.<sup>338</sup>

Monteiro Lobato denunciava que as pessoas não sentiam interesse por assuntos científicos em decorrência de interesses do governo. Como forma de chamar a atenção para este fato, apresenta a personagem tia Nastácia sempre alheia aos eventos que aconteciam no sítio. Ao salientar o desprezo de tia Nastácia, evidenciava a forma como grande parcela da população apreciava as questões voltadas à ciência. Já no final do primeiro serão foi Narizinho quem percebeu que Tia Nastácia não havia aproveitado a aula. Por isso, chamou sua atenção por ter dormido durante o tempo todo.

Todos concordaram que a lição do Visconde fora boa, exceto tia Nastácia. A negra dormira o tempo inteiro. E quando Narizinho a censurou por causa disso, respondeu com a maior sinceridade:

- Pra que ouvir, menina? Não entendo nada mesmo...<sup>339</sup>

---

<sup>337</sup> M. Lobato, *Viagem ao céu e O poço do Visconde*, pp. 140-141.

<sup>338</sup> M. Lobato, *Urupês*, 286.

<sup>339</sup> M. Lobato, *Viagem ao céu e O poço do Visconde*, p.77.

Quando o Visconde terminou sua explanação, no segundo dia, Dona Benta perguntou a tia Nastácia sobre sua opinião acerca do conhecimento transmitido pelo Visconde e, mais uma vez, identifica-se o descaso, a falta de interesse da população humilde, que a personagem representa, às questões que envolviam ciência.

Tia Nastácia abriu uma enorme boca vermelha e respondeu bocejando:

- Ele só fala em peixe podre, Sinhá. Peixe há de ser fresquinho. Quanto mais fresco, melhor. E se vem ainda vivo, como aquele surubi que o Coronel Teodorico mandou outro dia, então ainda melhor...<sup>340</sup>

Em outra passagem, percebe-se a tristeza que tomava conta de tia Nastácia à medida que a perfuração do poço era realizada, mais uma vez, aliada à falta de conhecimento sobre o tema.

- Tenho dó das minhocas – disse ela. – Esses malvados estão macetando as coitadinhas...

- Boba! Lá na profundidade em que o trépano está não existem minhocas – só rochas.<sup>341</sup>

Em outro diálogo com Pedrinho, novamente tia Nastácia demonstrava sua descrença na ciência e apoiava-se na religião como forma de proteger-se das informações transmitidas pelo garoto. Lobato afirmava que “a ideia de

---

<sup>340</sup> *Ibid.*, p. 81.

<sup>341</sup> *Ibid.*, p. 116.

Deus e dos santos torna-se jéco-centrica”, a crença absoluta no poder divino de modo a não duvidar do criador.<sup>342</sup>

Pedrinho também mostrou o aço granulado a tia Nastácia, na cozinha. Mas foi inútil. A negra riu-se.

- Isto é chumbo de caçador, menino. Não está vendo?(...)

-Chumbo é mole, boba, você bem sabe disso. E estes carocinhos a gente pode martelar com toda força que não achatam, quer ver?(...)

- Isso só quer dizer que é chumbo duro – disse ela. – Não pense que me tapeia não. Se é de “metá” e redondinho, está claro que é chumbo – isso desde que Nosso Senhor fez o mundo. Esta negra é velha, mas não é boba, não.<sup>343</sup>

A falta de compreensão do que era a perfuração e o que poderia ser encontrado até a obtenção do petróleo fez com que tia Nastácia concluísse que alguém havia jogado sal no poço em vez de perceber a presença de um elemento comum no processo de perfuração, apresentado anteriormente pelo Visconde.

- Água salgada, veja! Do poço. Água fóssil – atropelou Narizinho – fazendo a negra provar.

- Chi! Salmoura pura – disse ela careteando também.- Quem seria o malvado que despejou sal no poço? Tão caro – mil e quinhentos o saquinho – e gente desperdiçada estragando sal para salgar água de peixe podre...<sup>344</sup>

<sup>342</sup> M. Lobato, *Urupês*, p.286.

<sup>343</sup> M. Lobato, *Viagem ao céu e O poço do Visconde*, pp. 118-119.

<sup>344</sup> *Ibid.*, p.125.

Por meio do discurso do Visconde em comemoração às conquistas proporcionadas pela abertura dos poços petrolíferos, Lobato reafirmava a importância do conhecimento científico aplicado ao desenvolvimento nacional, no intuito de fornecer as condições em termos práticos para que o país atingisse o mesmo grau de eficiência que os Estados Unidos.

- Sou um caso de filho que nada tem de comum com sua progenitora [tia Nastácia]. Não entendo de cozinha nem sequer como. Meu pendor sempre foi científico. No começo dei-me à Filologia : hoje dou-me à Geologia. E sabem por que mudei? (...) A filologia não aumenta a riqueza dum país (...) Mas a Geologia aumenta. É uma ciência que conduz a resultados práticos, positivos, de grandes reflexos econômicos (...) Se não fosse nossa maia geológica (...) não estaríamos hoje nadando em dinheiro e fazendo a felicidade deste pobre povo, que até aqui viveu descalço, analfabeto e na maior penúria (...) A Geologia, meus senhores e senhoras, é a ciência do solo e do subsolo – e é no subsolo que se acumulam as maiores riquezas dum país. O solo, que é? Apenas uma superfície. E o subsolo? O subsolo é uma massa que vai desde a superfície até o centro da terra.<sup>345</sup>

Monteiro Lobato, influenciado pelos ideais apresentados, sobretudo, por Anísio Teixeira, depositou suas esperanças na educação das crianças como maneira de garantir o desenvolvimento percebido na América. A descrença da população que não considerava a questão do petróleo de suma importância é destacada quando Dona Benta sugere ao Visconde que explicasse um pouquinho sobre geologia ao Coronel, na expectativa de que ele aproveitasse alguma coisa. Embora o Visconde estivesse empenhado em explicar tudo ao compadre, o descaso se fez presente.

---

<sup>345</sup> *Ibid.*, p. 165.



O miolo dum criador de porcos de sessenta anos está endurecido. Não recebe mais nada. O coronel limitou-se a rir-se do sabuginho científico.

- Basta – disse ele por fim. – Estou muito velho para essas coisas de ciência. Se o “anticriná” daqui entra na minha fazenda, então melhor para quem a comprou. Que se arranjem, que tirem muito petróleo e façam bom proveito.<sup>346</sup>

Neste instante, ao referir-se ao “miolo dum criador de porcos de sessenta anos (...) endurecido”, Lobato explicitava sua expectativa de trilhar um novo caminho tendo em vista as gerações futuras, as crianças. As personagens Pedrinho, Narizinho e Emília desde o início acreditavam na possibilidade da existência do petróleo. Com o incentivo do Visconde em fazer com que elas refletissem, raciocinassem sobre as informações que apresentava por meio da teoria científica, sentiam-se seguras em corroborar a existência do petróleo.

### ***3.2.3 O faz-de-conta como condição para a abertura do poço: a incredulidade dos adultos e a euforia das crianças***

Monteiro Lobato tinha o discernimento de que para atingir e prender a atenção das crianças era necessário que desenvolvesse uma argumentação que lhes causasse interesse ao mesmo tempo em que pretendia desenvolver o senso crítico dos pequenos.<sup>347</sup> Por essa razão colocava-se no lugar delas para

---

<sup>346</sup> *Ibid.*, p.139.

<sup>347</sup> Conforme apresentado no segundo capítulo, apoiado no desenvolvimento da psicologia, Lobato sabia da diferença existente entre um adulto e uma criança. Em correspondência ao

escrever, o que permitia que o aprendizado fluísse como uma brincadeira. Brincadeira esta que misturava fantasia e realidade, num ambiente onde tudo tornava-se possível por meio da imaginação. "A criança é um ser onde a imaginação predomina em absoluto (...) Mas se o tempo inteiro a tratamos puerilmente, ela nos manda às favas".<sup>348</sup>

Para a abertura do poço nas terras do sítio, todas as vezes que algo aparecia para impedir o curso ideal dos acontecimentos ou, até mesmo, havia a necessidade de acelerar o processo a solução imediata provinha dos recursos da imaginação. Lobato que tinha a noção de como as crianças necessitavam de recursos além da realidade utilizava-se deles, contrariava a opinião dos adultos que não entendiam o significado da proposta. Ao referir-se ao pó de pirlimpimpim "o adulto sorri imbecivelmente – e tenho que explicar-lhe ao ouvido que 'pó de pirlimpimpim' é um sinônimo pitoresco do que sem pitoresco nenhum, eles chamam imaginação".<sup>349</sup>

Quando Pedrinho mostra-se irritado com as aulas teóricas, presas ao tratado, exige do Visconde que eles partam para a abertura do poço, deixem de lado o livro e escolham o local para a perfuração. Com o faz-de-conta de Emília eles dominaram rapidamente todo o tratado de geologia.

- Feche o livro, Visconde. Resolvemos dar começo ao poço já,já,já.  
O visconde fez cara feia.

---

amigo Rangel afirmava: "Ah, Rangell!, que mundos diferentes, o do adulto e o da criança! Por não compreender isso e considerar a criança 'um adulto em ponto pequeno', é que tantos escritores fracassaram na literatura infantil". (M. Lobato, *A barca de Gleyre*, p.347).

<sup>348</sup> M. Lobato, *Conferências, artigos e crônicas*, p.249.

<sup>349</sup> "Acho a criatura humana muito mais interessante no período infantil do que depois de idiotamente tornar-se adulta. As crianças acreditam cegamente no que digo; o adulto sorri com incredulidade" (M. Lobato, *Prefácios e entrevistas*, p.207).

- Mas como pode haver poço sem ciência, menino? Que bobagem é essa? (...)  
 - Faz de conta que já estão feitos – berrou Emília. – Faz de conta que foram feitos por uns sábios da Alemanha que mandamos vir, não acha Pedrinho?  
 - Claro que sim. Os tais estudos geofísicos tanto estão feitos que tenho aqui os mapas – disse Pedrinho fingindo abrir no chão um enorme rolo de papel de desenho. Venham ver.  
 Todos se curvaram ao redor do mapa de mentira.<sup>350</sup>

Na sequência da conversa Pedrinho ordenou à Emília que cuidasse da lenha para que fosse possível alimentar a caldeira.

Emília aplicou o faz-de-conta, e num momento dez carros de boi começaram um vaivém contínuo do capoeirão até ali. Serviço rápido como o relâmpago.  
 - Pronto, Pedrinho! Empilhei lenha até demais – 523 metros cúbicos segundo a nota que meus carreiros apresentaram – disse ela dando a Pedrinho um papel com garranchos.<sup>351</sup>

Além da água que Pedrinho conseguiu no córrego, da lenha que Emília providenciou ainda faltava o alojamento dos operários e um local para guardar o maquinário. Sem desespero, solicitou a Narizinho que se encarregasse disso.

A menina também aplicou o faz-de-conta, de modo que num instante surgiu da terra um excelente barracão de madeira, com telhado de zinco, para as máquinas; e a cem metros dali uma série de casas para operários, muito bonitas e higiênicas, tão bonitas que Pedrinho achou demais.<sup>352</sup>

<sup>350</sup> M. Lobato, *Viagem ao céu e O poço do Visconde*, p. 106.

<sup>351</sup> *Ibid.*, p. 107.

<sup>352</sup> *Ibid.*, p. 10.

Pedrinho precisava encomendar as ferramentas necessárias para alimentar a oficina mecânica, caso houvesse a necessidade de reparos do maquinário, exigida pelo Visconde. Além disso, o garoto encomendou a sonda e os tubos para o revestimento do poço.

Pedrinho foi à máquina de escrever redigir a carta de encomenda.

- Por carta, Pedrinho? Leva muito tempo, rapaz! Peça logo por um telegrama urgente e exija que a ferralhada esteja aqui amanhã bem cedo.

- Absurdo, Emília, não dá tempo.

- Dá sim – insistiu ela.- Eles que se utilizem do meu poderoso “Faz-de-conta nº.7”, o maior avião de carga do mundo. Dessa maneira teremos tudo aqui amanhã antes do almoço.

Pedrinho compreendeu que realmente não havia outro jeito e redigiu o telegrama.<sup>353</sup>

A pressa da chegada de Mister Kalamazoo ao sítio para o início dos trabalhos de perfuração também foi resolvida pela Emília,

O assunto continuou naquele tom até a sobremesa – um gordo mamão mandado pelo Coronel Teodorico. Comido o mamão, saíram na disparada a fim de receberem Mister Kalamazoo, que fora chamado por telegrama e vinha num dos aviões-relâmpagos da Emília.

Não tardou que o ar zumbisse e um ponto móvel aparecesse no azul.

- É ele – gritaram todos.<sup>354</sup>

---

<sup>353</sup> *Ibid.*, p. 109.

<sup>354</sup> *Ibid.*, p. 111.

Quando o poço já estava aberto, percebeu-se uma tentativa de sabotagem. Apenas para lembrar, Pedrinho havia encomendado um *blowout preventer* da América para colocar na boca do poço e evitar uma enxurrada de petróleo que pudesse comprometer a região, mas no lugar do solicitado vieram dois aparelhos de rádio. Mister Kalamazoo ficou desesperado, sem saber qual atitude tomar. Inicialmente, a solução foi que Quindim sentasse na boca do poço, porém era algo provisório, pois necessitavam do equipamento adequado. Visconde noticia ao perfurador que Emilia tinha ido ao escritório para encomendar o *blowout preventer* e que no prazo de apenas vinte minutos tudo estaria resolvido. Ao retornar, Emilia avisa que

- Pronto! – exclamou ao chegar. – Pedi à fábrica que mandassem imediatamente o *blowout* esquecido e passei-lhes uma descompostura tremenda. Em quinze minutos teremos o torneirão aqui (...) Pedi o *blowout preventer* à fábrica sim, com ordem para que o mandassem com a maior rapidez pelo “Faz-de-conta nº. 4”, que é o avião mais veloz da minha empresa.<sup>355</sup>

E, mais uma vez, o recurso do faz-de-conta trouxe a solução para o incidente e possibilitou que o poço efetivamente pudesse ser perfurado. Mesmo assim, muitos ainda não acreditavam.

Lobato atribuía este fato à imprensa que a serviço do governo cerceava a população a respeito das reais possibilidades e das riquezas nacionais.<sup>356</sup> Mesmo com a descoberta do petróleo no sítio de Dona Benta, muitos ainda

---

<sup>355</sup> *Ibid.*, p. 129.

<sup>356</sup> M. Lobato, “O quarto poder” in *Mr. Slang e o Brasil e Problema vital*, pp. 209-214. Neste artigo Lobato relata o início da submissão dos jornais ao controle estatal, por meio de suborno.

desacreditavam de tal evento publicado pelos jornais. Consideravam um absurdo o petróleo surgir num ambiente considerado utópico.

Os jornais deram a notícia com base numa comunicação mandada por Pedrinho; mas como essas notícias sensacionais são muitas vezes pês, todos se mantiveram na dúvida. Um deles publicou o comunicado de Pedrinho com este título: *Si non é vero...* Outro escreveu que quando a esmola é demais o santo desconfia. Pedrinho danou e mandou segundo comunicado, convidando os incrédulos a virem ver (...) assinara com seu futuro nome de gente grande Pedro Encerrabodes de Oliveira.<sup>357</sup>

Enquanto os adultos mostravam-se descrentes diante dos fatos, tratavam a informação como uma piada, as crianças comemoravam a conquista de Pedrinho.

Encerrabodes, que levava o povo a rir-se e pilheriar. Quem era esse tal Encerrabodes? Ninguém sabia. Só as crianças do Brasil sabiam que Pedro Encerrabodes de Oliveira não podia ser outro senão Pedrinho, o neto de Dona Benta Encerrabodes de Oliveira.  
- É Pedrinho! É Pedrinho! – afirmaram as crianças de todo o país. – É o neto de Dona Benta! Ele disse que ia tirar petróleo e tirou mesmo!...  
Mas as gentes grandes, marmanjões pretenciosos, riram-se das crianças, dizendo: “Há de ser então uma das muitas maluquices do tal sítio de Dona Benta, que o tal Lobato vive contando. Brincadeira.”<sup>358</sup>

<sup>357</sup> M. Lobato, *Viagem ao céu e O poço do Visconde*, p. 132.

<sup>358</sup> *Ibid.*, p. 132. “Quando afirmei a existência de petróleo no Brasil, as crianças todas acreditaram; os adultos duvidaram. Quando o primeiro poço revelou o petróleo no meu poço, o poço de Lobato, na baía, as crianças bateram palmas, alegríssimas. E os adultos? Limitaram-se a ficar com caras de asno e em seguida sabotaram-me”. (M. Lobato, *Prefácios e entrevistas*, p.207).

Como dito anteriormente, Lobato que acusava o noticiário de estar subordinado ao governo, impedindo que a população acreditasse no potencial brasileiro e apenas alimentava a sensação de boato. Por isso, após a divulgação da existência de petróleo nas terras do sítio, Dona Benta recebeu um repórter do Rio de Janeiro que foi conferir se referida informação era real ou apenas mais um rumor.

- Minha senhora – disse ele – circulam boatos de que foi aberto aqui em suas terras um poço de petróleo. Mas ninguém lá fora acredita nisso; primeiro porque está oficialmente assentado que o Brasil não tem petróleo; segundo porque o petróleo surgiu justamente aqui no seu sítio, que tem fama de maluco; terceiro, porque a comunicação foi feita por um Senhor Encerrabodes que ninguém viu mais gordo. Apesar disso, meu jornal encarregou-me de chegar até aqui para ver o que há.<sup>359</sup>

Mais que depressa, com toda a serenidade que lhe era peculiar, Dona Benta respondeu ao repórter que foi graças ao empenho no estudo científico que seus netos haviam alcançado esse objetivo, o de fornecer petróleo ao Brasil. Reside aqui, conforme mencionado anteriormente, o valor da ciência para Lobato na busca pelo desenvolvimento nacional.

- Foi bom que viesse, meu senhor. Por estranha que pareça a notícia, é a verdade pura. Meus netos meteram-se a estudar geologia com o Visconde de Sabugosa e convenceram-se da existência do petróleo. E como são levados da breca, arranjaram sonda, perfurador, operários especialistas e puseram-se a furar.<sup>360</sup>

---

<sup>359</sup> M. Lobato, *Viagem ao céu e O poço do Visconde*, p. 132.

<sup>360</sup> *Ibid.*, p. 132

Para comprovar que o poço existia de verdade, os meninos levaram o repórter para ver de perto.

O pobre repórter, que nunca tinha visto petróleo, sentou-se no ponto indicado pelo menino justamente num lugar de vento a favor, de modo que quando o petróleo jorrasse a chuva do repuxo viria cair bem em cima dele. Não desconfiou de nada, nem de o deixarem ali sozinho e se passarem todos para o lado oposto.

Mister Kalamazoo dirigiu-se ao blowout e torceu a manivela. (...) Que banho! O jornalista fugiu dali com quantas pernas tinha, mas não escapou de ficar empapado até a medula dos ossos (...) Os meninos correram ao encontro do homem petrolizado.

- Então está convencido? – indagou Pedrinho.<sup>361</sup>

O repórter ao despedir-se de Dona Benta afirmou que a experiência vivida por ele fará com que o Brasil acredite no grande fato milagroso realizado em suas terras, pois “A descoberta do petróleo representa um fato de significação mais alta que a própria Independência do Brasil”.<sup>362</sup> E publicou no jornal que o poço petrolífero nas terras de Dona Benta existia de verdade.

O Coronel Teodorico assim como o caboclo Chico Pirambóia, representantes da população da região, comercializaram suas terras por duvidarem da existência de petróleo. Ambos consideraram as ofertas provenientes das empresas irresistíveis, ao contrário de Dona Benta que negou a venda de seu sítio ao Rockefeller por 5 milhões de dólares.<sup>363</sup> Outro personagem que se desfez da propriedade foi Elias Turco, dono de uma

---

<sup>361</sup> *Ibid*, p. 134.

<sup>362</sup> *Ibid*, p. 135.

<sup>363</sup> *Idem*.



pequena mercearia, que vendeu seu ponto por quinhentos mil cruzeiros e voltou para a Turquia.<sup>364</sup>

Com exceção do Elias Turco, que não deu mais notícia, o prejuízo do Coronel e do Chico Pirambóia foi desesperador. Pouco tempo depois, Dona Benta soube do que havia acontecido com o compadre, que decidiu pegar seu dinheiro e mudar-se para o Rio de Janeiro, e de Chico Pirambóia que desejava “afundar no mundo”.

[Chico Pirambóia] Este fora vítima de assalto a mão armada em pleno dia, e como levasse todo seu dinheiro num lenço vermelho, ficou sem o dinheiro e sem o lenço (...) Com o Coronel Teodorico, então, aconteceu uma que até parece pilhéria. Ele nunca havia ido ao Rio de Janeiro, de modo que admirou tudo, principalmente os bondes elétricos (...) fechou negócio de quatro bondes a 50 mil cruzeiros cada um.<sup>365</sup>

Ciente da modernização, com a chegada dos automóveis e dos motores, a necessidade do combustível era inevitável, Dona Benta sabia que era um negócio sem futuro algum.

- Pobre do meu compadre! – suspirou Dona Benta quando soube da história. – Sua sorte foi ter comprado apenas quatro. Se adquirisse vinte e quatro bondes estaria a estas horas tão limpo como o Chico Pirambóia...<sup>366</sup>

---

<sup>364</sup> *Idem.*

<sup>365</sup> *Ibid*, p.141. O Rio de Janeiro foi a primeira cidade da América Latina a ter uma linha de bonde elétrico, operada pela Botanical Garden Railroad Company. Aos poucos, com o aumento da população na cidade e a invenção do automóvel, as ruas deveriam ser adaptadas e os bondes perderam espaço.

<sup>366</sup> *Idem.*

Quando mais tarde se encontraram com o Coronel, num dos passeios que Dona Benta fazia com a turma do sítio, perceberam uma aparência sofrida. Ele lembrou as palavras sábias da comadre e demonstrou seu arrependimento.

- Ouvi tanta história disto por aqui, que criei coragem e vim ver. Mas antes não viesse (...) Tudo me confirma as suas palavras daquele dia, lembra-se? Eu fui um bobo, confesso. Vendi minha fazenda, pensando fazer um negócio, mas o que fiz foi um negócio de sandeu (...) se eu pusesse tento nas suas palavras, tudo teria corrido muito bem. Mas eu era presunçoso, tinha confiança demais em mim (...) Ah, comadre, se todos fossem como a senhora, se todos tivessem a sabedoria da senhora... Como me arrependo de não ter ouvido os seus conselhos.<sup>367</sup>

Durante o mesmo passeio encontraram Chico Pirambóia que usava um boné também envelhecido devido ao sofrimento vivido após o assalto.

Pedrinho parou o carro e Dona Benta chamou o Pirambóia.  
 - Então, que é isso, meu velho?  
 - Pois isto é a vida, Dona Benta – respondeu o caboclo. – Depois daquele desastre que me sucedeu, estive mais de ano no hospital, e por fim fui solto na rua (...) Fui andando e bati lá no meu antigo sítio. Quase nem reconheci. Tudo mudado, tudo bonito (...) procurei o chefe e pedi serviço. Ele olhou bem para mim (...) e perguntou para que eu prestava. E então eu fui e respondi: “-Sempre hei de prestar para alguma coisa, capinar chão, tratar de burro de carroça(...)”<sup>368</sup>

---

<sup>367</sup> *Ibid*, pp. 155-156.

<sup>368</sup> *Ibid*, pp. 156-157

No decorrer da conversa, Chico Pirambóia contou a Dona Benta que o engenheiro a quem pediu emprego disse que nas terras dele não foi encontrado petróleo, mas que a companhia a qual fazia parte estava precisando de guardas de poços na antiga fazenda do Coronel Teodorico. Neste ponto, pode-se fazer uma associação aos ideais fordistas defendidos por Lobato, no que se refere ao aproveitamento dos operários.

- Eu fui e me deram o serviço na turma de guarda – e de tanto ficar acordado de noite e dormir de dia, quase virei coruja. Por fim me enjoei daquilo e pedi outro serviço. Eles então me puseram guarda diurno, que é como lá dizem(...)

- E o que está escrito no seu boné?

Antes que ele dissesse, Narzinho respondeu:

- C.G.P. – Companhia Guaxanduba de Petróleo, a tal que está furando na fazenda do General.<sup>369</sup>

Ao contrário do coronel, Chico Pirambóia conseguiu ter um pouco de alegria ao retornar à antiga propriedade, pois tinha conseguido um serviço remunerado graças à extração do petróleo. Também, durante o diálogo com Dona Benta, percebe-se que o caboclo havia aprendido muita coisa. Esse aprendizado que trouxe ao caboclo uma satisfação imediata, com garantia de serviço recompensado, faz alusão à proposta defendida por Lobato, apresentada anteriormente, acerca da necessidade de instrução ao jeca, como garantia ao desenvolvimento nacional.

---

<sup>369</sup> *Ibid.*, p. 157.

- Mas quando abrimos lá no sítio o Caraminguá nº. 1 e você foi despedir-se de mim, lembra-se do que me disse do “criosene”?
- Lembro, sim, Dona Benta. Eu duvidei, não nego (...) Mas hoje minha Bíblia é o “criosene”. Juro em cima dele se for preciso...
- E ainda diz “criosene” , em vez de petróleo?
- Digo só por figuração, para matar saudades do tempo antigo. (...) Sei o que é petróleo, sei o que se faz dele, sei tanto já, que ainda acabo fazendo uma sociedade para abrir um poço num lugarzinho que eu conheço...<sup>370</sup>

Lobato acusava o governo de não se interessar no investimento em ciência e por isso, patrocinou um grupo de pesquisadores e viajou pelo Brasil, no intuito de divulgar a importância do combustível.<sup>371</sup> Enviou uma série de correspondências como forma de conscientização das lideranças do país, principalmente, ao Presidente Vargas.<sup>372</sup> Apoiado na experiência obtida nos Estados Unidos, explicitava a realidade das “hipertrofias brasileiras” e, por

---

<sup>370</sup> *Ibid.*, p. 158.

<sup>371</sup> C. Nunes. *Monteiro Lobato – o editor do Brasil*, pp. 18-19. De acordo com o Relatório do projeto ONIPGEO como herança do século XIX, entendia-se a extração do petróleo como um jogo de azar, com os grandes vitoriosos e perdedores Relatório do projeto ONIPGEO – Situação da sísmica terrestre no Brasil pp. 9-12 disponível em [http://www.redetec.org.br/publique/media/livro\\_2004\\_pdf.pdf](http://www.redetec.org.br/publique/media/livro_2004_pdf.pdf) ( acessado em 31/01/2011).

<sup>372</sup> “Conforme previ na última audiência que me foi concedida a 15 do corrente, há alguém interessado em embaraçar a ação da Cia Petróleos do Brasil, dificultando a obtenção da autorização para que ela siga seu curso natural, fora das restrições do Decreto nº 20.799, que, em requerimento ao Ministério da Agricultura, foi pedida (...) Negam-nos a autorização pedida, dificultando, retardando, protelando o necessário decreto. Isso vem impossibilitar a atividade da Cia Petróleos do Brasil. Os homens contratados à custa de tanto sacrifício monetário (...) terão de regressar para a América do Norte sem que o Brasil se beneficie das vantagens incomensuráveis da série de provas previstas e para as quais a nossa empresa se formou. Isso constitui um crime imperdoável, além de denunciar de modo esmagador que há gente paga por estrangeiros para que o Brasil não tenha nunca o seu petróleo. Em vez de, pelas funções de seus cargos, esses homens tudo fazerem para que tenhamos petróleo, quanto antes, tudo fazem para que não o tenhamos nunca (...) venho denunciar a manobra da sabotagem burocrática e pedir o remédio urgente. (Carta ao presidente Getulio Vargas disponível em <http://www.projetomemoria.art.br/MonteiroLobato/monteirolobato/cartaget.html>, acessado em 31/01/2011).

causa dessas acusações, foi perseguido e detido pela Delegacia Especializada de Ordem Política e Social (DEOPS).<sup>373</sup>

Mas, se a realidade o impedia de proporcionar a melhoria da condição de vida aos brasileiros, seja pela má vontade governamental ou pelos interesses internacionais, foi por meio do faz-de-conta que conseguiu atingir seu objetivo. Num ambiente idealizado, demonstrou como a vida poderia melhorar se o investimento na extração de petróleo fosse levado a sério. Graças ao faz-de-conta que o milagre aconteceu...

- Petróleo! Petróleo!

Era o petróleo afinal! Era o jorro de petróleo salvador do Brasil, que se levantava numa coluna magnífica até quarenta metros para o céu (...) Um hurra tremendo ecoou. Os operários batiam palmas e gritavam, saudando o maravilhoso acontecimento. Tinham sido os obreiros do Poço número 1 – o poço que iria mudar os destinos de um país, arrancando-o da sua eterna anemia econômica para lançá-lo na larga Avenida do Progresso Sem Fim.<sup>374</sup>

---

<sup>373</sup> O inquérito policial instaurado concluiu que “sobre haver injuriado o Sr. Presidente da República, procura com notável persistência desmoralizar o Conselho Nacional de Petróleo, apresentando-o a soldo de companhias estrangeiras, em cujo exclusivo benefício toma todas as suas deliberações, o que, a ser verdade, constituiria, sem dúvida um crime de lesa-pátria, que comprometeria o próprio Governo Federal, de que ele é representante”. Encaminhado ao Tribunal de Segurança Nacional, ficou determinado que “À vista do exposto, é de concluir-se que José Bento Monteiro Lobato está incurso no artigo 3º, inciso 25 do Decreto-lei nº 431, de 18 de maio de 1938, sujeito à pena de seis meses a dois anos de prisão”. Em seguida, por Lobato tentar sair do país, o presidente do tribunal decretou sua prisão preventiva em 18 de março de 1941. Dias, W.M. & Hilário Freire, A prisão de Monteiro Lobato, disponível em <http://www.oabsp.org.br/institucional/grandes-causas/a-prisao-de-monteiro-lobato> (acessado em 31/01/2011).

<sup>374</sup> M. Lobato, *Viagem ao céu e O poço do Visconde*, pp. 129-130.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos múltiplos projetos e causas públicas aos que se dedicou, Monteiro Lobato idealizava transformar o Brasil em uma nação afortunada. Embora nascido em berço de ouro, preocupou-se ativamente em fortalecer a economia brasileira, batalhou de diversas maneiras para conquistar a melhoria a todos os brasileiros, sem tirar nenhum proveito pessoal das campanhas a que se atirou. Chegou, inclusive, a investir recursos próprios na busca por essa condição.

Entre tantos eventos, tentou implantar novos métodos de criação e produção agrícola, tornou-se defensor das campanhas de saneamento, defendeu a ciência médica em lugar das benzedeiras - no combate às doenças da população de baixa renda. Seu personagem Jeca Tatu, após a redenção, foi o exemplo de como o homem do campo podia tornar-se saudável e próspero se apegado às questões de saúde e higiene.

Alertava a sociedade por meio da literatura que, desde suas primeiras manifestações como escritor, apresentava como o cerne da produção o desejo pelo desenvolvimento nacional. Além disso, ainda mantinha contato por meio de correspondências com os dirigentes do país, para apresentar seus apontamentos; atitude que lhe custou vários desgostos e alguns dias de detenção.

Percebeu no modelo norte americano a possibilidade de resolver o retardamento econômico brasileiro. O exemplo de Henry Ford forneceu-lhe a concretização de uma realidade possível a ser adotada; bastava, sobretudo, a preparação social, através do trabalho racional e a aposta na modernização.

O período em que viveu em Nova Iorque foi fundamental para que confirmasse sua expectativa pelo progresso. Aos olhos de Lobato, São Paulo poderia ser a locomotiva para as conquistas brasileiras, por ter crescido num ritmo de aceleração inconstante; comparava-a a cidade norte americana, considerada, por ele, o modelo do progresso.

Por outro lado, os problemas enfrentados pela imposição burocrática governamental não o desanimaram a ponto de sempre defender o progresso, através da valorização científica. Por muitas vezes, ele mesmo patrocinava as pesquisas com os recursos provenientes de sua produção literária, além de ter inaugurado algumas empresas com o propósito de encontrar petróleo. Em sua variada produção dedicada ao público adulto, encontram-se alguns títulos que apresentam duras críticas à força do governo em impedir que o Brasil avançasse, mantendo o país num patamar de submissão às empresas estrangeiras, principalmente a presença dos trustes norte-americanos, que interessavam-se em manter o monopólio econômico.

Lobato, certo de que não teria como ganhar a batalha contra a classe dirigente, percebeu que poderia, ao menos, atingir o público infantil fornecendo ferramentas necessárias para a compleição de seu senso crítico aliado à educação, apresentando às crianças aspectos da realidade. Seu contato com o educador Anísio Teixeira foi fundamental para que concluísse a necessidade do investimento em gerações futuras, por meio da instrução, como garantia para o progresso.

Apoiado na nova proposta educacional não deixou de considerar a criança como um ser em formação. Desde suas primeiras obras destinadas ao público infantil, tratava as crianças como indivíduos capazes de compreensão.

Seu contato com os livros desde muito cedo, na fazenda de seu avô, permitiu que vislumbrasse a importância que o livro ocupava no universo infantil. Por conta disso, criou um ambiente rural guiado por reminiscências de sua infância, ao mesmo tempo em que apontava para fatos que envolviam as primeiras décadas do século XX. Por considerar exemplo de nação moderna os Estados Unidos, a comparação ao seu desenvolvimento e o desejo de que se absorvessem as suas atitudes para o progresso são refletidas no contexto do sítio

Sua proposta em escrever *O poço do Visconde*, editado pela primeira vez em 1937, surgiu no período de efervescência de sua luta pelo petróleo – considerado por Lobato como a mola propulsora do desenvolvimento norte americano. Pode-se considerar a obra como uma (re) construção pseudo-fictícia da realidade brasileira, pois, como apresentado no terceiro capítulo, é possível destacar vários elementos que convergiram na idealização de um país desenvolvido.

Inicialmente, a presença do petróleo como o fio condutor da obra refletia a necessidade de investimento de sua extração, visto que Lobato afirmava que as empresas petrolíferas foram responsáveis por garantir aos países a estabilidade financeira e, por conseguinte, proporcionaram seu avanço.

Pelo fato de investir na defesa do conhecimento científico, percebe-se uma inclinação à influência que recebeu do Positivismo, pois estava certo de que a ciência poderia fornecer os benefícios necessários à nação e que, certamente, era possível atingir um patamar semelhante ao dos Estados Unidos. Durante a leitura de *O poço do Visconde*, encontram-se referências à necessidade da pesquisa científica, que deveria envolver a observação e a



experimentação; considerando-se as descobertas anteriores como forma de garantia ao estudo, embora, é claro, num clima de ficção.

No decorrer da história, sua argumentação fundamenta-se em episódios que ocorreram como, por exemplo, como citado anteriormente, a presença dos perfuradores estadunidenses Oppenheim e Mark Malamphy referenciados como Mr. Kalamazoo e Mr. Champignon.

Ao lado das questões consideradas “reais”, apresentava, também - de forma lúdica - elementos do universo infantil, como maneira de chamar a atenção dos pequenos. Foi graças ao faz-de-conta que se pôde conhecer como o país seria após a abertura dos poços petrolíferos, sentir o gosto de uma economia fortalecida.

No primeiro capítulo desta tese, através da seleção de alguns trabalhos que envolvem Monteiro Lobato, percebeu-se que a falta de contextualização pode comprometer o entendimento da produção lobatiana. Sabe-se que elaborar uma crítica corresponde a determinar variados critérios para fundamentar as informações. Mas, ainda hoje, alguns estudiosos preocupam-se apenas em rotular Monteiro Lobato sem considerar a contextualização da obra como parâmetro de análise. Quando não há esse cuidado, pode-se incorrer em interpretações equivocadas que, muitas vezes, perpetuam-se por várias gerações. Julgam-no como um sonhador de forma pejorativa, sem atribuir-lhe o reconhecimento de um registro social.

Ora, Monteiro Lobato defendia a necessidade de apresentar às crianças fatos concretos, sem que houvesse a subestimação da condição plena de seu entendimento. Por isso, pode-se afirmar que ele não teve a pretensão de substituir uma obra científica por um texto literário, tampouco diminuir a

importância do aprofundamento científico. Pelo contrário, demonstrou que ambos podem caminhar lado a lado; a literatura como alimento para o interesse científico, um mapeamento para aqueles que almejem especializar-se em ciência, ou ao menos valorizá-la devidamente.

Conhecer uma obra através da contextualização dos elementos dessa produção facilita e, ao mesmo tempo, torna mais verossímil a aproximação de uma realidade. Enfim, Monteiro Lobato, considerado por muitos como visionário, um homem a frente de seu tempo, com a obra analisada, demonstrou todo um período de luta e batalha pela busca do petróleo como possibilidade real de progresso. Mostrou às crianças tudo aquilo que ele percebia num futuro próximo. Certamente, uma obra que, embora ficcional, dá contornos ao retrato social de um período de bastante entusiasmo na busca de uma História Brasileira tendo em vista seu progresso.

## BIBLIOGRAFIA

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia – edição revista e ampliada*. Trad. Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. 5ª.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria & Márcia Helena Mendes Ferraz. “ De lo nativo a lo nacional: reevaluando La cuestión siderurgica brasileña”. *Dynamis* 12 (1992): 131-149.
- \_\_\_\_\_. “A institucionalização da metalurgia no Brasil: da escola à práxis.” *Revista da SBHC* 7(1992): 15-24.
- \_\_\_\_\_. “Raízes históricas da difícil equação institucional da ciência no Brasil”. *São Paulo em perspectiva* 16, nº. 3 (2002): 3-14.
- ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria & Maria Helena Roxo Beltran, orgs. *Escrevendo a História da Ciência: tendências, propostas e discussões historiográficas*. São Paulo: EDUC/ Livraria Editora da Física/Fapesp, 2004.
- ANTUNES, José Leopoldo Ferreira. *Medicina, leis e moral : pensamento médico e comportamento no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: UNESP/FAPESP, 1999.
- ARANHA, Maria Lucia de Arruda. *Filosofia da educação*. 3ª. ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- \_\_\_\_\_. *História da educação e da pedagogia*. 3ª. ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- ARANTES, Paulo Eduardo. “O positivismo no Brasil” in *Novos Estudos*, 21, p. 185.
- ÀRIES, Philippe. *Historia social da criança e da família*. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC,1981.
- AZEVEDO, Fernando de . *A cultura brasileira*. 4a.ed. Brasília: Universidade Brasília,1963.
- \_\_\_\_\_. “A formação e a conquista do público infantil”. *A educação e seus problemas*. 4a.ed. São Paulo, Melhoramentos, 1958, vol 1.
- BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico*. Trad. Estela dos Santos Abreu. 6ª.ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

- BARBOSA, Alaor. *O ficcionista Monteiro Lobato*. São Paulo, Brasiliense, 1996.
- BASTAZIN, Vera Lucia, org. *A Semana de Arte Moderna desdobramentos, 1922-1992*. São Paulo EDUC 1992.
- BINZER Ina Von. *Os meus romanos, alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*. 2ª. ed. Trad. Alice Rossi e Luisita da Gama. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1994.
- BOSI, Alfredo. *Cultura brasileira – temas e situações*. 4a. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- BRASIL, Pe. Sales. *A literatura infantil de Monteiro Lobato ou comunismo para crianças*. Salvador: Aguiar & Souza, 1957.
- BRITO, Mario da Silva, org. *História do modernismo brasileiro: antecedentes da Semana de Arte Moderna*. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.
- CAMARGOS, Marcia. *Juca e Joyce- memórias da neta de Monteiro Lobato*. São Paulo, Moderna, 2007.
- CAMARGOS, Marcia & Vladimir Sachetta. *À mesa com Monteiro Lobato*. Rio de Janeiro: SENAC, 2008.
- CAMENIETZKI, Carlos Ziller. “A ciência impotente – estudo sobre a noção de ciência na obra infantil de Monteiro lobato” in *Anais I Seminário Nacional sobre História da Ciência e Tecnologia*. Rio de Janeiro, 1986.
- CAMPOS, André Luiz Vieira de. *A república do picapau amarelo*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- CAMPOS, Haroldo de. *A arte no horizonte do provável*. 4ª. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Editora Nacional, 1965.
- \_\_\_\_\_. “A literatura e a formação do homem”. *Ciência e Cultura*. São Paulo, SPBC 24(9), set/1972.
- CANGUILHEM, Georges. *Ideologia e racionalidade das ciências da vida*. Trad. de Emilia Piedade. Lisboa: Edições 70, [s.d.], pp. 11-27.
- CASSAL, Sueli Tomazini Barros. *Amigos escritos – correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.

- CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato, vida e obra*. São Paulo, Brasiliense, 1955.
- CECCANTINI, João Luis & Marisa Lajolo, orgs. *Monteiro Lobato livro a livro – obra infantil*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.
- CECCANTINI, João Luis & Alice Áurea Penteado Martha, orgs. *Monteiro Lobato e o leitor de hoje*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008.
- CHIARELLI, Tadeu. *Um Jeca nos vernissages*. São Paulo: EDUSP, 1995.
- CHIAVENATO, Idalberto. *Introdução à Teoria Geral da Administração*. 4. ed., São Paulo: Makron Books, 1993.
- CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana 1890-1915*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2000
- COELHO, Maicol Martins de Lopez. “Forte e bonito como o barão: ciência e propaganda no Brasil – início do século XX”. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil – história-teoria-análise-(das origens orientais ao Brasil de hoje)*. São Paulo: Quíron, 1981.
- COMTE, Auguste. “Curso de Filosofia Positiva”; “Discurso sobre o espírito positivo”; “Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo”; “Catecismo positivista”. *Os pensadores*. Trad. José Arthur Giannotti e Miguel Lemos. 2ª. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- CONTE, Alberto. *Monteiro Lobato: o homem e a obra*. São Paulo: Brasiliense, 1948.
- COSTA, João Cruz. *O Positivismo na República – notas sobre a história do Positivismo no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.
- COUTINHO, Afranio. *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões – campanha de Canudos* (edição crítica). São Paulo: Ática, 1998.
- DANTAS, Paulo. *Presença de Lobato*. 2ª. ed. São Paulo: RG Editores, 2005.
- DEBUS, Allen G. “A ciência e as humanidades: a função renovadora da indagação histórica”. *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência*, 5: 3-13, jan-jun 1991.

- DERRY, T.K. & Trevor I. Willians. *Historia de la tecnologia – desde 1750 hasta 1900*. Vol. 3. Madrid, Siglo XXI, [s.d.]
- DEWEY, John. “Experiência e educação”. Trad. Anísio Teixeira. In *Atualidades pedagógicas*, vol 131. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- DRIVER, Stephanie Schwartz. *A declaração de independência dos Estados Unidos*. Trad. Mariluce Pessoa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- ELENA, Alberto, María Luisa Ortega & Javier Ordóñez. *Técnica e imperialismo*. Madrid: Turfan, 1993.
- FERNANDES, Luiz Estevam, Leandro Karnal, Marcus Vinicius de Moraes & Sean Purdy. *História dos Estados Unidos- das origens ao século XXI*. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- FORD, Henry. *Os princípios da prosperidade*. Trad. Monteiro Lobato. 2ª. ed. São Paulo: Livraria Freitas Bastos, 1964.
- FRAGA, Clementino. *Vida e obra de Oswaldo Cruz*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005.
- FREITAS, Marcos Cezar de Moysés Kuhlmann Jr., orgs. *Os Intelectuais na História da Infância*. São Paulo: Cortez, 2002.
- FREITAS, Marcos Cezar de, org. *História social da infância no Brasil*. 5ª.ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- GHIRALDELLI Jr., Paulo. *Filosofia e história da educação brasileira*. 2ª.ed. Barueri, Manole, 2009.
- GIARETTA, Liz Andréia. “Monteiro Lobato e o sítio do picapau amarelo: uma análise do pensamento geográfico.”. Dissertação de mestrado, UNESP, 2008).  
[www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos\\_teses/GEOGRAFIA/Dissertacoes/disserta\\_lobato.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos_teses/GEOGRAFIA/Dissertacoes/disserta_lobato.pdf) (acessado em 27/03/2011)
- GODOY, Joaquim Floriano de. *A Província de São Paulo trabalho estatístico, histórico e noticioso*. (edição fac-símilie). São Paulo: Imprensa Oficial, 2007.
- GOMES, Angela de Castro. *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- Growth and Transformation* in [www.america.gov/st/educ-english/2008/June/20080610222721eaifas0.1542325.html](http://www.america.gov/st/educ-english/2008/June/20080610222721eaifas0.1542325.html)

- HOBBSAWM, Eric J. *Da revolução industrial inglesa ao imperialismo*. 4ª. Ed. Trad. Donaldson M. Garschagen. Rio de Janeiro: Forense, 1986.
- \_\_\_\_\_. *A era dos impérios 1875-1914*. Trad. Sieni Maria Campos e Yolanda S. de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- KEHL, Renato. *Lições de Eugenia*. 2ª.ed. Rio de Janeiro: Canton & Reile, 1935.
- KOSHIYAMA, Alice Mitika. *Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1982.
- LAJOLO, Marisa, org. *Monteiro Lobato*. São Paulo: Abril Educação, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2000.
- \_\_\_\_\_. "A figura do negro em Monteiro Lobato" (1998) disponível em <http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/lobatonegros.pdf> (acessado em 15/02/2011)
- LAJOLO, Marisa & Regina Zilberman. *Literatura infantil brasileira: História e histórias*. 6a. ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Um Brasil para crianças, para conhecer a literatura infantil brasileira*. São Paulo: Global, 1993.
- LAMARÃO, Sergio. "Os Estados Unidos de Monteiro Lobato e as respostas ao atraso brasileiro". *Lusotopie* 1 (2002): 51-68, disponível em <http://www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/lamarao.pdf> (acessado em 12/02/2011)
- LIMA, Nísia Trindade & Marchand, Marie-Hélène (org.) *Louis Pasteur & Oswaldo Cruz*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2005.
- LINS, Ivan. *História do Positivismo no Brasil*. 2P<sup>ap</sup>.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.
- LOBATO, Monteiro. *Prefácios e Entrevistas*. 2a.ed. São Paulo: Brasiliense, 1948.
- \_\_\_\_\_. *Urupês*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1955.
- \_\_\_\_\_. *América*. São Paulo: Brasiliense, 1955.
- \_\_\_\_\_. *O escândalo do petróleo e ferro*. São Paulo: Brasiliense, 1955.

- \_\_\_\_\_. *Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital*. São Paulo: Brasiliense, 1955.
- \_\_\_\_\_. *A barca de Gleyre*. 11<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Brasiliense, 1964.
- \_\_\_\_\_. *Conferências, artigos e crônicas*. 14<sup>a</sup>.ed. São Paulo: Brasiliense, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Viagem ao céu e O poço do Visconde*. São Paulo: Brasiliense, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Cartas escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Críticas e outras notas*. São Paulo: Globo, 2009.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira & Maria Cristina Soares Gouvêa, orgs. *Lendo e escrevendo Lobato*. 2<sup>a</sup>. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2001.
- MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista- Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo 1890-1922*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- MARTINS, Angela Maria, org. *O tempo e o cotidiano na História*. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1993.
- MASSIMI, Marina. *História da psicologia brasileira – da época colonial até 1934*. São Paulo: E.P.U., 1990.
- MASSIMI, Marina & Maria do Carmo Guedes, orgs. *História da psicologia no Brasil: novos estudos*. São Paulo EDUC Cortez 2004.
- MEIRELES, Cecília. *Problemas de literatura infantil*. 2a.ed. São Paulo: Summus, 1979.
- MOISES Leila Perrone. (org.) *Do positivismo à desconstrução – ideias francesas na América*. São Paulo: Edusp, 2004.
- MORAES, Eduardo Jardim de. *A brasilidade modernista: sua dimensão filosófica*. Rio de Janeiro, Graal, 1978.
- NEF, John. *La conquista Del mundo material – estúdios sobre El surgimiento Del industrialismo*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1969.
- NISBET, Robert. *História da ideia de progresso*. Trad. Leopoldo J.C. Jobim. Brasília: Editora Universida de Brasília, 1985.
- NUNES, Cassiano .(org.) *Monteiro Lobato vivo....* Rio de Janeiro: Record, 1986.



- NUNES, Cassiano. *Cartas de Monteiro Lobato a uma senhora amiga*. São Paulo: [s/ed.], 1983.
- \_\_\_\_\_. *Monteiro Lobato e Anísio Teixeira: o sonho da educação no Brasil*. São Paulo: [s/ed.], 1986.
- \_\_\_\_\_. *Monteiro Lobato – o editor do Brasil*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- SANDRONI, Luciana. *Minhas memórias de Lobato contadas por Emilia, Marquesa de Rabicó, e pelo Visconde de Sabugosa*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997.
- NUNES, Luciana Aparecida. “A literatura infantil de Monteiro Lobato e o ideário escolanovista”. *Revista de Iniciação Científica* da FFC 2 (2004) <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/view/94/95> (acessado em 27/03/2011).
- OLIVEIRA, Luciana Scognamiglio de. “Monteiro Lobato e a formação da literatura infantil brasileira: um possível questionamento sobre a ideia de ‘precursor’.” Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.
- PAIVA, Vanilda. *História da educação popular no Brasil*. 6ª. ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- PASSIANI, Enio. *Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil*. São Paulo: ANPOCS, 2003.
- PEREIRA, Rosane de Bastos. “Conhecimento científico e literatura”. *Foro Ibero Americano de Comunicação e Divulgação Científica*, [http://www.oei.es/forocampinas/PDF\\_ACTAS/COMUNICACIONES/grupo3/068.pdf](http://www.oei.es/forocampinas/PDF_ACTAS/COMUNICACIONES/grupo3/068.pdf) (acessado em 27/03/2011).
- PETRI, Kátia Cristina. “Terras e Imigração em São Paulo: Política Fundiária e Trabalho Rural”, edição nº 2 de junho de 2005, disponível em <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br>
- ROCHA, Simone. “Eugenia no Brasil: análise do discurso científico no Boletim de Eugenia: 1929-1933. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.
- RIBEIRO, José Antonio Pereira. *As diversas facetas de Monteiro Lobato*. São Paulo: Roswitha Kempf editores, s.d.
- ROSSI, Paolo. *Naufrágios sem espectador – a ideia de progresso*. São Paulo : Ed. UNESP, 2000.

- SACCHETTA, Vladimir, Carmen Lucia Azevedo & Marcia Camargos, orgs. *Monteiro Lobato - furacão na Botocundia*. 3ª.ed. São Paulo: SENAC, 2001
- SARAIVA, A. *Modernismo brasileiro e modernismo português: subsídios para o seu estudo e para a história das suas relações*. Campinas: UNICAMP, 2004.
- SAVIANI, Demerval. *A pedagogia no Brasil – história e teoria*. Campinas: Autores Associados, 2008.
- \_\_\_\_\_. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. 2ª. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.
- SCHARTZMAN, Simon., org. *Formação da comunidade científica no Brasil*. FINEP/Companhia Editora Nacional, 1979.
- SILVA, Vera Maria Tietzmann, org. . *Nem ponto nem vírgula – Estudos sobre Monteiro Lobato*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2007.
- STEFANO, Waldir. “Octavio Domingues e a eugenia no Brasil: uma perspectiva mendeliana. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.
- TEIXEIRA, Anísio. “Porque ‘Escola Nova’”. *Boletim da Associação Bahiana de Educação*. Salvador, n.1, 1930. p.2-30.
- \_\_\_\_\_. “Bases da teoria lógica de Dewey”. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v.23, n.57, jan./mar. 1955. p.3-27.
- \_\_\_\_\_. “Educação - problema da formação nacional”. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v.29, n.70, abr./jun. 1958. p.21-32.
- \_\_\_\_\_. “Dewey e a filosofia da educação”. *Boletim Informativo CAPES*. Rio de Janeiro, n.85, dez. 1959. p.1-2.
- \_\_\_\_\_. “O manifesto dos pioneiros da educação nova”. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v.65, n.150, maio/ago. 1984. p.407-425.
- TRAVASSOS, Nelson Palma. *Minhas memórias dos monteiros lobatos*. São Paulo: Edart, 1964.
- TRINGALI, D. “A criança na literatura ocidental (alguns aspectos)” in *Homenagem da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara*. Governo do Estado de São Paulo, UNESP.

VIANNA, A. & Priscila Fraiz. *Conversa entre amigos. Correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Salvador/Rio de Janeiro: Fundação Cultural do Estado da Bahia/Fundação Getúlio Vargas- CPDOC.

ZILBERMAN, Regina (org.). *Atualidade de Monteiro Lobato – uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado aberto, 1983.

ZILLES, Urbano. *Grandes tendências na filosofia do século XX e sua influência no Brasil*. Caxias do Sul: RS EDUCS, 1987